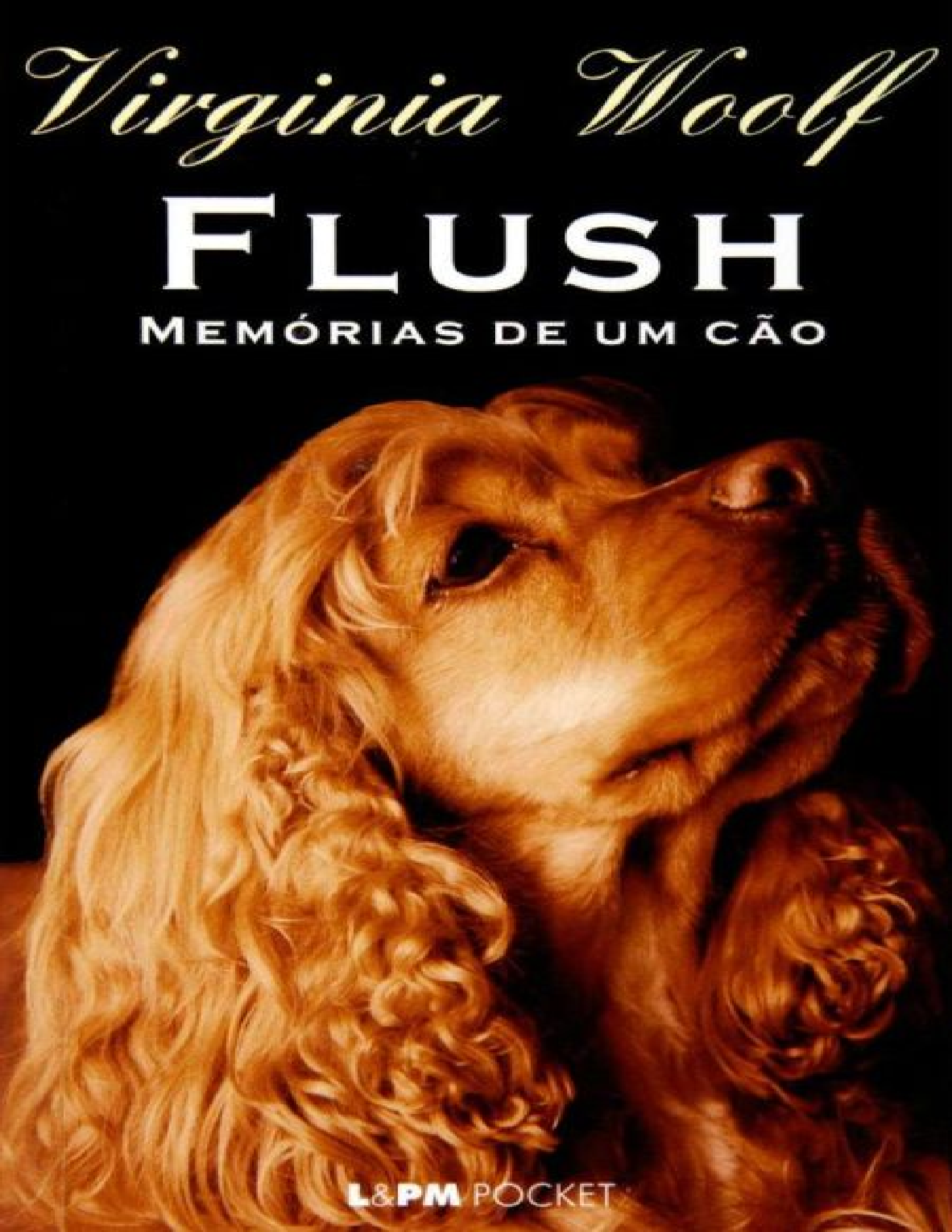
Virginia Woolf

FLUSH

MEMÓRIAS DE UM CÃO



L&PM POCKET

Flush
memórias de um cão



Virginia Woolf

FLUSH
MEMÓRIAS DE UM CÃO
TRADUÇÃO DE ANA BAN
Título original: Flush
Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre foto da Getty Imagens do Brasil Ltda, American Cocker Spaniel, Champy
Revisão: Caroline Chang, Renato Deitos e Jó Saldanha
ISBN: 85.254.1164-7
W913f Woolf, Virgínia, 1882-1941.
Flush / Virgínia Woolf; tradução de Ana Ban. -— Porto Alegre: L&PM, 2003.
Ficção inglesa-Romances
CDD 823
CDU 820-3
Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.
The Estate of Virginia Woolf 1933
L&PM EDITORES Rua Comendador Coruja 314, loja 9, CEP: 90220-180
Floresta, Porto Alegre RS fone: (0xx51) 3225-5777
Impresso no Brasil
Outono de 2003

APRESENTAÇÃO

No início dos anos 1930, Virginia Woolf (1882-1941) já acumulava em sua biografia a maior parte das realizações pelas quais ficaria conhecida. Era uma crítica literária de renome, escrevendo regularmente desde 1905 no suplemento literário do jornal inglês The Times. Na companhia do marido, o também crítico e escritor Leonard Woolf, com quem se casara em 1912, mantinha a editora Hogarth Press, fundada pelo casal em 1917 e responsável pela publicação de autores como T. S. Eliot, Katherine Mansfield, Górki, além da obra completa de Sigmund Freud. Virginia era figura central do célebre grupo de Bloomsbury, como veio a ser chamado o círculo de vanguarda intelectual que desde 1904 reunia em Londres nomes como a pintora Vanessa (irmã de Virginia) e o crítico de arte Clive Bell, o economista John Maynard Keynes, o historiador Lytton Strachey, a poeta Vita Sackville-West e o romancista E. M. Forster. Publicara *A room of one's own* (1928), um livro de ensaios nos quais desenvolveu suas idéias sobre literatura e feminismo, assim como os romances A viagem (1915), Noite e dia (1919), O quarto de Jacob (1922), Mrs. Dalloway (1925), Passeio ao farol (1927) e Orando (1928). As duas primeiras obras de ficção, seguindo modelos um tanto quanto tradicionais, prepararam o terreno para o quarto de Jacob e para os outros que vieram depois: nestes é que a escritora reinventou a narrativa ficcional moderna, obtendo, além disso, sucesso de crítica. No início da década de 1930, Virginia também já apresentava um histórico de saúde mental frágil, que culminaria no seu suicídio, em 1941, e que era então atestado por uma série de colapsos nervosos: primeiro, com a morte da mãe, Julia, em 1895; depois, com o falecimento do pai, Leslie, em 1904; e novamente logo após o seu casamento com Leonard.

Deste modo, foi do ápice de uma carreira literária e profissional que Virginia Woolf compôs e publicou, em 1931, o romance As ondas, sua experiência mais radical, desprovida de um

enredo tal qual se conhecia. Tal experimentalismo extenuou a escritora, que encontrou um divertimento relaxante na leitura das cartas de amor dos poetas vitorianos Robert Browning (1812-1889) e Elizabeth Barrett Browning (1806-1861).

Robert e Elizabeth, além de figurarem entre as vozes poéticas mais conhecidas da Grã-Bretanha do século XIX, personificaram, de várias maneiras, a veia romântica da literatura inglesa. Em 1844, Elizabeth Barrett era a poetisa mais popular do seu país. De saúde frágil, quase inválida, ela viveu por anos a fio reclusa no quarto que ocupava na casa de sua família. Longe das pessoas e da luz do sol, facilitada pela confortável situação financeira dos Barrett, dedicava-se às suas poesias, à leitura e aos estudos. Neste ano, Robert Browning, um poeta então virtualmente desconhecido, ousou escrever à renomada autora para elogiar os seus poemas. O resultado foram centenas de cartas trocadas em um espaço de quinze meses, alguns encontros na casa onde Elizabeth morava com seu ciumento pai e seus irmãos, no número 50 da Wimpole Street, em Londres; o restabelecimento da saúde precária da escritora e, no dia 12 de setembro de 1846, na primeira vez em que os dois se encontraram juntos fora da mansão da família Barrett, um casamento às escondidas. À cerimônia clandestina se seguiu uma fuga para a ensolarada Itália (país que gozava de um lugar privilegiado no imaginário romântico inglês desde que Byron lá se exilara, levando consigo Mary e Percy Bysshe Shelley, Mary Godwin e outros). O casal teve um filho, Pen, e viveu junto, em Florença, até junho de 1861, quando Elizabeth faleceu. Após a morte da esposa, Robert consolidou sua reputação literária, tornando-se um poeta conhecido pela obra profícua e por seus monólogos dramáticos.

Pois foram as cartas de amor de Elizabeth Barrett e Robert Browning que Virginia escolheu para descansar sua mente após a exaustiva experiência de As ondas. O que mais lhe chamou a atenção nas epístolas, entretanto, foi a singular figura de um cão ─ Flush ─, companheiro inestimável da adoentada Elizabeth.

Nas cartas para seu bem-amado, a poetisa descrevia as atitudes de Flush, seu cocker spaniel dourado de estimação. O cão

lhe fora dado de presente por uma amiga, a Sra. Mitford, na esperança de que a sua presença alegrasse a monótona vida de Elizabeth. Nada podia se revelar mais verdadeiro: Flush demonstrou tamanha docilidade e amizade que se tornou a principal companhia da escritora, conseguindo com que ela saísse à rua, às vezes, e deixasse que as cortinas do seu quarto fossem abertas para a entrada de luz. Elizabeth, por sua vez, mimava-o, considerava-o como a uma pessoa e prestava atenção nas menores reações de Flush, insistindo com todos e principalmente com Robert quanto à inteligência e à capacidade de compreensão do cão (chegou a afirmar que ele conseguia identificar letras do alfabeto).

Em 1931, em pleno verão inglês, Virginia Woolf deliciou-se com a imagem deste cachorro inusitadamente vivo e esperto que brotava da correspondência Barrett-Browning. Como uma brincadeira literária, resolveu dar vida a Flush, como ela própria explicou em carta à sua amiga Ottoline Morreli: "Flush é apenas uma brincadeira. Eu estava tão cansada após *As ondas* que deitei no jardim e li as cartas de amor dos Brownings, e a imagem do cachorro deles me fez rir tanto que não pude deixar de dar-lhe vida".

Tratava-se de uma tolice, uma piada, como a própria Virginia referiu várias vezes a diversas pessoas. Mas a "brincadeira" consumiu cerca de dezoito meses de trabalho da escritora, já que o livro foi terminado em janeiro de 1933 e publicado em outubro daquele mesmo ano.

A autora, cujos romances revolucionários haviam obtido sucesso de crítica mas sem ultrapassar uma carreira comercial modesta, foi pega de surpresa pela acolhida mais do que favorável do público para com Flush -isto sim, uma novidade em sua carreira. Mas os pares intelectuais de Virginia também receberam bem a obra, que foi escolhida como livro do mês de outubro de 1933 pela Book Society; uma espécie de círculo de leitura da época. Tanta publicidade em cima de uma criação bem-humorada e despretensiosa pode ter incomodado um pouco a escritora ─ que, afinal de contas, preferia que se lessem seus textos mais seriamente experimentais. Mas não a ponto de ela não se alegrar

com a carreira internacional do livro, como se pode ver em sua correspondência do dia 13 de janeiro de 1934, ao seu editor americano, Donald Brace: "Fico muito feliz por Flush estar indo tão bem aí. Eu não tinha idéia de que seria tão popular". Virginia, que estava acostumada a sobreviver, como o marido, da Hogarth Press e de suas resenhas críticas, conheceu o êxito de vendas, como testemunha uma oferta de auxílio financeiro feita à irmã, a pintora Vanessa Bell, em maio de 1934: "Você não acha que seria mais sensato deixar que eu lhe dê 100 libras para comprar um carro novo? Me parece bobagem mandar arrumar o veículo velho, se não vai ficar realmente bom. (...) Sugiro que você e Duncam me permitam dar-lhes isto como um presente de aniversário. Estou muito melhor do que esperava, graças a Flush".

Mas, se Flush foi um sucesso de público por ser a mais acessível das obras ficcionais de Virginia Woolf, é igualmente verdade que conquistou leitores e críticos também porque repousa sobre as singulares e revolucionárias noções narrativas da autora. Embora se baseie em figuras reais e históricas, a escritora teve que imaginar todo um mundo visto pela ótica de um cão de raça no século XIX, como fica claro em suas próprias palavras: "Na verdade, muito pouco se sabe sobre Flush, e tive que inventar bastante. Espero, entretanto, ter lançado um pouco de luz sobre o seu personagem. Quanto mais o conheço, mais afeição sinto por ele". Virginia imbuiu as aventuras de Flush de um certo tom paródico e irônico, de crítica social, fazendo referência a uma sociedade vitoriana burguesa da qual ainda havia fortes resquícios na época em que ela escrevia. E, sobretudo, não seria possível um retrato tão vivaz de um animal se não fosse a convicção da autora de que se devia explorar o fenômeno da consciência para muito além dos limites dados pelo realismo. Desta maneira, Flush pode funcionar para o leitor como uma porta de entrada à obra de Virginia Woolf — como um suave passeio ao universo ficcional e cultural da escritora que mais influência teve na literatura moderna.

Virginia, que viu muita coisa, não teve tempo de ver em perspectiva o seu legado literário. Não tivesse cessado de existir precocemente, aos 59 anos de idade, em 28 de março de 1941,

talvez viesse a perceber que, se Flush é uma brincadeira, trata-se de uma brincadeira literária virtuosística que só consegue obter aquele autor que já encontrou sua própria voz ─ e que se sente confortável com ela.

OS EDITORES

CAPÍTULO 1



Three Mile Cross

É fato amplamente conhecido que a família de origem do protagonista destas memórias remonta a períodos antiquíssimos. Sendo assim, não é de se estranhar que a própria gênese de seu nome esteja perdida na incerteza. Há vários milhões de anos, o país que hoje se chama Espanha agitava-se indócil na efervescência da criação. Eras transcorreram; a vegetação apareceu; onde há vegetação, a lei da Natureza decreta que devam existir coelhos; e, onde existem coelhos, a Providência Divina ordena que existam cães. Não há nada nesta afirmação que suscite questionamentos ou comentários. Mas as dúvidas e as dificuldades surgem ao nos perguntarmos por que o cão que capturou o coelho foi chamado de Spaniel. Alguns historiadores dizem que, quando os cartagineses aportaram na Espanha, os soldados rasos gritavam em uníssono: "Span! Span!" ─ já que coelhos disparavam como flechas do interior de todas as moitas e arbustos. Os coelhos davam vida àquela terra. E span, na língua dos cartagineses, significa coelho. Assim, a terra foi batizada de Hispania, ou seja, "coelhândia". E os cães, que vinham sempre no encalço dos coelhos, foram apelidados de spaniels, ou "cães-coelheiros".

Muitos de nós esqueceriam o assunto por aí. Mas a verdade nos compele a lembrar que há outra linha de pensamento defendendo uma teoria totalmente diferente. Segundo esses

estudiosos, a palavra Hispania não tem absolutamente nada a ver com a cartaginesa span. Hispania vem da expressão basca espaia, que significa borda ou fronteira. Se for assim, então coelhos, arbustos e soldados ─ todos os elementos daquele cenário tão agradável e romântico ─ precisam ser apagados da mente; e assim devemos simplesmente supor que um Spaniel chama-se spaniel porque a Espanha chama-se Espana. Existe ainda uma terceira escola de estudiosos: para esses, do mesmo modo que um amante chama a sua companheira de coisas como monstrinho ou macaquinha", também os espanhóis chamavam seus cães preferidos de tortos ou desfigurados (a palavra espana também pode assumir esses significados), porque um spaniel é, sabidamente, o oposto disso ─ mas essa conjectura é extravagante demais para ser levada a sério.

Deixando para trás tais teorias, além de muitas outras que poderiam fazer com que nos detivéssemos aqui, chegamos ao País de Gales em meados do século X. O spaniel já estava lá, trazido, segundo algumas fontes, pelo clã espanhol de Ebhor ou de Ivor havia muitos séculos; e, certamente, em meados do século X, era um cão de alta reputação e valor. "O spaniel do Rei vale uma libra", Howel Dha* registrou em seu Livro de Leis. E, quando se pensa no que era possível comprar com uma libra no ano 948 d. C. ─ esposas, escravos, cavalos, bois, perus e gansos ─, fica claro que o spaniel era um cão de reputação e valor. Ele já tinha seu lugar ao lado do Rei. Sua família era mais honrada do que a de muitos monarcas famosos. Ele circulava livremente em palácios onde membros das famílias reais dos Plantagenet e dos Tudor e dos Stuart chafurdavam na lama para ganhar destaque. Muito antes de sobrenomes notáveis como Cavendish e Russel terem subido um degrau acima da gentalha dos Smith, Jones e Tomkin, a família spaniel já era um clã distinto e à parte. Os séculos fizeram seu papel, e ramos menos importantes separaram-se do tronco principal.

Gradualmente, à medida que a história inglesa seguiu seu curso, surgiram pelo menos sete famílias spaniel de renome ─ os clumber, os sussex, os norfolk, os black field, os cocker, os irish

water e os english water —, todas descendentes dos spaniels pré-históricos, mas com características distintas entre si; e não há dúvida de que reivindicavam seus privilégios em nome desta distinção. A existência de uma aristocracia de cães durante o reinado da Rainha Elizabeth é comprovada pelo relato de Sir Philip Sidney* em sua obra Arcadia: "... galgos, spaniels e cães de caça equivalem, nesta ordem, a lordes, cavalheiros e vassalos da esfera canina No entanto, se por conta disso formos impelidos a acreditar que os spaniels seguiam o exemplo humano, admirando os galgos como seus superiores e classificando os cães de caça a um nível mais baixo, somos obrigados a admitir que a aristocracia deles baseava-se em razões mais justas do que a nossa. Pelo menos deve ser essa conclusão a que chega qualquer pessoa que estude as leis do Spaniel Club. Essa nobre associação determina, de maneira bem clara, quais são os defeitos e as virtudes de um spaniel. Olhos claros, por exemplo, não são desejáveis; orelhas curvadas são ainda piores; nascer com o focinho claro ou com um topete é pior do que a morte. Os méritos do spaniel são definidos com a mesma clareza. Seu rosto deve ter linhas regulares, sem que haja uma curva muito acentuada até o focinho; a cabeça deve ser relativamente arredondada e bem desenvolvida, de modo que haja espaço bastante para a força do pensamento; os olhos devem ser proeminentes, mas não saltados; a expressão geral, de inteligência e doçura. O spaniel que exibe tais características deve ser promovido e reproduzido; o spaniel que seguidamente gera crias com topete e focinho claro terá suspendidos os privilégios e os emolumentos reservados à sua raça. Portanto, os juízes determinam as leis e, determinando as leis, impõem punições e privilégios para assegurar o cumprimento da lei.

Mas, se voltarmos nossa atenção para a sociedade humana, veremos apenas caos e confusão! Nenhum clube tem esse tipo de jurisdição sobre as misturas raciais entre os homens. O Herald's College, que guarda os registros dos escudos de armas das famílias nobres, é a nossa instituição que mais se aproxima do Spaniel Club. Pelo menos, tenta de alguma forma preservar a pureza da família humana. Mas, quando se pergunta o que constitui

um nascimento nobre — se os olhos devem ser claros ou escuros; as orelhas, curvadas ou retas; os topetes, fatais ou não —, os juízes simplesmente mostram o escudo de armas que representa a linhagem do indivíduo em questão. Talvez a pessoa nem mesmo tenha direito a um escudo de armas. Nesse caso, não é ninguém. No entanto, provar que seus dezesseis bisavós eram nobres — garantindo assim o direito de usar um brasão — basta para afirmarem que o indivíduo não nasceu simplesmente, mas que nasceu nobremente. Assim, nem mesmo um reles saleiro em Mayfair, uma das áreas mais chiques de Londres, deixa de ter gravado seu leão deitado ou sua sereia empinada. Até mesmo os vendedores de roupa de cama exibem seu escudo de armas sobre a porta, como se aquilo provasse que é seguro dormir nos lençóis vendidos por eles. Em qualquer lugar, a posição social é admirada, e suas virtudes são ostentadas. No entanto, quando se examina as Casas Reais de Bourbon, de Habsburgo e de Hohenzollern, decoradas com infindáveis brasões e escudos de armas, incontáveis leões e leopardos, deitados ou empinados, percebe-se que seus membros hoje se encontram exilados, afastados das posições de autoridade e julgados como não merecedores de respeito. Não há mais nada a fazer além de sacudir a cabeça e admitir que os juízes do Spaniel Club foram mais coerentes em seu julgamento. Para reforçar a idéia dessa lição, deixamos de lado assuntos de tão alta importância e nos voltamos aos primeiros meses de vida de Flush, com a família dos Mitford.

Por volta do final do século XVIII, uma família da raça mais famosa entre os spaniels vivia perto de Reading*, na casa de um certo Doutor Midford ou Mitford. Este senhor, seguindo os padrões do Herald's College, escolheu escrever seu nome com um *t* e, portanto, clamava descendência da família dos Mitford do Castelo de Bertram, em Nothumberland. Sua esposa, uma certa Senhorita Russeli, era descendente legítima, ainda que de maneira remota, da família do Duque de Bedford. A formação de casais entre os ancestrais do Doutor Mitford, no entanto, foi conduzida sem que se desse a menor atenção aos princípios do sangue puro, de maneira que juiz nenhum poderia ter admitido sua alegação de que seria

fruto de uma linhagem nobre nem permitiria que perpetuasse a espécie. Seus olhos eram claros; suas orelhas, curvadas; sua cabeça exibia o topete fatal. Em outras palavras, ele era completamente egoísta, descuidadamente extravagante, mundano, falso e viciado em jogo. Gastou toda a sua fortuna, assim como a da esposa, além das rendas da filha. Abandonou-as quando passou por um momento de prosperidade e as sugou quando viveu um período de doença. Mas é preciso dizer que tinha dois pontos a seu favor: sua imensa beleza pessoal ─ era tal qual um Apoio, até que a gula e o abuso do álcool transformassem Apolo em Baco ─ e sua imensa afeição por cães. Mas não restam dúvidas de que, se existisse um Clube de Homens, assim como existe o Spaniel Club, não adiantaria nada escrever Mitford com *t* em vez de *d* nem chamar os Mitford do Castelo de Bertram de primos: nada teria sido suficiente para protegê-lo da humilhação e do desprezo, de todas as punições reservadas aos fora-da-lei e àqueles que estão no ostracismo; de ser classificado como um homem-vira-lata, impróprio para dar continuidade à sua espécie. Mas ele era um ser humano. Portanto, nada o impedia de casar-se com uma lady autêntica ─ por nascimento e criação ─, de viver mais de 80 anos, de possuir diversas gerações de galgos e de spaniels e de gerar uma filha.

Nenhum tipo de pesquisa foi capaz de determinar com exatidão o ano de nascimento de Flush, isso sem falar no mês ou no dia; mas é provável que tenha nascido no início de 1842. Também é provável que fosse descendente direto de Tray (nascido em 1816), cujas características, infelizmente preservadas apenas pelo meio duvidoso da poesia, demonstram que ele era um cocker spaniel ruivo, merecedor de todos os méritos possíveis. Há razões de sobra para acreditar que Flush era filho daquele "cocker spaniel muito velho , pelo qual o Doutor Mitford recusou uma oferta de vinte guinéus "por conta de sua superioridade no setor". Por azar, é também na poesia que está a descrição mais detalhada do próprio Flush quando filhote. Sua pelagem tinha aquele tom castanho-escuro específico "que o sol deixa dourado . Seus olhos eram cor de avela, espertos e meigos Suas orelhas eram "felpudas", suas "patas esbeltas" eram adornadas com franjas , e seu rabo era

amplo. Descontando os floreios exigidos pelas rimas e a imprecisão do enunciado poético, não há nada aqui que contrarie as exigências do Spaniel Club. Não se pode duvidar de que Flush era um cocker de sangue puro, ostentando a pelagem ruiva e todas as características que marcam os melhores espécimes de sua raça.

Os primeiros meses de sua vida passaram-se em Three Mile Cross, um chalé simples, próximo a Reading. Já que os Mitford passavam por um período de privação ─ a única criada era Kerenhappock ─, a própria Senhora Mitford costurava os forros das cadeiras, usando o tecido mais barato que estivesse à disposição; a peça de mobília mais importante parecia ser uma mesa grande; e o cômodo mais importante, uma grande estufa ─ parece improvável que Flush tenha sido rodeado dos luxos que hoje estariam garantidos a cães de sua classe, como canis à prova de chuva, passarelas de cimento, uma empregada ou um garoto para cuidar exclusivamente dele. Mas seu desenvolvimento foi saudável; ele aproveitou, com toda a vivacidade de seu temperamento, a maior parte dos prazeres e algumas das licenciosidades normais de sua idade e seu sexo. É verdade que a Senhorita Mitford passava a maior parte do tempo confinada no chalé. Ela era obrigada a ler em voz alta para seu pai horas a fio; em seguida, tinha que jogar cartas com ele; e depois, quando ele finalmente tirava um cochilo, precisava acomodar-se à mesa da estufa e escrever sem parar, para tentar pagar as contas e saldar as dívidas. Mas, no final, o momento tão esperado sempre acabava chegando. Ela colocava os papéis de lado, enfiava um chapéu na cabeça, pegava o guarda— chuva e saía para uma caminhada pelos campos com seus cães. Por natureza, os spaniels são solidários; Flush, como sua história comprova, tinha uma afeição até mesmo excessiva pelas emoções humanas. A visão de sua querida dona finalmente respirando ar fresco, permitindo que o vento despenteasse seus cabelos brancos e colocasse um pouco de cor em sua face, enquanto as rugas de seu imenso cenho se suavizavam, excitavam-no a ponto de sair saltitando violentamente, em parte por alegria, em parte por solidariedade ao prazer dela. À medida que atravessava a grama alta, ele saltitava aqui e acolá, abrindo espaços na cortina verde, Os

glóbulos frios de orvalho ou de chuva espalhavam-se em borrifos furta-cor em volta de seu focinho; o solo, em alguns locais duro, em outros, fofo, frio, ou quente, pinicava, incomodava e fazia cócegas nas almofadinhas de suas patas. Além disso, um enorme sortimento de cheiros combinavam-se nas variações mais sutis possíveis e intrigavam suas narinas; cheiros fortes de terra, cheiros doces de flores; cheiros inomináveis de folhas e de amoras; cheiros acres quando atravessavam a estrada; cheiros pungentes quando entravam nos campos de feijões. Mas, de repente, o vento trazia um cheiro cortante, mais acentuado, mais forte, mais lancinante do que qualquer outro — um cheiro que invadia o cérebro dele e aguçava mil instintos, liberando um milhão de lembranças — o cheiro de lebre, o cheiro de raposa. Ele perseguia aquele odor como um peixe com pressa de subir o rio, pensando apenas em seguir em frente. Esquecia-se da existência de sua dona; esquecia-se da existência de toda a raça humana. Ouvia homens morenos gritando "Span! Span!" Ouvia chicotes estalando. Corria, disparava. Afinal, parava, atordoado; o encantamento se dissipara; vagarosamente, abanando o rabo em sinal de submissão, trotava pelos campos de volta ao local de onde a Senhorita Mitford gritava "Flush! Flush! Flush!" e sacudia seu guarda-chuva. E, pelo menos uma vez, o chamado foi ainda mais inevitável; a trompa de caça suscitou instintos mais profundos, aguçou emoções mais selvagens e mais fortes, que transcenderam a memória e fizeram com que se esquecesse da grama, das árvores, da lebre, do coelho e da raposa em um grito louco de êxtase. O amor fez brilhar sua tocha em seus olhos; ele ouviu a trompa de caça da Vênus. Antes de deixar completamente de ser um filhote, Flush já era pai.

Mesmo em um homem, tal conduta, no ano de 1842, teria exigido certa justificativa da parte do biógrafo; se fosse uma mulher, não haveria justificativa cabível; o nome dela simplesmente teria de ser riscado da página em desonra. Mas o código moral dos cães, por bem ou por mal, é certamente diferente do nosso, e não há nada nessa conduta específica de Flush que exija disfarces ou que invalide sua posição de representante puro e casto na sociedade da época. Há indícios, por assim dizer, que o irmão mais velho do

Doutor Pusey estivesse ansioso para comprá-lo. Baseando— se no que se conhece a respeito do caráter do Doutor Pusey, é possível imaginar o caráter de seu irmão e, assim, concluir que havia algo de sério e de sólido, além da promessa de excelência, no futuro de Flush, independentemente da frivolidade que se apresentava em sua vida de filhote. Mas uma prova muito mais significativa a respeito da natureza encantadora de seus dons é que, apesar de o Senhor Pusey desejar comprá-lo, a Senhorita Mitford recusou-se a vendê-lo. Deve ter sido difícil para ela dispensar a soma oferecida pelo irmão mais velho do Doutor Pusey, já que estava absolutamente desorientada em relação a dinheiro, mal sabendo qual tragédia escrever ou qual anuário editar, recorrendo ao expediente odioso de pedir ajuda aos amigos. Haviam oferecido vinte libras pelo pai de Flush. A Senhorita Mitford bem que poderia ter pedido dez ou quinze por Flush. A soma de dez ou quinze libras era suntuosa, uma soma magnífica para se ter à disposição. Com dez ou quinze libras ela poderia ter reformado as cadeiras, poderia ter plantado mudas novas na estufa, poderia ter comprado um guarda— roupa completo, e "eu não comprei nenhum chapéu, nenhum capa, nenhum vestido, nem mesmo um par de luvas, nos últimos quatro anos", escreveu em 1842.

Mas vender Flush era impensável. Ele fazia parte daquela rara ordem de objetos que não se pode associar a dinheiro. Será que ele não era de um tipo mais raro ainda que, por incorporar tudo o que é espiritual e que se encontra além do preço, transforma-se em um símbolo perfeito para o desinteresse da amizade; e pode ser oferecido, sob esse pretexto, para uma amiga que seja mais como uma filha do que como uma amiga, se é que alguém tem sorte bastante para ter uma pessoa assim; para uma amiga que fica reclusa durante todo os meses do verão em um quarto de fundos em Wimpole Street, para uma amiga que não é nada menos do que a poetisa mais audaz da Inglaterra, abrilhante, desenganada e adorada, a própria Elizabeth Barrett? Tais pensamentos vinham à mente da Senhorita Mitford com cada vez mais frequência à medida que observava Flush rolando e correndo sob o sol; à medida que ela se acomodava ao lado do sofá da Senhorita Barrett em seu quarto

em Londres, escuro e em tons de verde. Sim, Flush era digno da Senhorita Barrett; a Senhorita Barrett era digna de Flush. O sacrifício seria enorme, mas o sacrifício precisava ser feito. Assim, certo dia, provavelmente no início do verão do ano de 1842, um casal extraordinário deve ter sido avistado, descendo Wimpole Street — uma senhora idosa bem baixa, corpulenta e maltrapilha, com o rosto vermelho-vivo e os cabelos bem brancos, trazendo pela coleira um filhote de cocker spaniel dourado, muito vivaz, muito curioso e muito bem-criado. Percorreram quase toda a extensão da rua até pararem na frente do número 50. Não sem tremer, a Senhorita Mitford tocou a campainha.

Até mesmo nos dias de hoje, talvez ninguém seja capaz de tocar a campainha de uma casa em Wimpole Street sem tremer. É a rua mais imponente de Londres, a mais impessoal. De fato, quando o mundo parece estar se despedaçando em ruínas e a civilização parece tremer sobre as bases, basta ir até Wimpole Street, caminhar por aquela avenida, observar aquelas casas, avaliar sua uniformidade, maravilhar-se com as cortinas das janelas e com sua harmonia, admirar os batentes de latão polido das portas e sua regularidade, observar açougueiros oferecendo peças inteiras de carne e cozinheiras recebendo a mercadoria, calcular a renda de seus habitantes e deduzir daí sua consequente submissão às leis de Deus e dos homens — basta ir até Wimpole Street e beber profundamente da paz exalada dessa fonte pura para ostentar um suspiro de agradecimento por Wimpole Street permanecer lá, imutável, enquanto Corinto caiu e Messina desabou, enquanto coroas foram levadas pelo vento e antigos Impérios consumiram-se em chamas. Quando se sai de Wimpole Street e se entra em Oxford Street, uma prece enche o coração e sai dos lábios como uma súplica, para que nenhum tijolo de Wimpole Street seja deslocado, que nenhuma cortina seja lavada, que nenhum açougueiro deixe de oferecer seus tenros bifes e nenhuma cozinheira deixe de receber sua maminha, seu pernil, seu peito, suas costelas de cordeiro e seu filé para todo o sempre, porque, enquanto Wimpole Street continuar lá, a existência da civilização estará garantida.

Mesmo hoje, os mordomos de Wimpole Street movimentam-se com solenidade; no verão de 1842, sua atitude era deliberadamente mais silenciosa. Naquele tempo, as leis da criadagem eram ainda mais rígidas e observadas com mais atenção; o ritual do avental de lã verde para limpar a prataria; do colete e casaca de tecido preto listrado para abrir a porta da frente. É provável, portanto, que a Senhorita Mitford e Flush tenham esperado pelo menos três minutos e meio à porta. Finalmente, no entanto, a porta do número 50 escancarou-se; a Senhorita Mitford e Flush foram recebidos e convidados a entrar. A Senhorita Mitford era visita frequente, não havia razão para surpresa, apesar de ela sempre se sentir um pouco oprimida ao observar a mansão da família Barrett. Mas o efeito produzido pela mesma ação sobre Flush deve ter sido extremamente desconcertante. Até o momento, ele não havia entrado em nenhuma casa a não ser o simples chalé em Three Mile Cross. Lá, o assoalho ficava descoberto, os capachos eram puídos, as cadeiras eram baratas. Aqui, nada ficava descoberto, nada era puído, nada era barato ─ isso Flush pôde constatar com uma olhadela. O Senhor Barrett, o dono da casa, era um comerciante rico; tinha uma extensa prole de filhos e filhas já crescidos e um séquito, proporcionalmente grande, de serviçais. Sua casa era mobiliada de acordo com a moda do final da década de 1830, indubitavelmente guardando certo resquício da fantasia oriental que o guiara quando construiu uma casa em Shropshire e a adornou com os domos e as estruturas em forma de meia-lua da arquitetura moura. Aqui em Wimpole Street tal extravagância não seria admitida; mas é possível supor que os quartos escuros, de pé-direito alto, estivessem cheios de otomanas e de mogno entalhado; que as mesas fossem curvadas, com enfeites de filigrana sobre elas; que adagas e espadas estivessem penduradas nas paredes cor-de-vinho-escuro; que objetos curiosos, trazidos de sua propriedade nas Índias Orientais, estivessem acomodados nos nichos das paredes e que tapetes espessos e trabalhados enfeitassem o chão.

Mas enquanto Flush se apressava atrás da Senhorita Mitford, que seguia o mordomo, ele se impressionava mais pelo que

farejava do que por aquilo que via. Pelo funil da escadaria subiam lufadas quentes de carnes assadas no forno, de frangos temperados, de sopas fumegantes ─ para narinas acostumadas ao parco sabor do cozido de carne com fritas de Kerenhappock, aqueles cheiros eram quase tão suculentos quanto o alimento em si. Misturados ao cheiro da comida, havia outros odores ─ cheiros de cedro, e de sândalo, e de mogno; cheiros de corpos masculinos e de corpos femininos; de empregados e de empregadas; de casacos e de calças; de armações de vestidos e de capotes; de cortinas tecidas, de cortinas de plush; de cinzas de carvão e de fumaça; de vinho e de charutos. Cada aposento por que passava ─ sala de jantar, sala de visitas, biblioteca, quarto ─ bafejava sua contribuição para a mistura geral; ao mesmo tempo, à medida que ele pousava uma pata seguida da outra no chão, sentia-se como que acariciado e envolvido pela sensualidade dos preciosos tapetes felpudos que se fechavam amorosamente ao redor de seus pés. Enfim, chegaram até uma porta fechada nos fundos da casa. Bateu-se de leve na porta, e ela se abriu lentamente.

O quarto da Senhorita Barrett ─ pois era isso que havia atrás da porta ─ era provavelmente escuro, de acordo com todos os relatos. A luz, normalmente impedida de entrar por uma cortina de tecido verde adamascado, no verão ficava ainda mais fraca por conta da hera, dos feijões— escarlates, dos convólvulos e dos nastúrcios que cresciam na floreira da janela. De início, Flush não conseguia distinguir nada naquele quarto esverdeado, a não ser cinco globos brancos que brilhavam e pairavam no ar de maneira misteriosa. Porém, mais uma vez, foi o cheiro do quarto que o arrebatou. Apenas um estudioso que tenha descido, pé ante pé, até o fundo de um mausoléu, encontrando uma cripta incrustada de mofo, escorregadia de limo, exalando cheiros acres de apodrecimento e de antiguidade, enquanto bustos semidestruídos de mármore pairavam no ar, e que só era capaz de enxergar o seu redor com a ajuda da luz fraca que vinha da pequena lamparina que carregava na mão, direcionando-a para cima e para baixo, de um lado para o outro, olhando ora aqui, ora ali ─ só as sensações de um explorador que houvesse penetrado nas câmaras funerárias de

uma cidade em ruínas poderiam ser comparadas à confusão de emoções que. invadiram os nervos de Flush quando ele entrou pela primeira vez no quarto de uma pessoa inválida, em Wimpole Street, e sentiu o cheiro da eau-de-cologne .

Muito lentamente, muito vagamente, depois de muito fuçar e sentir o terreno cautelosamente, Flush começou a distinguir o delineamento de diversos itens de mobília. Talvez aquele enorme objeto ao lado da janela fosse um guarda-roupa. Ao lado dele, parecia, havia uma cômoda. No meio do quarto, emergia à superfície uma mesa que parecia ter um anel à sua volta; e então afloraram as estruturas amorfas de uma poltrona e de outra mesa. Mas tudo estava disfarçado. Em cima do guarda-roupa havia três bustos brancos; a cômoda trazia prateleiras de livros em seu tampo; as prateleiras eram forradas de merino carmim; sobre o lavatório, havia uma torre de estantes; sobre as estantes que ficavam sobre o lavatório havia mais dois bustos. Nada no quarto era o que era; tudo era algo mais. Nem a persiana era uma simples persiana de musselina; era um tecido pintado com um desenho de castelos, de caminhos e de bosques de árvores, além de diversos camponeses passeando. Espelhos distorciam ainda mais esses objetos por si já distorcidos, de maneira que parecia haver dez bustos de dez poetas em vez de cinco; quatro mesas em vez de duas. E, de repente, uma confusão ainda mais aterradora instalou-se. De repente, Flush avistou outro cão, com olhos brilhantes que cintilavam e a língua pendurada para fora da boca, encarando-o de um buraco na parede! Parou, assombrado. Depois seguiu seu caminho, apavorado.

Às vezes avançando, às vezes recuando, Flush não ouvia quase nada, a não ser o farfalhar distante do vento passando através das copas das árvores, o murmúrio e o tagarelar de vozes conversando. Deu continuidade a sua investigação, cuidadosamente, como um explorador avançando floresta adentro com passos cautelosos, sem saber direito se a sombra logo adiante é um leão ou se a raiz mais à frente é uma serpente. Finalmente, no entanto, teve consciência dos enormes objetos que se confundiam acima dele e, nervoso como estava devido aos

acontecimentos da última hora, escondeu-se, tremendo, atrás de um biombo. As vozes cessaram. Uma porta fechou-se. Por um instante, ele parou, desnorteado, nervoso. Então, com a brutalidade do ataque de um tigre com as garras para fora, uma lembrança veio à sua mente. Sentiu-se sozinho ─ abandonado. Correu até a porta. Estava fechada. Arranhou-a com a pata, esperou. Ouviu passos que desciam. Sabia que eram os passos conhecidos de sua dona. Pararam. Não ─ logo recomeçaram, e seguiram, escada abaixo. A Senhorita Mitford descia as escadas lenta— mente, com relutância, com pesar. E, à medida que avançava, à medida que o som ia ficando mais fraco, o pânico abateu-se sobre ele. Era uma porta sendo fechada depois da outra em sua cara à medida que a Senhorita Mitford descia as escadas; fechavam-se para os campos, para a liberdade, para as lebres; para a grama; para a sua adorada e venerada dona ─ aquela senhora tão querida que o banhara, que o repreendera com tapas, que o alimentara com a comida de seu próprio prato, apesar de ela mesma não ter muito o que comer ─, para tudo que ele conhecia como alegria, amor e bondade humana! Pronto! A porta da frente fechou-se em um estrondo. Ela o abandonara.

Então, uma enorme onda de desespero e de angústia abateu-se sobre ele, a irrevogabilidade e a implacabilidade do destino atingiram-no com tanta força que ele ergueu a cabeça e uivou alto. Uma voz disse "Flush". Ele não ouviu. "Flush", repetiu uma segunda vez. Ele se assustou. Achou que estava sozinho. Virou-se. Será que havia mais alguma coisa viva além dele no quarto? Será que havia algo no sofá? Com a insana esperança de que esse ser, seja lá o que fosse, pudesse abrir a porta, de modo que ele fosse capaz de sair correndo atrás da Senhorita Mitford e alcançá-la ─ que essa fosse alguma brincadeira de esconde-esconde, como as que eles costumavam fazer na estufa, em casa─, Flush disparou para o sofá.

"Ah, Flush", disse a Senhorita Barrett. Pela primeira vez, ela o olhou nos olhos. Pela primeira vez, Flush viu a dama deitada no sofá.

Os dois se surpreenderam. Cachos pesados pendiam das laterais do rosto da Senhorita Barrett; grandes olhos espertos brilhavam; uma grande boca sorria. Orelhas pesadas pendiam das laterais do rosto de Flush; seus olhos também eram grandes e inteligentes; sua boca estava aberta. Havia algo de comum entre os dois. Enquanto encaravam um ao outro, pensaram: aqui estou eu. Então, sentiram: mas que diferente! O rosto dela era pálido, de uma inválida, afastado do ar, da luz, da liberdade. O dele era o rosto saudável e afetuoso de um animal jovem; cheio de saúde e de energia. Separados violentamente, apesar de originados no mesmo molde, será que um completava o que estava latente no outro? Ela realmente poderia ser tudo aquilo, mas ele... não. Entre os dois existia o maior abismo que pode separar um ser do outro. Ela falava. Ele era mudo. Ela era uma mulher; ele era um cão. Assim, intimamente ligados; assim, imensamente separados, um encarava o outro. Então, de um salto, Flush subiu no sofá e se acomodou no lugar em que permaneceria para todo o sempre ─ sobre a manta aos pés da Senhorita Barrett.

CAPÍTULO II



O quarto dos fundos

O verão de 1842, segundo os historiadores, não foi muito diferente de outros verões, mas, para Flush, foi tão diferente que ele deve ter chegado ao ponto de questionar se ainda estava no mesmo mundo. Foi um verão passado dentro de um quarto, um verão passado com a Senhorita Barrett. Foi um verão passado em Londres, passado no coração da civilização. No início, ele não via nada além do quarto com sua mobília, mas isso, por si só, já era bastante surpreendente. Conseguir identificar, distinguir e chamar cada um dos objetos que se via ali pelo nome certo já era bastante confuso. E mal ele se acostumara às mesas, aos bustos, aos lavatórios ─ o cheiro de eau-de-cologne ainda afetava suas narinas de maneira desagradável ─, quando chegou um daqueles dias frescos mas sem vento, quentes mas não abafados, secos mas não empoeirados, um dia apropriado para uma inválida tomar ar. Chegou o dia em que a senhorita Barrett pôde se arriscar à enorme aventura de ir fazer compras com sua irmã.

A carruagem foi chamada; a senhorita Barrett levantou-se de seu sofá; coberta por um véu e bem agasalhada, desceu as escadas. Flush, claro, acompanhou-a. Pulou para dentro da carruagem e acomodou-se a seu lado. Deitado no colo dela, via toda a pompa de Londres em seu último esplendor se desvelando na frente de seus olhos impressionados. Percorreram Oxford

Street. Viu casas feitas quase que inteiramente de vidro. Viu vitrinas envolvidas em papéis de presente cintilantes; apinhadas com montes brilhantes de cor-de-rosa-choque, roxo, amarelo, cor-de—rosa-pálido. A carruagem parou. Adentraram estranhas galerias forradas com nuvens e teias de gaze colorida. Um milhão de eflúvios da China e da Arábia faziam com que seus incensos delicados invadissem até as fibras mais remotas dos sentidos de Flush. Sobre os balcões, metros de seda brilhante corriam rapidamente de um lado para o outro; de maneira mais pesada e mais escura, rolava a robusta bombazina. Tesouras cortavam, moedas reluziam. Papéis eram dobrados; cordames, amarrados. Isso sem contar as plumas que se inclinavam em cumprimentos, os passantes que abanavam, os cavalos que sacolejavam, os serventes vestidos de amarelo, os rostos que passavam, pulando, dançando, para cima, para baixo, Flush, saciado pela multiplicidade de sensações, dormiu, cochilou, sonhou e não soube de mais nada até ser retirado da carruagem e ter a porta de Wimpole Street fechada atrás de si mais uma vez.

No dia seguinte, como o clima continuava bom, a Senhorita Barrett arriscou-se em uma experiência ainda mais ousada ─ deu uma volta em Wimpole Street em uma cadeira de passeio. De novo, Flush acompanhou-a. Pela primeira vez, ouviu suas unhas batendo contra as pedras da pavimentação dura de Londres. Pela primeira vez, toda a bateria de cheiros de uma rua londrina em um dia quente de verão assaltou suas narinas. Cheirou os cheiros extasiantes que residiam nas sarjetas; os cheiros acres que corroíam as grades de ferro; os cheiros enfumaçados e pesados que subiam dos porões ─ cheiros mais complexos, mais corruptos, violentamente mais contrastantes e mais elaborados do que qualquer um que houvesse sentido nos campos próximos de Reading; cheiros que estão muito além das possibilidades do nariz humano; de maneira que, enquanto a cadeira seguia o seu caminho, ele parava, intrigado; dissecando-os, saboreando-os, até que um puxão em sua coleira o arrastava para frente. Além disso, enquanto trotava por Wimpole Street, atrás da cadeira da Senhorita Barrett, pasmava-se com a passagem de corpos humanos.

Anáguas roçavam em sua cabeça; calças esfregavam suas coxas; às vezes, uma roda passava assobiando a centímetros de seu focinho; o vento da destruição rugia em seus ouvidos e soprava a penugem de suas patas quando uma carroça de carga passava. Então, mergulhou no terror. Misericordiosamente, a coleira deteve seu pescoço, a Senhorita Barrett o segurava firmemente; se não, teria corrido em direção à destruição.

No fim, com todos os nervos pulsando e com todos os sentidos cantando, chegou a Regent's Park. E então, quando viu mais uma vez, depois do que pareciam anos de ausência, grama, flores e árvores, o velho chamado dos campos gritou em seus ouvidos e ele se lançou para a frente para correr como corria nos campos de Reading, seu lar. Mas, desta vez, uma coisa pesada segurava seu pescoço; foi jogado de traseiro no chão. Não estava vendo árvores e grama?, perguntou-se. Não eram esses os sinais da liberdade? Sempre saía correndo na frente quando a Senhorita Mitford começava seu passeio, não era mesmo? Por que era prisioneiro aqui? Parou. Neste lugar, percebeu, as flores eram dispostas de maneira bem mais densa do que em casa; ficavam estáticas, uma por uma, rigidamente agrupadas em canteiros estreitos. Estes canteiros eram intercalados por passagens duras e pretas. Homens usando cartolas reluzentes caminhavam de maneira agourenta pelas passagens. À visão deles, Flush encolheu-se para mais perto da cadeira da Senhorita Barrett. Aceitou a proteção da coleira de bom grado. Assim, antes que vários desses passeios acontecessem, uma nova concepção havia se formado em seu cérebro. Colocando uma coisa ao lado da outra, havia chegado a uma conclusão. Onde há canteiros de flores, há passagens de asfalto; onde há canteiros de flores e passagens de asfalto, há homens usando cartolas reluzentes; onde há canteiros de flores e passagens de asfalto e homens usando cartolas reluzentes, cães devem ser conduzidos com coleira. Sem ser capaz de decifrar nenhuma palavra da placa na entrada, ele aprendera sua lição ─ em Regent's Park, cães devem ser conduzidos com coleira.

E, a esse núcleo de conhecimento, nascido das estranhas experiências do verão de 1842, logo um outro foi anexado: cães não

são iguais, mas diferentes. Em Three Mile Cross, Flush misturara-se da mesma maneira com os cães da cervejaria e com os galgos da nobreza local; achava que não havia diferença entre o cão do funileiro e ele mesmo. De fato, é possível que a mãe de seus filhotes, chamada de spaniel por educação, não fosse nada além de uma vira-lata, com a orelha de um jeito, o rabo de outro. Mas logo Flush descobriu que os cães de Londres estão estritamente divididos em classes distintas. Alguns são cães com coleira; alguns andam soltos. Alguns saem para passear em carruagens e bebem sua água em potes vermelhos; outros não são tratados, não têm coleira e tiram seu sustento da sarjeta. Os cães, portanto, Flush começou a suspeitar, são diferentes. Alguns são altos, outros, baixos; e suas suspeitas foram confirmadas por trechos de conversas ouvidas quando cruzavam com outros cães em Wimpole Street. "Viu só aquele terrier? Não passa de um vira-lata!... Em nome de Deus, aquele ali é um lindo spaniel. De uma das melhores linhagens da Grã-Bretanha!... Pena que suas orelhas não sejam um tantinho mais cacheadas... Ali está um topetudo para você!"

Baseando-se em tais frases, no tom de elogio ou de crítica em que eram ditas, junto à caixa de correio ou ao lado de fora da hospedaria onde os homens trocavam dicas de corridas, Flush entendeu, antes de o verão chegar ao fim, que não há igualdade entre cães: alguns são refinados, outros são vulgares. Então, em qual categoria ele se encaixava? Assim que chegou em casa, Flush foi se examinar cuidadosamente no espelho. Graças aos céus, era um cão de berço e de raça! As linhas de sua cabeça eram suaves; seus olhos eram proeminentes mas não saltados; suas patas, cobertas por uma penugem; ele era um igual entre os mais bem - criados cockers de Wimpole Street. Reparou com ar de aprovação no pote vermelho em que bebia sua água ─ marca dos privilégios de sua posição -; abaixou sua cabeça lentamente para permitir que a guia fosse presa à coleira ─ marca do preço que se tem a pagar por isso. Nessa ocasião, quando a Senhorita Barrett o viu olhando-se no espelho, estava errada. Ela pensou que ele parecia um filósofo meditando a respeito da diferença entre aparência e

realidade. Ao contrário, ele era um aristocrata observando seus atributos.

Mas logo os dias agradáveis de verão terminaram, os ventos de outono começaram a soprar, e a Senhorita Barrett fechou-se em uma vida de completo isolamento em seu quarto. A vida de Flush também mudou. Sua educação ao ar livre foi suplantada pela vida no quarto, e isso, para um cão com o temperamento de Flush, era a mudança mais drástica que se podia imaginar. Seus únicos passeios, que eram breves e perfunctórios, aconteciam na companhia de Wilson, a criada pessoal da senhorita Barrett. Durante o resto do dia, ele ocupava seu lugar no sofá, aos pés da Senhorita Barrett. Todos os seus instintos naturais eram tolhidos e renegados. Enquanto os ventos do outono sopravam no ano anterior, em Berkshire, ele corria a passinhos curtos através dos campos cobertos pelos restos das colheitas; agora, ao som da hera batendo no vidro, a Senhorita Barrett pedia a Wilson que se certificasse de fechar bem as janelas. Quando as folhas dos feijões escarlates e dos nastúrcios na floreira ficaram amareladas e caíram, ela apertou mais o xale indiano em volta do corpo. Quando a chuva de outubro abateu-se sobre a janela, Wilson acendeu o fogo e avivou as brasas. O outono transformou-se em inverno e as primeiras névoas amarelaram o ar. Wilson e Flush mal conseguiam tatear seu caminho até a caixa de correio ou a farmácia. Quando voltavam, tudo o que se via no quarto eram os bustos pálidos brilhando fracamente em cima do guarda-roupa; os camponeses e o castelo haviam desaparecido na persiana; uma cor amarelada e vazia preenchia a janela. Flush sentia que ele e a Senhorita Barrett viviam isolado em uma caverna acolchoada, iluminada por tochas. O ruído monótono do tráfego perpetuava-se na rua do lado de fora, com reverberações abafadas; de vez em quando uma voz gritava, rouca: "Conserto cadeiras velhas e cestas", pela rua; outras vezes, uma música de realejo soava, chegando cada vez mais perto e ficando cada vez mais alta, para depois se afastar e ir embora. Mas nenhum desses sons significava liberdade, nem ação, nem exercício. O vento e a chuva, os dias alegres de outono e os dias frios de inverno, tudo isso, igualmente, não significava nada para

Flush além de calor e imobilidade; luz de lamparinas, cortinas fechadas e o atiçar do fogo.

No início, o peso era demais para suportar. Ele não conseguia parar de dançar de um lado para o outro no quarto durante aqueles dias de outono cheios de vento em que as perdizes provavelmente estariam se refestelando nos campos cobertos por restos de colheita. Pensava ter ouvido tiros na brisa. Não conseguia deixar de correr até a porta com os pêlos do pescoço eriçados quando um cão latia do lado de fora. E, mesmo assim, quando a Senhorita Barrett chamava-o de volta e o segurava pela coleira, não podia negar que um outro sentimento, urgente, contraditório e desagradável ─ não sabia como classificá-lo nem por que o obedecia ─ reprimia seus atos. Deitava-se imóvel aos pés dela. Resignar-se, controlar e suprimir os instintos mais violentos de sua natureza ─ essa era a primeira lição da escola do quarto, e era de uma dificuldade tão assombrosa que devia ser mais difícil do que era, para um catedrático, aprender grego. Diversas batalhas foram vencidas à custa de menos da metade dessa dor a seus generais. Mas a professora era a Senhorita Barrett. À medida que as semanas se passavam, Flush sentia, de maneira cada vez mais acentuada, que havia entre os dois uma ligação, uma proximidade desconfortável e portanto emocionante; de modo que, se o prazer dele era a dor dela, o prazer dele deixava de ser prazer para transformar-se em tripla dor. A verdade dessa afirmação era comprovada todos os dias. Alguém abria a porta e assobiava para chamá-lo. Por que não sair? Estava ávido por ar e exercício; suas patas pareciam rígidas de tanto ficar deitado no sofá. Ele nunca se acostumara completamente ao cheiro de eau-de-cologne. Mas não ─ apesar de a porta continuar aberta, não abandonaria a Senhorita Barrett. Hesitava até o meio do caminho em direção à porta e então voltava ao sofá. Flushie , escreveu a Senhorita Barrett, é meu amigo ─ meu companheiro ─ e me adora mais do que adora a luz do sol la fora. Ela não podia sair. Estava acorrentada ao sofá. "Um passarinho em uma gaiola teria uma história de vida tão boa quanto a minha , escreveu. E Flush, a quem o mundo todo se abria,

escolheu privar-se de todos os cheiros de Wimpole Street para ficar ao lado dela.

E, mesmo assim, às vezes a ligação quase se rompia; havia enormes abismos no entendimento deles. Às vezes, os dois ficavam parados, olhando um para o outro em vazio espanto. Por que, a Senhorita Barrett perguntava a si mesma, Flush tremia de repente e começava a ganir, a agitar-se e a prestar atenção a qualquer barulho? Ela não conseguia ouvir nada, não havia ninguém no quarto com eles. Ela não podia adivinhar que Folly, o pequeno king edward de sua irmã, estivesse passando pela porta; ou que Catiline, o sabujo, ganhara um osso de carneiro de um empregado no porão. Mas Flush sabia; ele escutava; era assolado por repentinos ataques alternados de luxúria e de ganância. E, mesmo com toda sua imaginação de poeta, a Senhorita Barrett não conseguia imaginar o que o guarda-chuva molhado de Wilson significava para Flush; que memórias trazia à tona, de florestas, de papagaios e de elefantes selvagens que barriam; ela também não sabia que, quando o Senhor Kenyon puxou a cordinha da campainha, Flush escutou homens escuros blasfemando nas montanhas; o grito "Span! Span!" soou em seus ouvidos, e foi por conta dessa raiva ancestral e reprimida que Flush o mordeu.

Da mesma maneira, Flush também estava em desvantagem em relação aos sentimentos da Senhorita Barrett. Ela ficava lá parada durante horas e horas, passando um bastão preto sobre uma folha de papel branco; de repente, seus olhos enchiam-se de lágrimas; mas por quê? "Ah, meu caro Senhor Horne , ela escrevia, depois veio o declínio da minha saúde... e o exílio forçado em Torquay... que deixou um pesadelo marcado na minha vida para sempre e me roubou mais do que eu posso colocar em palavras; não comentes a respeito disso em lugar nenhum. Não fales sobre isso, caro Senhor Horne." Mas não havia nenhum som no quarto, nenhum cheiro para fazer a Senhorita Barrett chorar. Então, de repente, a Senhorita Barrett, ainda mexendo seu bastão, desandava a rir. Ela havia delineado "um retrato bastante fiel e característico de Flush, feito com humor, bem parecido comigo", e havia escrito sob a figura que "só não pode ser um excelente substituto da minha

pessoa por ter mais valor do que eu". O que é que havia de engraçado na mancha preta que ela segurava para Flush olhar? Ele não sentia nenhum cheiro, não ouvia nada. Não havia ninguém no quarto com eles. O fato era que os dois não eram capazes de comunicar-se em palavras, o que dava lugar a vários desentendimentos. Mas será que também não levava a uma intimidade peculiar? "Escrever", a Senhorita Barrett exclamou certa vez, depois de trabalhar arduamente por toda uma manhã, "escrever, escrever..." Apesar de tudo, ela deve ter pensado, será que as palavras dizem tudo? Será que as palavras dizem algo? Será que as palavras não destroem os símbolos que existem além do alcance das palavras? Pelo menos em uma ocasião, a Senhorita Barrett parece ter pensado assim. Ela estivera deitada, pensativa; esquecera-se completamente da existência de Flush, e seus pensamentos eram tão tristes que lágrimas caíram sobre o travesseiro. Então, de repente, uma cabeça peluda encostou-se na sua, e ela se assustou. Seria Flush ou Pã? Será que ela não era mais uma inválida em Wimpole Street, mas uma ninfa grega em algum bosque escuro da Arcádia? E será que o próprio deus barbado pressionava seus lábios contra os dela? Por um instante, transformou-se; passou a ser uma ninfa, e Flush, Pã. O sol queimava, e o amor ardia. Mas suponhamos que Flush fosse capaz de falar — talvez ele tenha dito, naquele momento, algo sensível a respeito da Grande Fome da Irlanda.

Assim, Flush também sentia uma estranha agitação dentro de si. Quando via as mãos delgadas da Senhorita Barrett delicadamente levantarem alguma caixinha de prata ou enfeite de pérola da mesa anelada, suas próprias patas peludas pareciam contrair-se e ele pensava que seria maravilhoso se terminassem em dez dedos separados. Quando ouvia a sua voz grave pronunciando sons inumeráveis, pensava no dia em que seu próprio rugido tosco seria capaz de pronunciar, como ela, os pequenos sons simples que tinham significados tão misteriosos. E, quando assistia aos mesmos dedos percorrendo uma folha branca com um bastão preto, incansavelmente, pensava que adoraria enegrecer uma página como ela fazia.

E, no entanto, será que ele teria a capacidade de escrever como ela? Felizmente, a pergunta é supérflua, já que a verdade nos compele a dizer que, no ano 1842-43, a Senhorita Barrett não era uma ninfa, mas uma inválida; Flush não era um poeta, mas um cocker spaniel ruivo; e Wimpole Street não era a Arcádia, mas Wimpole Street.

Desse modo, passavam-se longas horas no quarto dos fundos sem nada para distingui-las a não ser o som de passos que subiam e desciam a escada; e o som distante da porta da frente se fechando, e o som de uma vassoura varrendo, e o som do carteiro batendo à porta. No quarto, brasas estalavam; luzes e sombras moviam-se sobre o cenho dos cinco bustos pálidos, sobre a estante e seu merino vermelho. Mas, às vezes, os passos à porta não seguiam em frente; paravam do lado de fora. Via-se a maçaneta girar; a porta abria— se de fato; alguém entrava. Então, era estranho como a mobília mudava de aparência! Quantos sons e cheiros começavam a circular pelo ambiente no mesmo instante! Como circundavam os pés das mesas e iam de encontro às quinas angulosas do guarda-roupa! Provavelmente era Wilson com uma bandeja de comida ou um copo de remédio; ou talvez fosse uma das duas irmãs da Senhorita Barrett ─ Arabel ou Henrietta; ou talvez fosse um de seus sete irmãos ─ Charles, Samuel, George, Henry, Alfred, Septimus ou Octavius. Mas, uma ou duas vezes por semana, Flush percebia que algo de maior importância estava prestes a acontecer. A cama era cuidadosamente disfarçada de sofá. A poltrona era puxada para o lado; a própria Senhorita Barrett era convenientemente envolta em xales indianos; os apetrechos de toalete eram escrupulosamente escondidos sob os bustos de Chaucer e de Homero; o próprio Flush era penteado e escovado. Por volta das duas ou três da tarde, ouvia-se uma batida peculiar, distinta e diferente à porta. A Senhorita Barrett corava, sorria e esticava a mão. Então entrava ─ talvez a Senhorita Mitford, rosada, lustrosa e tagarela, com um buquê de gerânios nas mãos. Também podia ser o Senhor Kenyon, um homem de mais idade, robusto, bem-cuidado, que irradiava benevolência e carregava um livro. Ou talvez fosse a Senhora Jameson, uma dama que tinha a aparência

bem oposta à do Senhor Kenyon ─ uma senhora com "rosto muito pálido ─ olhos claros e lúcidos; lábios finos e sem cor... nariz e queixo projetados, sem largura". Cada um dos visitantes tinha suas próprias maneiras, seu próprio cheiro, tom e sotaque. A Senhorita Mitford balbuciava e tagarelava, era efêmera porém substanciosa; o Senhor Kenyon era urbano e culto e assobiava um pouco quando falava porque havia perdido dois dentes da frente2 a Senhora Jameson não perdera nenhum de seus dentes e movia-se de maneira igualmente categórica e precisa quando falava.

Deitado aos pés da Senhorita Barrett, Flush deixava que as vozes fluíssem sobre ele, hora após hora. E a conversa se estendia. A Senhorita Barrett ria, conjecturava, exclamava, suspirava também, e ria de novo. Afinal, muito para o alívio de Flush, surgiam pequenos silêncios ─ até mesmo no fluxo da conversa da Senhorita Mitford. Será que já eram sete horas? Ela estivera lá desde o meio-dia! Precisava correr para não perder o trem. O Senhor Kenyon fechava seu livro ─ ele sempre lia em voz alta ─ e ficava em pé com as costas viradas para a lareira; a Senhora Jameson, com um movimento categórico e preciso, ajeitava cada um de seus dedos nas luvas. E Flush recebia um carinho de um, tinha a orelha puxada por outro. A rotina da despedida era intoleravelmente prolongada; mas, finalmente, a Senhora Jameson, o Senhor Kenyon, e até mesmo a Senhorita Mitford se levantavam, diziam adeus, lembravam— se de algo, perdiam algo, iam até a porta, a abriam e ─ graças aos céus ─ iam embora, afinal.

A senhorita Barrett recostava-se em seus travesseiros, muito branca, muito cansada. Flush arrastava-se para mais perto dela. Ainda bem, ficavam sozinhos mais uma vez. Mas o visitante ficara tanto tempo que já era quase hora de jantar. Os cheiros começavam a subir do porão. Wilson batia à porta com a refeição da Senhorita Barrett em uma bandeja. A comida era ajeitada em uma mesa ao lado dela, e as coberturas, removidas. Mas, com todo o trabalho de se vestir e de conversar, com o calor do quarto e com toda a agitação das despedidas, a Senhorita Barrett estava cansada demais para comer. Dava um pequeno suspiro quando via a

rechonchuda costeleta de cordeiro, ou a asa de perdiz ou de frango que lhe era enviada para o jantar. Enquanto Wilson permanecia no quarto, ela brincava com a comida usando o garfo e a faca. Mas, no instante em que a porta se fechava e os dois ficavam sozinhos, ela fazia um sinal. Segurava o garfo para cima. Uma asa de frango inteira estaria espetada nele. Flush avançava. A Senhorita Barrett assentia com a cabeça. Muito delicadamente, com muita inteligência, sem deixar cair uma migalha, Flush removia a asa e a engolia sem deixar vestígios. Meio pudim de arroz coberto com uma nata espessa fazia o mesmo trajeto. Nada poderia ser melhor nem mais eficiente do que a cooperação de Flush. Ele ficava deitado como sempre, aos pés da Senhorita Barrett, aparentemente adormecido; a Senhorita Barrett ficava deitada com ar descansado e restaurado, de quem acabou de fazer uma lauta refeição, quando um passo mais pesado, mais deliberado e mais firme do que os outros parava na frente da porta; uma batida solene soava — não era um simples pedido de permissão, era alguém exigindo entrar. A porta abria-se e adentrava o recinto o mais ameaçador e mais formidável dos homens de idade — o Senhor Barrett em pessoa. Seus olhos, no mesmo instante, procuravam a bandeja. A refeição havia sido comida? Suas ordens haviam sido obedecidas? Sim, os pratos estavam vazios. Em sinal de aprovação à obediência da filha, o Senhor Barrett jogava-se pesadamente sobre a cadeira a seu lado. Quando aquele corpo sombrio aproximava-se, calafrios de terror e de horror passavam pela espinha de Flush. Assim como um selvagem se esconde em meio ao tremular das flores quando o trovão ruge e ele escuta a voz de Deus. Então Wilson assobiava; e Flush, retirando-se de maneira furtiva, com ar de culpado como se o Senhor Barrett fosse capaz de ler seus pensamentos e tais pensamentos fossem maus, esgueirava-se para fora do quarto e saía em disparada escada abaixo. Uma força que ele temia havia entrado no quarto; uma força que ele não tinha poderes para enfrentar. Certa vez, entrou de supetão, sem avisar. O Senhor Barrett estava ajoelhado, rezando ao lado da filha.

CAPÍTULO III



O homem encapuzado

Tal educação, no quarto dos fundos em Wimpole Street, teria influenciado qualquer cão comum. Mas Flush não era um cão comum. Era espirituoso, no entanto, ponderado; canino, mas altamente sensível às emoções humanas também. A atmosfera do quarto influenciava um cão assim com força peculiar. Não podemos culpá-lo se sua sensibilidade foi cultivada em detrimento de características mais firmes. Naturalmente, acomodado com a cabeça apoiada em um léxico grego, passou a desprezar latidos e mordidas; passou a preferir o silêncio do gato à robustez do cão; e a solidariedade humana a outra qualquer. A senhorita Barrett também fazia o possível para educar e refinar suas capacidades cada vez mais. Certa feita, tirou uma harpa da janela e perguntou, colocando o instrumento ao seu lado, se ele achava que a harpa, que produzia música, era um objeto vivo. Ele olhou e escutou atentamente; pareceu ponderar por um instante, em dúvida, e então decidiu que não era. Depois, fez com que ele ficasse ao lado dela, na frente do espelho, e perguntou por que ele estava latindo e tremendo. O cachorrinho avermelhado não estava na frente dele? Mas o que é "ser alguém"? É o que as pessoas vêem? Ou simplesmente se é o que se é? Então Flush ponderou a respeito dessa questão também e, incapaz de resolver o problema da

realidade, chegou mais perto da Senhorita Barrett e a beijou "expressivamente". Aquilo era real, de qualquer modo.

Recém-saído de tais problemas, com tantos dilemas emocionais agitando seu sistema nervoso, ele desceu as escadas, e não é de surpreender que houvesse algo em sua atitude ─ um ar arrogante, de superioridade ─ que atiçava a fúria de Catiline, o sabujo feroz, de maneira que o cão avançou sobre ele e o mordeu, enviando-o diretamente escada acima, à procura da solidariedade da Senhorita Barrett. Flush "não é nenhum herói", ela concluiu; mas por que ele não era herói nenhum? Não seria, em parte, pelo próprio julgamento que ela fazia? Ela era justa demais para não perceber que havia sido em nome dela que sacrificara sua coragem, assim como havia sido em nome dela que sacrificara o sol e o ar livre. Essa sensibilidade nervosa tinha suas desvantagens, sem dúvida ─ ela encheu-se de desculpas quando ele voou para cima do Senhor Kenyon e o mordeu por ter este tropeçado na corda da campainha; foi desagradável quando passou a noite toda ganindo de maneira comovente porque não obteve permissão para dormir na cama dela; quando se recusou a comer se não fosse ela a alimentá-lo; mas ela assumiu a culpa e aguentou a inconveniência porque, apesar de tudo, Flush a amava. Ele havia recusado o ar livre e o sol em seu nome. "Vale a pena amá-lo, não vale?", perguntou ao Senhor Horne. E, qual fosse a resposta que o Senhor Horne desse, a Senhorita Barrett estava bem certa de sua própria interpretação. Ela amava Flush, e Flush era digno de seu amor.

Parecia que nada poderia romper o laço ─ como se os anos apenas viessem para cimentá-lo e apertá-lo; e como se aqueles anos fossem ser todos os anos de suas vidas naturais.

Mil-oitocentos-e-quarenta-e-dois transformou-se em mil-oitocentos-e-quarenta-e-três; mil-oitocentos-e-quarenta-e-três em mil-oitocentos-e-quarenta-e-quatro; mil-oitocentos-e-quarenta-e-quatro em mil-oitocentos-e-quarenta-e-cinco. Flush já não era mais um filhote; era um cão no auge da vida ─ e a Senhorita Barrett continuava deitada em seu sofá em Wimpole Street, e Flush continuava deitado a seus pés. A vida da Senhorita Barrett era a vida de "um passarinho na gaiola". Às vezes, ela ficava em casa por

semanas a fio e, quando saía, era apenas durante uma ou duas horas, para ir até uma loja a bordo de uma carruagem, ou para ser empurrada em uma cadeira de passeio até Regent's Park. Os Barrett nunca saíam de Londres. O Senhor Barrett, os sete irmãos, as duas irmãs, o mordomo, Wilson e as criadas, Catiline, Folly, a Senhorita Barrett e Flush, todos continuavam a viver no número 50 de Wimpole Street, comendo na sala de jantar, dormindo nos quartos, fumando no estúdio, cozinhando na cozinha, carregando recipientes de água quente e livrando-se dos restos de comida, de janeiro a dezembro. Os forros das cadeiras ficaram um pouquinho desbotados; os tapetes, um pouquinho puídos; cinzas de carvão, lama, poeira, fumaça, vapores de charutos queimados, de vinho e de carne acumulavam-se nas fendas, nas rachaduras, nos tecidos, em cima das molduras dos quadros, nos entalhes das gravuras. E a trepadeira que crescia do lado de fora da janela do quarto de dormir floresceu; sua cortina verde foi ficando cada vez mais espessa, e, no verão, os nastúrcios e os feijões-escarlates disputavam espaço na floreira da janela.

Mas certa noite, no início de janeiro de 1845, o carteiro bateu à porta. Cartas caíram dentro da caixa de correspondência como sempre. Wilson desceu para pegar as cartas, como sempre. Tudo acontecia como sempre ─ toda noite o carteiro batia à porta, toda noite Wilson descia para pegar as cartas, toda noite havia uma carta para a Senhorita Barrett. Mas nessa noite a carta não era a mesma de sempre; era uma carta diferente. Flush percebeu o fato mesmo antes de a carta ser aberta. Ele o percebeu devido à maneira como a Senhorita Barrett manuseou o papel, virou o envelope e olhou a escrita vigorosa e pontuda que formava o seu nome. Ele o percebeu, ao ver o tremor indescritível dos dedos dela, a impetuosidade com que abriram a aba, a maneira absorta com que ela leu o que estava escrito. Ele a observava enquanto ela lia. E, à medida que ela lia, ele ouvia, como quando estamos meio adormecidos e ouvimos, através do ruído da rua, algum alarme tocando, e sabemos que o som se direciona a nós, inquietante ainda que fraco, como se alguém muito longe estivesse tentando nos acordar com aquele sinal de incêndio, ou de roubo, ou de

alguma ameaça contra nossa paz, e nos levantamos de supetão, antes de acordar completamente — de modo que, à medida que a Senhorita Barrett lia a pequena folha manchada, Flush ouvia um alarme despertando-o de seu sono, avisando-o a respeito de algum perigo, ameaçando sua segurança e ordenando-lhe que não mais dormisse. A Senhorita Barrett leu a carta rapidamente; leu a carta devagar; devolveu-a a seu envelope. Também ela não dormiu mais.

Novamente, algumas noites depois, a mesma carta apareceu na bandeja de Wilson. Novamente, foi lida rapidamente, lida devagar, uma vez atrás da outra. Depois foi guardada com cuidado, não na gaveta junto com as cartas volumosas da Senhorita Mitford, mas separada. Agora Flush pagava integralmente o preço de passar longos anos acumulando percepção, acomodado sobre as almofadas aos pés da Senhorita Barrett. Ele conseguia captar sinais que ninguém mais era capaz de perceber. Pelo toque dos dedos da Senhorita Barrett, ele sabia que ela esperava só uma coisa — a batida à porta do carteiro, a carta na bandeja. Ela podia estar acariciando-o com um movimento leve e regular — seus dedos se contraíam; seguravam-no cheios de expectativa enquanto Wilson subia as escadas. Então ela pegava a carta, largando-o e esquecendo-se dele.

No entanto, ele argumentava, o que havia a temer enquanto não houvesse mudanças na vida da Senhorita Barrett? E não houve mudanças. Nenhum novo visitante foi até lá. O Senhor Kenyon vinha como sempre; a Senhorita Mitford vinha como sempre. Os irmãos e as irmãs vinham, e, à noite, o Senhor Barrett vinha. Não notaram nada, não suspeitaram de nada. Portanto, depois de algumas noites sem nenhum envelope, ele se aquietou e tentou acreditar que o inimigo fora embora. Um homem de capa, ele imaginava, uma silhueta encapotada e encapuzada havia passado, como um ladrão, observando a porta e, por tê-la encontrado vigiada, esgueirara-se para longe, derrotado. O perigo, Flush tentava convencer a si mesmo, passara. O homem fora embora. E foi então que a carta chegou mais uma vez.

À medida que os envelopes chegavam cada vez com mais regularidade, noite após noite, Flush começou a perceber sinais de

mudança na própria Senhorita Barrett. Pela primeira vez na experiência de Flush, ela se mostrava irritadiça e irrequieta. Não conseguia ler e não conseguia escrever. Ficava parada à janela, olhando para fora. Perguntava a Wilson a respeito do clima com ansiedade ─ o vento ainda estava soprando do leste? Já havia algum sinal de primavera no parque? Ah, não, Wilson respondia; o vento ainda era o vento cruel do leste. E a Senhorita Barrett, Flush sentia, ficava ao mesmo tempo aliviada e incomodada. Tossia. Reclamava de enjôo ─ mas não tanto enjôo quanto costumava sentir nos dias em que o vento soprava do leste. E então, quando estava sozinha, lia novamente a carta da noite anterior. Era a mais longa que recebera. Tinha muitas páginas, quase totalmente cobertas com manchas escuras, cheias de pequenos hieróglifos estranhos e abruptos. Era o que Flush conseguia ver de sua posição junto aos pés de sua dona. Mas não conseguia encontrar sentido nas palavras que a Senhorita Barrett murmurava para si mesma. Só ele era capaz de perceber a agitação dela quando chegava ao final da página e lia em voz alta (mas de maneira ininteligível): "Acha que poderei visitá-la daqui a dois, três meses?"

Então ela pegava sua pena e a fazia percorrer páginas e páginas, de maneira apressada e nervosa. Mas o que tudo aquilo queria dizer, as palavrinhas que a Senhorita Barrett escrevia? "Abril está chegando. Haverá tanto maio quanto junho, se vivermos para ver, e talvez, depois de tudo isso, poderemos... De fato, irei te encontrar quando o clima quente houver me revigorado um pouco... Mas provavelmente terei medo de ti no início ─ apesar de não te temer ao escrever estas palavras. Tu és Paracelsus, e eu sou uma reclusa, com nervos que foram despedaçados pela dor e pelo sofrimento, e agora pendem soltos, tremendo a cada passo e a cada suspiro."

Flush não conseguia ler o que ela escrevia, a três ou cinco centímetros acima de sua cabeça. Mas ele sabia tão bem, como se fosse capaz de ler cada palavra, que sua dona estava estranhamente agitada enquanto escrevia; que desejos adversos a sacudiam ─ que talvez abril chegue; que talvez abril não chegue; que talvez ela encontre esse homem desconhecido de uma vez,

que talvez jamais o encontre. Flush também tremia, como ela tremia a cada passo, a cada suspiro. E os dias passavam, impiedosamente. O vento soprou a persiana. O sol alvejou os bustos. Um passarinho cantou nas cocheiras. Homens passaram gritando em Wimpole Street para vender flores frescas. Ele sabia que todos esses sons significavam a chegada de abril, e de maio e de junho ─ nada poderia deter a aproximação daquela primavera terrível. O que viria junto com a primavera? Algum terror ─ algum horror ─, algo que a Senhorita Barrett temia, e que Flush temia também. Agora, o simples som de um passo o assustava. Mas era apenas Henrietta. Então, ouvia-se uma batida à porta. Era apenas o Senhor Kenyon. Dessa maneira, abril passou, e passaram-se os vinte primeiros dias de maio. E então, em 21 de maio, Flush percebeu que era chegado o dia. Porque naquela terça-feira, 21 de maio, a Senhorita Barrett olhou-se no espelho com ar perscrutador; arrumou-se de maneira extraordinária em seus xales indianos; fez com que Wilson ajeitasse a poltrona mais para perto dela, mas não perto demais; tocou uma coisa aqui, outra ali e outra acolá; e então se acomodou ereta no meio de seus travesseiros. Flush deitou-se tenso a seus pés. Os dois ficaram esperando, sozinhos, juntos. Finalmente, o sino da igreja de Marylebone bateu duas horas; esperaram. Então o sino da igreja de Marylebone bateu uma única vez ─ eram duas e meia; quando a única batida se dissipou, uma batida soou decidida na porta da frente. A Senhorita Barrett ficou pálida, ficou imóvel. Flush também ficou imóvel. Escada acima vinham os passos temidos e inexoráveis; escada acima, Flush sabia, vinha a figura encapotada e sinistra da meia-noite ─ o homem encapuzado. Agora, sua mão repousava na porta. A maçaneta virou. Ali estava ele.

— O Senhor Browning ─ anunciou Wilson.

Flush, observando a Senhorita Barrett, viu seu rosto enrubescer, viu seus olhos brilharem e sua boca se abrir.

— Senhor Browning! ─ exclamou.

Torcendo as luvas amarelas nas mãos, piscando os olhos, bem-arrumado, imponente, abrupto, o Senhor Browning atravessou o quarto. Segurou na mão da Senhorita Barrett e afundou-se na

cadeira próxima ao sofá, ao lado dela. Começaram a conversar instantaneamente.

Enquanto conversavam, a solidão que Flush sentia era horrível. No passado, sentira que ele e a Senhorita Barrett estavam juntos, em uma caverna iluminada por tochas. Agora, não havia mais luz na caverna; estava escura e úmida; a Senhorita Barrett estava do lado de fora. Olhou à sua volta. Tudo havia mudado. A estante de livros e os cinco bustos ─ já não eram mais entidades simpáticas que governavam com benevolência ─ eram hostis, severos. Ele mudou de posição aos pés da Senhorita Barrett. Ela nem percebeu. Ele ganiu. Não o ouviram. Afinal, ficou deitado, imóvel, tenso e em agonia silenciosa. A conversa continuava; mas não fluía e se desenvolvia como conversas geralmente fluem e se desenvolvem. Pulava, sacolejava. Parava e então pulava novamente. Flush nunca havia escutado aquele som na voz da Senhorita Barrett antes ─ aquele vigor, aquela euforia. Suas bochechas brilhavam como nunca as vira brilhar; seus maravilhosos olhos ardiam como nunca os vira arder. O relógio bateu quatro horas; eles continuavam a conversar. Então bateu quatro e meia. Com isso, o Senhor Browning deu um salto. Uma audácia repugnante, um atrevimento espantoso marcava cada movimento. No momento seguinte, ele segurava a mão da Senhorita Barrett na sua; pegava seu chapéu e suas luvas; despedia-se. Ouviram-no descendo as escadas, apressado. A porta bateu com força atrás dele. Ele se fora.

Mas a Senhorita Barrett não voltou a se afundar em seus travesseiros como costumava fazer depois que o Senhor Kenyon ou a Senhorita Mitford partiam. Dessa vez, continuou sentada, ereta; seus olhos ainda ardiam; suas bochechas ainda brilhavam; parecia sentir que o Senhor Browning ainda estava com ela. Flush encostou-se nela. Trouxe-lhe de volta à realidade com um sobressalto. Ela o acariciou de maneira leve, alegre, na cabeça. E, sorrindo, deu-lhe um olhar singular ─ como se desejasse que ele fosse capaz de falar, como se desejasse que ele sentisse o que ela sentia. E então ela riu, cheia de pena, como se aquilo fosse um absurdo ─ Flush, o pobre Flush não seria capaz de sentir nada do

que ela sentia. Não seria capaz de saber nada do que ela sabia. Nunca estiveram separados por uma vastidão de distância tão lúgubre. Ele ficou lá, ignorado; sentia que era como se não estivesse lá. A Senhorita Barrett não se lembrava mais de sua existência.

E, naquela noite, ela comeu seu frango até o osso. Nenhuma migalha de batata, nenhum pedacinho de pele foi jogado para Flush. Quando o Senhor Barrett chegou, como sempre, Flush espantou-se com sua falta de sensibilidade. Sentou-se exatamente na mesma cadeira em que o homem estivera sentado. Sua cabeça apoiou-se nas mesmas almofadas em que a cabeça do homem estivera apoiada e, ainda assim, ele não notou nada. "O senhor não sabe", Flush espantou-se, "quem sentou nessa cadeira? O senhor não sente o cheiro dele?" Porque, para Flush, o quarto todo ainda recendia à presença do Senhor Browning. O ar passava ligeiro pela estante de livros, redemoinhava e volteava ao redor das cabeças dos cinco bustos pálidos. Mas o homem pesado acomodava-se ao lado da filha, totalmente absorvido em si mesmo. Não notou nada. Não suspeitou de nada. Horrorizado com sua falta de sensibilidade, Flush passou por ele e saiu do quarto.

Mas, apesar da surpreendente cegueira geral, até mesmo a família da Senhorita Barrett começou a perceber nela, à medida que as semanas passavam, uma mudança. Ela deixava seu quarto e ia até o andar de baixo, para sentar-se na sala de estar. Então fez o que não havia feito em muito e muito tempo — de fato caminhou, com suas próprias pernas, até o portão em Devonshire Place, acompanhando sua irmã. Seus amigos, sua família, todos se surpreendiam com sua melhora. Mas apenas Flush sabia de onde vinha sua força — vinha do homem moreno da poltrona. Este voltou de novo e de novo e de novo. Primeiro, era uma vez por semana; depois, eram duas vezes por semana. Ele sempre chegava à tarde e partia à tarde. A Senhorita Barrett sempre o recebia sozinha. E, nos dias em que não vinha, suas cartas chegavam. E, depois de a pessoa dele partir, suas flores ficavam lá. E, nas manhãs em que ficava sozinha, a Senhorita Barrett escrevia para ele. Aquele homem moreno, imponente, abrupto, vigoroso, com seu cabelo

preto, suas bochechas vermelhas e suas luvas amarelas estava em todo lugar. Naturalmente, a Senhorita Barrett sentia-se melhor; claro que era capaz de caminhar. O próprio Flush achava impossível ficar deitado, imóvel. Antigos desejos reviviam; uma nova inquietação apoderava-se dele. Até mesmo seu sono encheu-se de sonhos. Sonhava como não o fazia desde os tempos de Three Mile Cross ─ sonhava com lebres espreitando na grama comprida, com faisões disparando em direção ao céu com suas longas caudas balançando ao vento, com o chiado das perdizes levantando vôo de cima dos restos da colheita. Sonhava que caçava, que perseguia alguma spaniel malhada em fuga, que escapava dele. Estava na Espanha; estava no País de Gales; estava em Berkrshire; voava na frente dos cassetetes dos guardas em Regent's Park. Então abria os olhos. Não havia lebres nem perdizes, não havia chicotes estalando nem homens negros gritando "Span! Span!" Só havia o Senhor Browning sentado na poltrona, conversando com a Senhorita Barrett, que estava deitada no sofá.

Enquanto aquele homem estava lá, dormir tornara-se uma ação impossível. Flush ficava deitado com os olhos bem abertos, só escutando. Apesar de ele não conseguir encontrar sentido nas palavrinhas que colidiam com sua cabeça entre as duas e meia e as quatro e meia, às vezes três vezes por semana, era capaz de detectar com tremenda exatidão que o tom das palavras se transformava. A voz da Senhorita Barrett, no início, era forçada e tinha animação artificial. Agora, adquirira um calor e uma fluidez que ele nunca ouvira antes. E, toda vez que o homem vinha, algum novo som incorporava-se às vozes ─ às vezes tagarelavam de maneira grotesca, às vezes as palavras passavam sobre ele como pássaros voando livremente; às vezes arrulhavam e engasgavam, como se fossem dois passarinhos acomodados em um ninho; e então a voz da Senhorita Barrett subia novamente, elevando-se e rodopiando no ar; e então a voz do Senhor Browning latia seu estalar afiado e seco de risada; e então se ouvia apenas um murmúrio, um zunido baixinho, como se as duas vozes houvessem se fundido. Mas, à medida que o verão se transformava em outono, Flush percebeu, com terrível apreensão, outra nota. Havia uma

nova urgência, uma nova pressão e uma nova energia na voz do homem, que, Flush sentia, assustava a Senhorita Barrett. A voz dela tremia, hesitava; parecia vacilar e sumir e suplicar e engasgar, como se ela estivesse implorando por um descanso, por uma pausa, como se estivesse com medo. Então o homem ficava em silêncio.

Ninguém prestava muita atenção nele. Poderia bem ser uma tora de madeira acomodada aos pés da Senhorita Barrett, de acordo com toda a atenção que o Senhor Browning lhe concedia. Às vezes, acariciava sua cabeça de maneira espasmódica, enérgica e sem afeição, quando passava por ele. Fosse qual fosse o significado daquela carícia, Flush não sentia nada além de uma intensa aversão pelo Senhor Browning. A simples visão deste, tão bem vestido, tão arrumado, tão musculoso, torcendo as luvas amarelas nas mãos, fazia com que seus dentes ficassem à mostra. Ah! Que vontade de permitir que se fechassem forte e completamente sobre aquilo que estava dentro de suas calças! E, no entanto, não se atrevia. Considerando-se todos os fatores, aquele inverno ─ 1845-46 ─ fora o mais aflitivo que Flush vivera.

O inverno passou, e a primavera chegou mais uma vez. Flush não via fim para o caso e, portanto, assim como um rio que, apesar de refletir árvores imóveis e vacas pastando e corvos voando para o topo das árvores, move-se inevitavelmente em direção a uma cachoeira, Flush sabia que aqueles dias moviam-se em direção à catástrofe. Rumores de mudança pairavam no ar. Às vezes, ele achava que algum tipo de êxodo gigantesco estava para acontecer. Na casa, havia aquela agitação que precede ─ seria possível? ─ uma viagem, O pó foi retirado das caixas que, por mais incrível que pareça, foram abertas. Depois, foram fechadas novamente. Não, não era a família que se mudava. Os irmãos e as irmãs ainda entravam e saíam como sempre. O Senhor Barrett fazia sua visita noturna, depois que o homem partia, na hora habitual. O que, então, estaria prestes a acontecer? À medida que o verão de 1846 passava, aumentava em Flush a certeza de que algo aconteceria. Escutava aquilo mais uma vez no som alterado das vozes eternas. A voz da Senhorita Barrett, que costumava ser

suplicante e amedrontada, perdera sua nota vacilante. Soava com uma determinação e uma coragem que Flush jamais ouvira. Se somente o Senhor Barrett pudesse ouvir o tom com o qual ela recebia esse usurpador, o riso com que o cumprimentava, a exclamação com a qual ele tomava a mão dela na sua! Mas nunca havia ninguém no quarto com eles, exceto Flush. Para ele, a mudança tinha natureza das mais irritantes. Não era apenas a transformação da Senhorita Barrett em relação ao Senhor Browning ─ ela estava se transformando em relação a tudo: em seus sentimentos para com o próprio Flush. Tratava as aproximações dele da maneira mais brusca, cortava suas demonstrações de afeto com risadas, fazia com que ele sentisse que havia algo de mesquinho, tolo e afetado em seus antigos modos afetuosos. Sua vaidade era exacerbada. Seu ciúme era inflamado. Afinal, quando julho chegou, ele se determinou a tomar uma atitude violenta para tentar reconquistar o afeto dela e assim conseguir destituir o recém ─ chegado. Como atingir esse duplo objetivo, ele não sabia, e não tinha como planejar seu ataque. Mas, de repente, no dia 8 de julho, seus sentimentos o dominaram. Ele avançou sobre o Senhor Browning e o mordeu com selvageria. Afinal seus dentes se fechavam no tecido imaculado das calças do Senhor Browning! Mas o membro lá dentro era duro como ferro ─ a perna do Senhor Kenyon parecia manteiga, em comparação. O Senhor Browning o enxotou com um movimento da mão e continuou a falar. Nem ele nem a Senhorita Barrett pareceram achar que o ataque merecia atenção. Completamente frustrado, derrotado, sem mais nenhuma flecha no bornal, Flush afundou-se em suas almofadas, arfando de raiva e de decepção. Mas enganara-se a respeito da avaliação da Senhorita Barrett. Quando o Senhor Browning partiu, ela o chamou para perto de si e aplicou-lhe o pior castigo que ele jamais sofrera. Primeiro, deu um tapa em suas orelhas ─ aquilo não foi nada; estranhamente, ele até que gostou do tapa; apreciaria receber mais um. Mas então ela disse, com seu tom sóbrio e cheio de certeza, que nunca mais o amaria. Aquela flecha atingiu diretamente seu coração. Todos aqueles anos que haviam passado juntos, durante os quais dividiram tudo, e, agora, por causa de um instante de

fraqueza, ela nunca mais o amaria. Então, como que para completar seu repúdio, ela pegou as flores que o Senhor Browning trouxera para ela e começou a ajeitá-las em um vaso. Para Flush, aquele era um ato de maldade calculado e deliberado, um ato com a intenção de fazer com que ele sentisse a sua própria insignificância por completo. "Foi ele quem me deu esta rosa", parecia dizer, "e este cravo também. Vamos deixar o vermelho brilhar aqui, ao lado do amarelo; e o amarelo aqui, ao lado do vermelho. Esta folha verde pode ficar aqui... E, arrumando uma flor ao lado da outra, ela afastou-se para olhar o arranjo de longe, como se ele próprio estivesse parado na frente dela — o homem com as luvas amarelas, personificado em uma massa de flores brilhantes. Mas, mesmo assim, mesmo enquanto ela arrumava as flores e as folhas, não conseguia ignorar totalmente a fixação com que Flush a olhava. Ela não podia negar aquela "expressão de silencioso desespero em seu rosto". Ela não podia fazer nada além de compadecer-se. "Afinal, eu disse:

"Se fores bonzinho, Flush, pode vir até aqui para pedir desculpas', com o que ele disparou pelo quarto e, tremendo todo, beijou primeiro uma de minhas mãos e depois a outra, levantou as patinhas para que eu as tomasse nas mãos, e olhou para o meu rosto com olhos tão suplicantes que mesmo tu o terias perdoado, assim como eu o perdoei." Foi assim que ela resumiu a ocasião para o Senhor Browning; é claro que ele respondeu: "Ah, pobre Flush. Tu achas que eu não o amo e respeito por sua supervisão ciumenta — sua lentidão para permitir-se conhecer outras pessoas, depois de ter te conhecido?" Era bem fácil para o Senhor Browning ser magnânimo, mas aquela magnanimidade fácil talvez tenha sido o espinho mais afiado a penetrar na pele de Flush.

Outro incidente, alguns dias depois, mostrou a distância enorme que separava os dois, que haviam sido tão próximos, o quão pouco Flush podia contar agora com a compaixão da Senhorita Barrett. Depois de o Senhor Browning ter partido, certa tarde, a Senhorita Barrett resolveu ir até Regent's Park de carruagem com a irmã. Quando desceram no portão do parque, a porta do veículo fechou-se na pata de Flush. Ele "ganiu

penosamente" e a estendeu na direção da Senhorita Barrett, em busca de compaixão. Em outros tempos, compaixão abundante teria sido derramada sobre ele por muito menos. Mas, dessa vez, uma expressão desinteressada, zombeteira e crítica apareceu em seus olhos. Ela riu dele. Achou que ele estivesse fingindo: assim que encostou na grama, disparou a correr como se nada tivesse acontecido", escreveu. E comentou, com sarcasmo: "Flush sempre aproveita ao máximo seus infortúnios ─ ele é da escola de Byron ─ use pose en victime. Mas aqui a Senhorita Barrett, absorvida em suas próprias emoções, julgou-o mal, completamente. Ainda que sua pata estivesse quebrada, ainda assim ele teria descido da carruagem com decisão. Aquela disparada era sua resposta à zombaria dela; estou farto de ti ─ era a mensagem que transmitia ao correr. As flores tinham cheiro acre para ele; a grama queimava suas patas; a poeira enchia suas narinas de desgosto. Mas ele corria em disparada ─ galopava. Cães devem ser conduzidos com coleira" ─ dizia a placa de sempre; lá estavam os guardas do parque com suas cartolas e seus cassetetes para reforçar sua autoridade. Mas "devem" já não tinha mais nenhum significado para ele. A coleira do amor estava rompida. Ele correria para onde quisesse; caçaria perdizes; caçaria spaniels; iria se refestelar no meio dos canteiros de dálias; quebraria as rosas amarelas e vermelhas brilhantes, que ondulavam ao vento. Se os guardas quisessem, que jogassem seus cassetetes. Se quisessem, que estourassem seus miolos. Não faria a mínima diferença se ele caísse morto, estripado, aos pés da Senhorita Barrett. Ele não dava a mínima. Mas, naturalmente, nada disso aconteceu. Ninguém o perseguiu; ninguém prestou atenção nele. O único guarda que havia no parque conversava com uma babá. Afinal, ele voltou para a Senhorita Barrett que, em um movimento inconsciente, colocou a coleira em seu pescoço e o levou para casa.

Depois de duas humilhações assim, seria bem provável que a alma de um cão comum, até mesmo a alma de um ser humano comum, se despedaçasse. Mas Flush, por toda sua ternura e seu brilho, tinha olhos que ardiam; tinha paixões que não apenas emergiam em chamas reluzentes, mas que afundavam e ardiam em

brasa. Decidiu enfrentar seu inimigo cara a cara, e sozinho. Nenhuma terceira parte deveria interromper esse conflito final. Deveria ser travado apenas entre os protagonistas. Na tarde de terça-feira, dia 21 de julho, portanto, esgueirou-se até o andar de baixo e ficou esperando no hall de entrada. Não precisou esperar muito. Logo ouviu o ruído dos passos conhecidos na rua; ouviu a costumeira batida na porta. O senhor Browning foi convidado a entrar. Vagamente consciente a respeito do ataque iminente e determinado a enfrentá-lo com o espírito mais conciliador possível, o Senhor Browning havia trazido um pacote de tortas. Ali estava Flush, esperando-o no hall. O Senhor Browning fez, evidentemente, alguma menção bem intencionada de acariciá-lo; talvez até tenha chegado a oferecer-lhe uma torta. O gesto foi o bastante. Flush avançou sobre seu inimigo com violência sem paralelo. Seus dentes mais uma vez fecharam-se nas calças do Senhor Browning. Mas, infelizmente, no calor do momento, esqueceu-se do que era mais essencial ─ silêncio. Latiu; avançou sobre o Senhor Browning latindo alto. O som foi suficiente para deixar toda a casa em polvorosa. Wilson apressou-se escada abaixo. Wilson bateu nele com força. Wilson dominou-o totalmente. Wilson levou-o para longe, em desonra. Era mesmo uma desonra ─ ter atacado o Senhor Browning, ter sido espancado por Wilson. O Senhor Browning não havia levantado um dedo. Carregando suas tortas, o Senhor Browning seguiu seu caminho, intacto, imperturbável, em perfeita compostura, escada acima, sozinho, até o quarto. Flush foi levado embora.

Depois de duas horas e meia de confinamento deplorável, com papagaios e besouros, samambaias e panelas na cozinha, Flush foi levado à presença da Senhorita Barrett. Estava deitada em seu sofá, com a irmã Arabella ao lado.

Ciente da justeza de sua causa, Flush correu em sua direção. Mas ela se recusava a olhar para ele. Virou-se para Arabella. Que simplesmente disse: "Flush feio, vai-te daqui". Wilson estava lá ─ a formidável e implacável Wilson. Foi a ela que a Senhorita Barrett recorreu para obter informações. Havia batido nele, relatou, "porque era a coisa certa a se fazer". E, concluiu, só

havia batido com a mão. Flush fora condenado com base em seu testemunho. A Senhorita Barrett pressupôs que o ataque fora gratuito; creditava ao Senhor Browning toda virtude, toda generosidade; Flush fora castigado por uma empregada, sem chicote, porque era a coisa certa a se fazer. Não havia mais nada a ser dito. A Senhorita Barrett dera seu veredicto contra ele. "Então, ficou deitado no chão, aos meus pés", ela escreveu, "olhando para mim por sob as sobrancelhas". Mas, apesar de Flush ficar olhando para ela, a Senhorita Barrett recusava-se a cruzar seu olhar com o dele. Ela ficou lá deitada no sofá; ele ficou lá deitado no chão.

E, enquanto estava lá, exilado, no tapete, vivia um daqueles turbilhões de emoções tumultuadas em que podem acontecer duas coisas: ou a alma é arremessada contra os rochedos e espatifada ou, encontrando algo em que se segurar, lenta e dolorosamente consegue erguer-se da água, tornar a ganhar a terra firme e finalmente emergir por cima de um universo arruinado para explorar um mundo recém— criado em um plano distinto. O que seria? Destruição ou reconstrução? Essa era a questão. Apenas o contorno desse dilema pode ser delineado aqui; porque o debate era silencioso. Por duas vezes, Flush havia dado o máximo de si para matar seu inimigo; duas vezes havia falhado. E por que falhara? Perguntava a si mesmo. Porque amava a Senhorita Barrett. Olhando para ela por debaixo de suas sobrancelhas, deitada no sofá, severa e silenciosa, entendeu que a amaria para sempre. As coisas não são simples, mas complexas. Se mordera o Senhor Browning, mordera a Senhorita Barrett igualmente. Ódio não é ódio; ódio também é amor. Nesse ponto, Flush sacudiu as orelhas na agonia da perplexidade. Virou-se desajeitadamente no chão. O Senhor Browning era a Senhorita Barrett — a Senhorita Barrett era o Senhor Browning; amor é ódio e ódio é amor. Esticou-se, ganiu e ergueu a cabeça. O relógio bateu oito horas. Fazia mais de três horas que estava lá, quieto, jogado para lá e para cá em seu dilema.

Até mesmo a Senhorita Barrett, severa, fria, implacável como era, repousou a pena. "Flush malvado!", havia escrito para o Senhor Browning: . . .se pessoas como Flush resolvem agir com

selvageria, como cães, devem arcar com as consequências, como os cães geralmente o fazem! E tu, tão bom e delicado com ele! Qualquer um, a não ser tu, lhe teria dito, no mínimo, palavras ásperas". De fato, teria sido uma boa providência, ela pensou, ter comprado uma focinheira. Então, ergueu os olhos e viu Flush. Algo incomum deve ter chamado sua atenção. Fez uma pausa. Pousou a pena. Certa vez, ele a havia despertado com um beijo, e ela pensara que era Pã. Comera frango e pudim de arroz cheio de nata. Renegara o sol em nome dela. Ela o chamou e disse que o perdoava.

Mas ser perdoado como se aquilo houvesse sido apenas um capricho, ser aceito de volta ao sofá como se não tivesse aprendido nada com sua angústia no chão, como se fosse o mesmo cão quando, na verdade, era uma criatura totalmente diferente, era impossível. Naquela hora, exausto como estava, Flush rendeu-se. Alguns dias depois, no entanto, uma cena notável tomou lugar entre ele e a Senhorita Barrett, que demonstrou a profundidade de suas emoções. O Senhor Browning chegara e partira; Flush estava sozinho com a Senhorita Barrett. Normalmente, ele teria pulado para o sofá e se acomodado a seus pés. Mas, dessa vez, no lugar de saltar como sempre e pedir carinho, Flush dirigiu-se para o móvel que agora era "a poltrona do Senhor Browning . Normalmente, a cadeira lhe parecia abominável; ainda guardava as formas do inimigo. Mas agora, tal era a batalha que ele vencera, tal era a benevolência que o cobria, que não só ele olhava para a cadeira mas, enquanto olhava, "de repente explodiu em êxtase". A Senhorita Barrett, observando-o com atenção, notou esse presságio extraordinário. Em seguida, viu que ele voltou os olhos para uma das mesas. Naquela mesa, ainda repousavam as tortas do Senhor Browning. Ele lembrou-me de que as tortas que tu deixaste ainda estavam sobre a mesa". Agora, eram tortas velhas, tortas rançosas, tortas destituídas de qualquer sedução carnal. O que Flush queria dizer estava bem claro. Recusara-se a comer as tortas quando estavam frescas porque haviam sido oferecidas por um inimigo. Ele as comeria agora que estavam rançosas porque eram oferecidas por um inimigo que se transformou em amigo, porque eram o

símbolo do ódio transformado em amor. Sim, queria dizer, ele as comeria agora. Portanto a Senhorita Barrett levantou-se e pegou as tortas com a mão. E, à medida que as dava para ele, repreendia-o: "Expliquei-lhe que quem havia trazido as tortas para ele foras tu, e que por isso ele deveria de agora em diante envergonhar-se por sua maldade anterior, e amar-te e não mais te morder no futuro ─ e assim teria permissão de desfrutar de tua bondade para com ele". Enquanto engolia os flocos insossos daquela massa repugnante ─ estava embolorada, estava inchada, estava azeda ─ Flush repetia solenemente, em sua própria linguagem, as palavras que ela usara ─ jurou amar o Senhor Browning e não mordê-lo no futuro.

Foi recompensado instantaneamente ─ não com tortas rançosas, não com asinhas de frango, não com as carícias que agora eram suas, nem com a permissão de deitar-se mais uma vez no sofá, aos pés da Senhorita Barrett. Foi recompensado espiritualmente; no entanto, os efeitos foram curiosamente físicos. Como uma barra de ferro enferrujado que apodrecia, matando toda a vida natural abaixo de si, o ódio depositara-se em sua alma durante todos aqueles meses. Agora, por meio do corte de facas afiadas e cirurgias dolorosas, o ferro havia sido extraído. Agora o sangue circulava novamente; os nervos despertavam e formigavam; a carne cicatrizava; a Natureza regozijava, como se fosse primavera. Flush ouvia os passarinhos cantarem novamente, sentia as folhas nascendo nas árvores; enquanto ficava acomodado no sofá, aos pés da Senhorita Barrett, glória e deleite corriam por suas veias. Agora ele estava com eles, não contra eles; as esperanças, os desejos deles eram os seus. Agora, Flush poderia ter latido de felicidade para o Senhor Browning. As palavras curtas e vivazes arrepiavam os pelos de sua nuca. "Preciso de uma semana de terças— feiras", o Senhor Browning clamava, "e, depois, um mês ─ um ano uma vida!" Eu, Flush ecoava, preciso de uma semana, preciso de um mês ─ um ano ─ uma vida! Preciso de todas as coisas de que vocês dois precisam. Somos três conspiradores da mais gloriosa das causas. A solidariedade nos une. O ódio nos une. O desafio à negra tirania esmagadora nos une. O amor nos une. Resumindo, todas as esperanças de Flush agora se baseavam em

um triunfo, vagamente assimilado mas, portanto, claramente emergente, em alguma vitória gloriosa que seria dos três em conjunto. No meio dessa sensação, de repente, sem uma palavra de aviso, quando estava no cerne da civilização, da segurança e da amizade ─ em uma loja em Vere Street, com a Senhorita Barrett e sua irmã, na manhã de terça-feira, 1" de setembro ─, Flush foi jogado de ponta-cabeça dentro da escuridão. As portas de um calabouço fecharam-se acima de sua cabeça. Ele foi roubado.

CAPÍTULO IV



Whitechapel

Esta manhã, Arabel e eu, e ele conosco", escreveu a Senhorita Barrett, "pegamos um cup de praça e fomos até Vere Street, onde tínhamos alguns negócios a cuidar, e ele nos seguiu, como sempre, para dentro e para fora da loja, e estava nos meus calcanhares quando subimos na carruagem. Eu me voltei e disse Flush, e Arabel olhou em volta procurando-o — não havia Flush nenhum por ali! Ele havia sido capturado naquele instante, de debaixo dos nossos narizes, entendeste? O Senhor Browning entendeu perfeitamente bem. A Senhorita Barrett esquecera a coleira, portanto Flush foi roubado. Em 1846, essa era a lei em Wimpole Street e seus arredores.

É verdade que nada era capaz de sobrepujar-se à aparente solidez e segurança de Wimpole Street. Tanto que uma inválida podia perambular por ali ou sair em sua cadeira de passeio sem ser ameaçada por nada naquela paisagem de casas de quatro pavimentos, janelas de vidro e portas de mogno. Até mesmo uma carruagem puxada por dois cavalos, durante um passeio vespertino, não precisava, se o cocheiro fosse discreto, sair dos limites do decoro e da respeitabilidade. Mas uma pessoa que não fosse inválida nem possuísse uma carruagem puxada por dois cavalos; se ela fosse — como muitas pessoas o eram — ativa, com o corpo

perfeito, e se gostasse de andar, então poderia ver coisas, ouvir linguagens e sentir cheiros a menos de um tirinho de distância de Wimpole Street; coisas que jogavam dúvidas sobre a solidez até mesmo da própria Wimpole Street. Foi exatamente o que o Senhor Thomas Beames descobriu quando resolveu sair caminhando por Londres. Surpreendeu-se; ficou até mesmo chocado. Prédios esplêndidos erguiam-se em Westminster; no entanto, logo atrás deles, havia choupanas em ruínas nas quais seres humanos viviam amontoados sobre vacas ─ "dois a cada dois metros de espaço". Sentiu que deveria contar a outros o que vira. Mas como é que alguém poderia descrever, de maneira polida, um quarto em que duas ou três famílias viviam sobre um estábulo de vacas, quando não havia ventilação no estábulo, quando as vacas eram ordenhadas, mortas e comidas sob o quarto? Aquilo era uma tarefa, o Senhor Beames percebeu quando tentou executá-la, que colocava à prova todos os recursos da língua inglesa. Mesmo assim, sentiu que precisava descrever o que vira no decorrer de uma tarde de caminhada através de algumas das freguesias mais aristocráticas de Londres. O risco de contrair tifo era muito grande. Os ricos não sabiam que espécie de perigos rondavam por ali. Não conseguiu segurar a língua quando descobriu o que descobriu em Westminster, Paddington e Marylebone. Por exemplo, havia uma mansão que anteriormente pertencera a algum destacado integrante da nobreza. Relíquias de lareiras de mármore continuavam em pé. Os quartos tinham as paredes forradas e os corrimãos eram entalhados; mas, no entanto, os pisos estavam apodrecidos, as paredes respingadas de imundície; hordas de homens e mulheres seminus haviam tomado como moradia os antigos salões de banquetes. Então, seguiu em frente. Um especulador imobiliário havia derrubado uma antiga mansão de família. Havia construído no local, às pressas, uma precária casa de cômodos de aluguel. A chuva pingava através do telhado, e o vento soprava através das paredes. Viu uma criança mergulhar uma lata em um córrego de água verde brilhante e perguntou se bebiam daquela água. Sim, e também usavam-na para banhar-se, já que o senhorio só permitia que água fosse ligada duas vezes por semana.

Tais sinais eram os mais surpreendentes, porque apareciam nos bairros mais sossegados e civilizados de Londres — "as freguesias mais aristocráticas de Londres têm sua cota". Atrás do quarto da Senhorita Barrett, por exemplo, ficava um dos piores cortiços de Londres. Tal imundície misturada a tanta respeitabilidade. Mas existiam certos bairros que, sem dúvida, havia muito tinham sido deixados para os pobres, e ninguém os incomodava. Em Whitechapel, ou em uma área triangular abaixo de Tottenham Court Road, a pobreza, a miséria e a libertinagem reproduziram-se, agitaram-se e propagaram sua espécie por séculos, sem sofrer interferências. Uma densa massa de prédios antigos próxima a St. Giles "era quase um assentamento penal, uma metrópole indigente por si só". Por consequência e de maneira bastante adequada, o local em que os pobres aglomeravam-se era conhecido como Rooke.

Porque lá os seres humanos apinhavam-se uns em cima dos outros como gralhas apinham-se e enegrecem as copas das árvores. Só que construções não eram árvores; mal podiam ser chamadas de construções. Celas de tijolos eram separadas por corredores cheios de sujeira. Durante todo o dia, os corredores fervilhavam de seres humanos seminus; à noite, juntavam-se a eles os ladrões, mendigos e prostitutas que voltavam para casa depois de exercer suas funções durante todo o dia na parte mais próspera da cidade, o West End. A polícia não podia fazer nada. Nenhum viajante solitário podia fazer nada além de atravessar a região o mais rápido possível e talvez sugerir, como o Senhor Beames havia feito, com muitas citações, subterfúgios e eufemismos, que as coisas não eram bem como deveriam ser. A cólera tomaria conta do lugar, e talvez essa dica não fosse assim tão sutil.

Mas, no verão de 1846, tal informação ainda não fora divulgada; e o único comportamento seguro para quem morava em Wimpole Street e seus arredores era manter-se rigorosamente dentro dos limites da área respeitável e conduzir os cães com coleira. Se alguém se esquecesse das regras, como a Senhorita Barrett esquecera, pagaria o preço, como a Senhorita Barrett agora deveria pagar. Os termos sob os quais Wimpole Street vivia ombro

a ombro com St. Giles eram bem conhecidos. St. Giles roubava tudo o que conseguia; Wimpole Street pagava o que tinha que pagar. Portanto, na mesma hora, Arabel "começou a me consolar, mostrando-me como eu o recuperaria com dez libras, no máximo". Sabia-se que dez libras era mais ou menos o preço que o Senhor Taylor pediria por um cocker spaniel.

O Senhor Taylor era o chefe do bando. Assim que uma dama de Wimpole Street perdia um cão, procurava o Senhor Taylor; ele dava o seu preço, que era pago; ou, se não fosse, um embrulho de papel pardo era entregue em Wimpole Street alguns dias depois, contendo a cabeça e as patas do cão. Tal fora, pelo menos, a experiência de uma dama da vizinhança que tentara fazer um acordo com o Senhor Taylor. Mas é claro que a Senhorita Barrett estava disposta a pagar o que ele pedisse. Portanto, quando chegou em casa e contou o acontecido a seu irmão Henry, ele foi ter com o Senhor Taylor naquela mesma tarde. Encontrou-o "fumando um charuto em uma sala com quadros" ─ dizia-se que o Senhor Taylor ganhava de dois a três mil por ano com os cães de Wimpole Street ─ e o Senhor Taylor prometeu que averiguaria junto a sua "Sociedade" e que o cão seria devolvido no dia seguinte. Por mais vexatório que fosse o assunto, além de especialmente inoportuno no momento em que a Senhorita Barrett mais precisava de todo seu dinheiro, essas eram as consequências inevitáveis de esquecer-se de colocar a coleira em um cão em 1846.

Mas, para Flush, as coisas eram bem diferentes. Flush, a Senhorita Barrett refletiu, "não sabe que é possível recuperá-lo"; Flush nunca dominara os princípios da sociedade humana. "Durante toda esta noite, ele vai uivar e lamentar— se, eu sei muito bem", a Senhorita Barrett escreveu para o Senhor Browning na tarde de terça-feira, dia 1 de setembro. Mas, enquanto a Senhorita Barrett escrevia para o Senhor Browning, Flush vivia a pior experiência de sua vida. Sentia-se extremamente perplexo. Em um instante, estava em Vere Street, entre fitas e rendas; no outro, estava de ponta-cabeça, dentro de uma bolsa; sacolejando velozmente por ruas, até finalmente ser despejado ─ aqui. Descobriu-se na completa escuridão. Descobriu-se no frio e na umidade. Assim que a tontura

passou, distinguiu algumas formas na sala baixa e escura — cadeiras quebradas, um colchão revirado. Então foi agarrado e amarrado firmemente pela pata a algum tipo de obstáculo. Algo se espalhava pelo chão — se era animal ou humano, não sabia dizer. Botas pesadas e vestidos enlameados entravam e saíam sem parar. Moscas ajuntavam-se sobre restos de carne velha que apodreciam no chão. Crianças vinham arrastando-se dos cantos escuros e puxavam suas orelhas. Ele ganiu, e uma mão pesada acertou-lhe a cabeça. Encolheu-se de medo contra a parede, nos poucos centímetros disponíveis de tijolos úmidos. Agora, conseguia ver que o chão estava coalhado de animais de diferentes tipos. Cães abocanhavam e despedaçavam um osso podre que disputavam entre si. Suas costelas apareciam sob o pelo — estavam esfaimados, sujos, doentes, sem pentear e sem escovar; e, no entanto, Flush percebeu que todos eram cães de raça, cães de coleira, cães de companhia como ele próprio.

Ficou lá deitado, sem ousar ganir, hora após hora. Seu maior sofrimento era a sede; mas um gole da água espessa e esverdeada que estava em uma gamela próxima deixou-o nauseado; preferiria morrer a experimentar aquilo novamente. No entanto, um galgo imponente bebia o líquido com ganância. Cada vez que alguém chutava a porta para abri-la, ele olhava para cima. Senhorita Barrett — será que era a Senhorita Barrett? Será que chegava, afinal? Mas era só um bandido peludo que chutava todos os cães para o lado e ia tropeçando até uma cadeira quebrada, sobre a qual se jogava. Então, gradualmente, a escuridão foi ficando mais densa. Ele mal conseguia distinguir as figuras no chão, no colchão, nas cadeiras quebradas. Um toco de vela estava preso sobre o peitoril da lareira. Uma chama tremeluzia na sarjeta, do lado de fora. Em sua luz bruxuleante e grosseira, Flush via os rostos terríveis que passavam do lado de fora, espiando de soslaio pela janela. Iam entrando, até que a pequena sala acanhada ficou tão apinhada de gente que ele precisou se encolher e encostar-se ainda mais na parede. Esses monstros horríveis — alguns eram esfarrapados, outros brilhavam, cobertos de pintura e de penas — agachavam-se no chão; amontoavam-se em cima da mesa.

Começaram a beber, a xingar e a amaldiçoar uns aos outros. Mais cães saíam aos trambolhões dos sacos jogados no chão ─ cães de companhia, setters, pointers, ainda usando suas coleiras; e uma cacatua gigante que se agitava e esvoaçava de um canto para o outro, gritando "Pretty Poil", "Pretty Poll", com um sotaque que teria aterrorizado sua dona, uma viúva de Maida Vale. Então as bolsas das mulheres abriram— se e foram despejados sobre a mesa braceletes, anéis e broches, como aqueles que Flush vira a Senhorita Barrett e Henrietta usarem. Os demônios colocavam suas patas sobre as jóias e as agarravam; xingavam-se e brigavam por causa delas. Os cães latiam. As crianças guinchavam, e a esplêndida cacatua ─ um pássaro igual a um outro que Flush vira frequentemente em uma janela de Wimpole Street ─ gritava "Pretty Poll! Pretty Poil!" cada vez mais rápido, até que um chinelo foi atirado em sua direção e o pássaro agitou suas grandes asas da cor cinzenta dos pombos, com manchas amarelas, em frenesi. Então a vela virou e caiu. A sala ficou escura. Foi ficando cada vez mais quente; o cheiro e o calor eram insuportáveis, o focinho de Flush queimava; seu pelo coçava. E, ainda assim, a Senhorita Barrett não chegava.

A Senhorita Barrett estava deitada em seu sofá em Wimpole Street. Estava aflita; estava preocupada, mas não seriamente alarmada. Claro que Flush sofreria: ganiria e latiria a noite toda, mas era apenas questão de algumas horas. O Senhor Taylor estabeleceria seu valor; ela o pagaria; Flush seria devolvido.

A manhã de quarta-feira, dia 2 de setembro, despontou nos cortiços de Whitechapel. As janelas quebradas gradualmente se mancharam de cinza. A luz caiu sobre os rostos peludos dos bandidos esparramados pelo chão. Flush acordou de um transe que cobria seus olhos com um véu e, mais uma vez, percebeu a realidade ─ esta sala, estes bandidos, estes cães ganindo, avançando e rangendo os dentes, este ar sujo, esta umidade. Será que, apenas no dia anterior, ele estivera de fato em uma loja, acompanhado de damas, rodeado por fitas? Será que existia um lugar como Wimpole Street? Será que existia um quarto onde a água fresca cintilava em um pote vermelho; será que ele já se

deitara em almofadas; será que comera uma asinha de frango bem assada e temperada; e será que se contorcera de raiva e mordera um homem de luvas amarelas? Toda aquela vida e os sentimentos que a acompanhavam flutuavam para longe, dissolviam-se, tornavam-se irreais.

Aqui, à medida que a poeira filtrava a luz que entrava, uma mulher levantou-se pesadamente do saco onde estivera sentada e saiu aos tropeços para buscar cerveja. A bebida e os xingamentos recomeçaram. Uma mulher gorda ergueu-o pelas orelhas e beliscou suas costelas; fizeram alguma piada odiosa a seu respeito — quando ela o jogou no chão novamente, ouviram-se altas gargalhadas. A porta foi chutada e aberta, e fechou-se com uma batida. Sempre que aquilo acontecia, ele olhava para cima. Será que era Wilson? Ou a Senhorita Barrett? Mas não — era apenas outro ladrão, outro assassino; encolhia-se de medo à mera visão daquelas saias enlameadas, daquelas botas pesadas e pontudas. Certa vez, tentou abocanhar um osso que foi atirado em sua direção. Mas seus dentes não eram capazes de se fechar naquela carne endurecida, e o cheiro rançoso deixava-o nauseado. Sua sede aumentou, e foi obrigado a lamber um pouco da água verde que espirrara da gamela. Mas, à medida que a quarta-feira foi passando e ele foi se sentindo mais quente e mais ressecado e ainda mais dolorido, deitado sobre as tábuas quebradas, uma coisa fundiu-se com a outra. Ele mal notava o que acontecia. Foi só quando a porta se abriu que ele levantou a cabeça e olhou. Não, não era a Senhorita Barrett.

A Senhorita Barrett, deitada no sofá em Wimpole Street, estava ficando ansiosa. Havia alguma espécie de dificuldade nos procedimentos. Taylor prometera que iria a Whitechapel na quarta-feira à tarde e averiguaria junto à "Sociedade". No entanto, a tarde e a noite de quarta-feira passaram e Taylor continuava sem dar notícias. Isso só podia significar, ela concluiu, que o preço subiria — o que seria deveras inconveniente naquele momento. Ainda assim, claro, ela teria que pagar. "Eu preciso do meu Flush, tu sabes", ela escreveu ao senhor Browning. Não posso correr o risco de querer barganhar e discutir." E assim permanecia no sofá, escrevendo para

o Senhor Browning e esperando ouvir uma batida à porta. Mas Wilson subiu com as cartas; Wilson subiu com a água quente. Era hora de dormir, e Flush não chegara.

Quinta-feira, 3 de setembro, amanheceu em Whitechapel. A porta abriu e fechou. O setter ruivo que ganira a noite toda ao lado de Flush, no chão, foi arrastado para fora por um bandido usando capa de molesquim ─ para que sorte? Será que era melhor ser morto ou permanecer ali? O que era pior: esta vida ou aquela morte? A algazarra, a fome e a sede, os cheiros fedorentos do lugar ─ e, no passado, Flush lembrou, detestara o cheiro de eau-de-cologne ─ rapidamente apagavam qualquer imagem clara, qualquer desejo específico. Fragmentos de memórias antigas começavam a rodar em sua mente. Será que aquela voz pertencia ao velho Doutor Mitford gritando no campo? Era aquela tal de Kerenhappock fofocando com o padeiro à porta? Ouviu-se um ruído na sala e ele pensou ter ouvido a Senhorita Mitford amarrando um ramalhete de gerânios. Mas era só o vento ─ porque aquele era um dia de tempestade ─ batendo no papel pardo que cobria a vidraça quebrada. Era só alguma voz bêbada delirando na sarjeta. Era só a velha do canto resmungando sem parar enquanto fritava um arenque em uma frigideira sobre o fogo. Ele fora esquecido e abandonado. Nenhum auxílio viria. Nenhuma voz falava com ele ─ os papagaios gritavam "Pretty Poil, Pretty Poli", e os canários continuavam com seus arrulhos e estrilos sem sentido.

Então, mais uma vez, a noite escureceu a sala; a vela foi colocada em seu pires; a luz bruxuleou do lado de fora; hordas de homens sinistros com sacos nas costas, de mulheres espalhafatosas com os rostos pintados começaram a arrastar-se porta adentro e jogar-se sobre as camas e as mesas quebradas. Mais uma noite jogara sua escuridão sobre Whitechapel. E a chuva pingava sem parar por um buraco no teto e escorria para dentro de um balde que fora colocado de modo a recolher a água. A Senhorita Barrett não viera.

Quinta-feira amanheceu em Wimpole Street. Não havia sinal de Flush ─ nem recado de Taylor. A senhorita Barrett estava aflita demais. Fez indagações. Chamou seu irmão Henry e o interrogou.

Descobriu que ele a enganara. O "satanás" Taylor estivera na casa, de acordo com sua promessa. E fixara seus termos — seis guinéus para a Sociedade e meio guinéu para si mesmo. Mas, Henry, em vez de comunicar a ela, comunicou ao Senhor Barrett; como resultado, claro, o Senhor Barrett disse-lhe que não pagasse e que escondesse a visita de sua irmã. A Senhorita Barrett ficou muito "aborrecida e brava". Ordenou que seu irmão fosse imediatamente até o Senhor Taylor e pagasse a quantia exigida. Henry recusou-se e "falou a respeito de Papai". Mas não adiantava nada falar de Papai, protestou. Enquanto falavam de Papai, Flush poderia ser morto. Ela tomou uma decisão. Se Henry não fosse, iria sozinha: "...se os outros não fizerem o que quero, devo ir pessoalmente amanhã de manhã e trarei Flush comigo", escreveu ao Senhor Browning.

Mas, então, a Senhorita Barrett viu que era mais fácil falar do que fazer. Era quase tão difícil ela ir até Flush quanto Flush vir até ela. Toda Wimpole Street estava contra ela. A notícia de que Flush fora roubado e de que Taylor pedia um resgate agora era de domínio público. Wimpole Street estava disposta a tomar uma posição contra Whitechapel. O Senhor Boyd, que era cego, mandou dizer que, em sua opinião, seria "um terrível pecado" pagar o resgate. Seu pai e seu irmão estavam de conluio contra ela e seriam capazes de qualquer trapaça em nome dos interesses de sua classe. Mas pior de tudo — muito pior — foi que o próprio Senhor Browning jogou todo seu peso, toda sua eloquência, toda sua sabedoria, toda sua lógica para o lado de Wimpole Street e contra Flush. Se a Senhorita Barrett desse espaço a Taylor, escreveu, estaria dando espaço à tirania; estaria dando espaço a chantagistas; estaria aumentando o poder do mal sobre o bem, da imoralidade sobre a inocência. Se desse a Taylor o que ele pede, "...como pagariam os pobres donos que não têm dinheiro suficiente para libertar seus cães"? Sua imaginação se inflamou; imaginou o que diria se Taylor lhe pedisse meros cinco xelins; diria: "Tu és responsável pelos lucros do teu bando, e tu estás na minha mira — não digas bobagens a respeito de cortar cabeças e patas. Gastarei toda a minha vida fazendo com que tu, o inconveniente que tu te

mostras, sucumbas — e, por todos os meios imagináveis, serei a tua morte, assim como de todos os teus cúmplices que eu venha a descobrir —, mas a ti eu já descobri e nunca te perderei de vista — tenha disso tanta certeza quanto é certo que aqui estou e digo... Assim o Senhor Browning teria respondido a Taylor se tivesse a boa sorte de encontrar aquele cavalheiro. Porque, de fato, foi em frente, desenvolvendo a idéia em uma segunda carta, enviada naquela mesma quinta-feira, à tarde: "... é horrível vislumbrar como todos os opressores em seus vários níveis, se assim desejarem, são capazes de dobrar os fracos e os silenciosos de diversas maneiras, uma vez que descobrem seus pontos fracos". Ele não culpava a Senhorita Barrett — nada que ela fazia poderia ser nada mais que perfeitamente correto, perfeitamente aceitável para ele. Ainda assim, prosseguiu na sexta-feira de manhã: "Considero isso uma fraqueza lamentável..." Se ela estimulasse Taylor, que roubava cães, encorajaria o Senhor Barnard Gregory, que roubava personagens. Indiretamente, ela seria responsável por todos os infelizes que cortavam suas gargantas ou fugiam do país porque algum chantagista como Barnard Gregory copiara alguma lista e divulgara seus nomes. Mas por que desfilar essa sequência de banalidades a respeito da coisa mais evidente do mundo?" Então, dessa maneira, o Senhor Browning esbravejava e vociferava em New Cross, duas vezes por dia.

Deitada em seu sofá, a Senhorita Browning lia as cartas. Como teria sido fácil render-se — como teria sido fácil dizer: "Para mim, a tua justa opinião vale mais do que uma centena de cocker spaniels. Como teria sido fácil afundar-se em seus travesseiros e suspirar: Eu sou uma mulher fraca, não sei nada a respeito de lei e justiça, decida por mim". Tudo que ela tinha a fazer era recusar-se a pagar o resgate; só precisava desafiar Taylor e sua Sociedade.

E, se Flush fosse morto, se o terrível pacote chegasse, se ela o abrisse e de dentro caíssem a cabeça e as patas do animal, teria Robert Browning a seu lado para assegurá-la de que tomara a decisão acertada e que conquistara seu respeito. Mas a Senhorita Barrett não se intimidaria. Pegou sua pena e refutou o Senhor Browning. Era muito bonito, escreveu, citar Donne; citar o caso de

Gregory; inventar respostas espirituosas para o Senhor Taylor ─ ela teria feito o mesmo caso Taylor a atacasse; caso Gregory a difamasse ─ se ousassem! Mas o que o Senhor Browning teria feito se os bandidos tivessem-na roubado; se tivessem ela em seu poder, ameaçando cortar as orelhas dela e enviá-las pelo correio para New Cross? Independentemente da decisão dele, ela tomara uma decisão. Flush estava indefeso. Seu dever era para com ele. "Mas Flush, pobre Flush, que me amara tão fielmente. Será que tenho direito de sacrificá-lo em sua inocência, em nome da culpa de qualquer Senhor Taylor no mundo?" Independentemente do que o Senhor Browning pudesse dizer, ela salvaria Flush, mesmo que precisasse ir até as mandíbulas de Whitechapel para recolhê-lo, mesmo que Robert Browning a desprezasse por tomar essa atitude.

No sábado, portanto, com a carta do Senhor Browning aberta sobre a mesa à sua frente, começou a vestir-se. Ela leu: "Mais uma palavra ─ com tudo isso, quero dizer que vou contra a política execrável dos maridos, dos pais, dos irmãos e dos dominadores em geral do mundo". Portanto, se ela fosse até Whitechapel, iria colocar-se contra o Senhor Browning e a favor dos pais, dos irmãos e dos dominadores em geral. Ainda assim, continuou a vestir-se. Um cão uivou nas estrebarias. Estava preso, indefeso, sob o poder de homens cruéis. Parecia que, enquanto uivava, dizia a ela: "Pense em Flush". Calçou os sapatos, vestiu a capa, colocou o chapéu. Olhou para a carta do Senhor Browning mais uma vez. "Estou prestes a casar-me contigo", leu. E o cão continuava a uivar. Deixou o quarto e desceu as escadas.

Henry Barrett foi a seu encontro e disse que, em sua opinião, corria o risco de ser assaltada e assassinada se chegasse a fazer o que ameaçava. Ela mandou Wilson chamar um cupê de praça. Toda trêmula, porém submissa, Wilson obedeceu. Wilson, apesar de convencida de que a morte a espreitava, subiu na carruagem. A Senhorita Barrett disse ao condutor que fosse até Manning Street, no Shoreditch. A própria Senhorita Barrett subiu a bordo, e a carruagem partiu. Logo, deixavam para trás as janelas envidraçadas, as portas de mogno e os terrenos cercados de grades. Estavam em um mundo que a Senhorita Barrett nunca vira,

sobre o qual nunca refletira. Estavam em um mundo onde vacas eram criadas sob quartos de dormir, onde famílias inteiras dormiam em aposentos com as janelas quebradas; em um mundo onde a água era ligada apenas duas vezes por semana, em um mundo onde a libertinagem e a pobreza originavam mais libertinagem e pobreza. Chegavam a uma região desconhecida dos condutores de cupês respeitáveis. A carruagem parou; o condutor perguntou o caminho em uma hospedaria. "De lá saíram dois ou três homens: Ah, o senhor deseja encontrar o Senhor Taylor, arrisco-me a dizer! A este mundo misterioso, um cupê transportando duas damas só poderia vir por um motivo, e o motivo já era conhecido. Tudo era sinistro ao extremo. Um dos homens correu para dentro de uma casa e saiu dizendo que o Senhor Taylor "não estava em casa! Mas será que eu não gostaria de descer?" Wilson, em um murmúrio de terror, suplicou que eu nem pensasse em tal coisa". Uma cambada de homens e garotos ajuntava-se em volta da carruagem. "Será que eu não gostaria de ver a Senhora Taylor?", o homem perguntou. A Senhorita Barrett não tinha desejo algum dever a Senhora Taylor; mas agora uma imensa mulher gorda já saía da casa, "gorda o bastante para alguém que sempre teve a consciência tranquila", e informou à Senhorita Barrett que seu marido estava fora: "Ele pode voltar daqui a alguns minutos ou daqui a muitas horas ─ será que eu não gostaria de descer e esperar?" Wilson puxava sua saia. Imagine só, esperar dentro da casa daquela mulher! Já era bem ruim ficar sentada no cupê com aquela cambada de homens e de garotos aglomerando-se ao redor delas. Assim, a Senhorita Barrett negociou com a "imensa bandida" sem sair do cupê. Ela disse que o Senhor Taylor estava com o cão dela; o Senhor Taylor prometera devolver seu cão; será que poderia dar como certo que o Senhor Taylor levaria seu cão de volta a Wimpole Street naquele mesmo dia?

"Ah, com certeza", disse a mulher gorda com um sorriso dos mais corteses no rosto. Acreditava que o Senhor Taylor saíra de casa precisamente para cuidar desse assunto. E então "balançou a cabeça de um lado para o outro com graça das mais afáveis Então, o cupê de praça deu meia-volta e deixou para trás

Manning Street, no Shoreditch. Wilson acreditava que "escapamos com vida por pouco". A própria Senhorita Barrett ficara receosa. "Estava bem claro que a corja era forte ali. A Sociedade, o "Capricho", como o bando era conhecido estava enraizado no solo", escreveu. Sua mente fervilhava de pensamentos, seus olhos enchiam-se de imagens. Era isso, então, que existia do outro lado de Wimpole Street? — estes rostos, estas casas. Enquanto esperava na carruagem parada à frente da pensão, vira mais coisas do que durante todos os cinco anos passados em repouso no quarto dos fundos de Wimpole Street. "Os rostos daqueles homens!", exclamou. Estavam marcados em sua retina. Estimulavam sua imaginação mais do que "as divinas presenças de mármore", os bustos em cima da estante de livros, jamais haviam estimulado. Ali viviam mulheres como ela mesma; enquanto ela vivia em seu sofá, lendo e escrevendo, elas também viviam. Mas agora o cupê já passava por casas com quatro pavimentos mais uma vez. Aqui estava a avenida conhecida de portas e janelas: o tijolo anguloso, os batentes de latão, as cortinas habituais. Aqui estava Wimpole Street e o número 50. Wilson pulou para fora do cupê — com o maior alívio que se possa imaginar por estar a salvo, finalmente. A Senhorita Barrett talvez tenha hesitado por um instante. Continuava vendo "os rostos daqueles homens". Que voltariam à sua mente anos depois, quando estava acomodada em uma sacada ensolarada na Itália, para escrever. Inspirariam a passagem mais intensa em Aurora Leigh. Mas, agora, o mordomo já abrira a porta, e ela subira as escadas, de volta a seu quarto.

Sábado foi o quinto dia da prisão de Flush. Quase exausto, quase desesperado, ficou arfando em seu canto escuro no chão cheio de insetos. Portas batiam e se fechavam. Vozes ásperas gritavam. Papagaios tagarelavam como nunca haviam tagarelado às janelas em Maida Vale, mas agora velhos e velhas maldosas simplesmente os xingavam.

Insetos arrastavam-se por seu pelo, mas estava fraco demais, indiferente demais para sacudir o corpo. Toda a vida pregressa de Flush e as cenas que a ilustravam — Reading, a estufa, a Senhorita Mitford, o Senhor Kenyon, as estantes de livros,

os bustos, os camponeses na persiana ─ esvaíam-se como flocos de neve que se dissolvem em um caldeirão. Se é que ainda lhe restava algum tipo de esperança, era algo sem nome e sem forma; o rosto sem feições de alguém chamada "Senhorita Barrett". Ela ainda existia; todo o resto do mundo não estava mais lá; mas ela ainda existia, apesar de haver tantos abismos entre eles, a ponto de ser impossível, quase, que ela o alcançasse. A escuridão começou a cair mais uma vez; uma escuridão tal que quase parecia capaz de esmagar sua última esperança ─ a Senhorita Barrett.

Na verdade, as forças de Wimpole Street ainda batalhavam, até mesmo neste último instante, para manter Flush e a Senhorita Barrett afastados. No sábado à tarde, deitada em seu sofá, ela esperava o Senhor Taylor chegar, como a mulher imensamente gorda prometera. Afinal, chegou, mas não trazia o cão consigo. Enviou um recado ─ Que a Senhorita Barrett lhe pagasse seis guinéus no ato, e iria diretamente até Whitechapel para buscar o cão, dando sua palavra de honra". O que valia a palavra de honra do satanás, a Senhorita Barrett não sabia dizer, mas parecia "não haver outra saída"; a vida de Flush estava em jogo; ela contou os guinéus e mandou entregar a Taylor, no corredor. Mas, como quis a má sorte, enquanto Taylor aguardava entre os guarda-chuvas, as gravuras, o tapete felpudo e outros objetos valiosos, Alfred Barrett entrou.

A visão do satanás efetivamente dentro de sua casa fez com que ele perdesse as estribeiras. Explodiu em um acesso de raiva. Chamou-o de "vigarista, mentiroso e ladrão". Depois disso, o Senhor Taylor respondeu aos xingamentos. O pior de tudo é que jurou que "assim como confiava na salvação, nós nunca mais veríamos nosso cão", e saiu apressado da casa. Na manhã seguinte, portanto, o pacote sanguinolento chegaria.

A Senhorita Barrett enfiou-se em suas roupas mais uma vez e desceu as escadas, apressada. Onde estava Wilson? Que ela chamasse um cupê. Retornaria a Shoreditch naquele mesmo instante. A família veio correndo para impedi-la. Estava ficando escuro. Ela já estava exausta. A aventura seria bastante arriscada mesmo para um homem em perfeita saúde. Para ela, era loucura.

Foi o que lhe disseram. Seus irmãos, suas irmãs, todos se juntaram à sua volta, ameaçando-a, tentando dissuadi-la, "gritando comigo por ser 'completamente insana', obstinada e caprichosa — fui chamada de tantos nomes quanto o Senhor Taylor". Mas ela fincou os pés no chão. Afinal, perceberam a extensão de sua loucura. Quaisquer que fossem os riscos, deveriam abrir caminho para ela. Septimus prometeu que, se Ba voltasse para o quarto "e ficasse de bom humor", ele próprio iria ao encontro de Taylor, pagaria a quantia exigida e traria o cão de volta.

Assim, o anoitecer do dia 5 de setembro transformou-se no escuro da noite em Whitechapel. Mais uma vez, a porta da sala foi chutada e aberta. Um homem peludo agarrou Flush pela pele do pescoço e tirou-o de seu canto. Olhando para cima, para o rosto horrendo de seu velho inimigo, Flush não sabia se estava sendo levado para a morte ou para a liberdade. A não ser por uma memória apagada, ele não se importava. O homem tropeçou. Por que aqueles dedos enormes mexiam em sua garganta? Seria uma faca ou uma coleira? Tropeçando, meio cego, sobre patas que vacilavam, Flush foi conduzido a céu aberto.

Em Wimpole Street, a Senhorita Barrett não conseguia engolir seu jantar. Flush estaria vivo ou morto? Não sabia. Às oito da noite, Ouviu-se uma batida à porta; era a carta habitual do Senhor Browning. Mas, quando a porta se abriu para dar passagem à correspondência, algo mais também entrou correndo — Flush. Foi direto até seu pote vermelho. Que foi reabastecido três vezes; e ele continuava a beber. A Senhorita Barrett olhava para o cão sujo, perplexo e atordoado que bebia sua água. "Não ficou tão entusiasmado em me ver quanto eu esperava", observou. Não, só havia uma coisa no mundo que ele queria — água limpa.

Afinal, a Senhorita Barrett vira aqueles rostos apenas de relance e estava fadada a lembrar-se deles por toda a vida. Flush ficara à sua mercê e em sua companhia durante cinco dias inteiros. Agora, ao acomodar-se sobre almofadas mais uma vez, a água fresca era a única coisa que parecia ter algum tipo de substância, algum tipo de realidade. Bebia sem parar. Os antigos deuses do quarto — a estante de livros, o guarda-roupa, os bustos — pareciam

ter perdido sua substância. Este quarto já não era mais o mundo inteiro; era apenas um abrigo. Não passava de um pequeno vale coberto por uma camada frágil de folhas em uma floresta onde animais selvagens andam à espreita e cobras venenosas serpenteiam; onde, atrás de cada árvore, esconde-se um assassino pronto para dar o bote. Ao jogar-se, perplexo e exausto, no sofá, aos pés da Senhorita Barrett, os uivos dos cães amarrados e os gritos dos pássaros aterrorizados ainda ecoavam em seus ouvidos. Quando a porta abriu, a expectativa do aparecimento de um homem peludo com uma faca causou-lhe um sobressalto ─ era apenas o Senhor Kenyon com um livro; era apenas o Senhor Browning com suas luvas amarelas. Mas, agora, escondia-se do Senhor Kenyon e do Senhor Browning. Não confiava mais neles. Por trás daqueles rostos sorridentes e gentis havia traição, crueldade e falsidade. Suas carícias eram vazias. Ele tinha medo até de ir à caixa de correio com Wilson. Não se movia sem a coleira no pescoço. Quando diziam "pobre Flush, foi levado pelos homens maus?", ele levantava a cabeça, gemia e urrava. Um estalo de chicote fazia com que corresse para se esconder sob os degraus do pátio interno, para sentir-se a salvo. Quando estava dentro de casa, espremia-se bem junto à Senhorita Barrett no sofá. Ela era a única que não o abandonara. Ainda tinha alguma confiança nela. Gradualmente, ela foi recobrando alguma substância. Exausto, trêmulo, sujo e muito magro, ele se acomodou no sofá, a seus pés.

À medida que os dias passavam e as lembranças de Whitechapel iam ficando cada vez mais fracas, Flush, acomodado próximo à Senhorita Barrett no sofá, era capaz de entender os sentimentos dela de maneira mais clara do que nunca. Tinham sido separados; agora estavam juntos. De fato, nunca foram tão semelhantes. Cada sobressalto dela, cada movimento que fazia passava através dele também.

Agora, parecia que ela vivia sobressaltada e em movimento. A entrega de um pacote até mesmo fez com que tivesse um sobressalto. Abriu o pacote; com dedos trêmulos, retirou dali um par de botas pesadas. Escondeu-as no mesmo instante, no canto do armário. Então se deitou como se nada tivesse acontecido; e, no

entanto, algo acontecera. Quando ficaram sozinhos, ela se levantou e retirou um colar de diamantes de uma gaveta. Pegou a caixa onde guardava as cartas do Senhor Browning. Ajeitou tudo — as botas, o colar e as cartas — em uma caixa forrada e, então — como ouvisse alguém subir as escadas —, empurrou a caixa para debaixo da cama e deitou-se, apressada, voltando a cobrir-se com seu xale. Tais sinais de sigilo e de dissimulação certamente anunciavam, Flush sentia, a aproximação de alguma espécie de crise. Estariam prestes a fugir juntos? Estariam prestes a escapar juntos desse mundo pavoroso de ladrões de cães e de tiranos? Ah, se isso fosse possível! Ele tremia e gania de excitação; mas, com sua voz grave, a Senhorita Barrett mandou que se calasse, e, na mesma hora, ele ficou quieto. Ela também estava muito quieta. Acomodava-se completamente imóvel em seu sofá logo que algum de seus irmãos ou alguma de suas irmãs entrava; ficava deitada conversando com o Senhor Barrett como sempre ficava deitada conversando com o Senhor Barrett.

Mas, no sábado, dia 12 de setembro, a Senhorita Barrett fez algo inédito para Flush. Vestiu-se como se fosse sair logo após o desjejum. Além disso, enquanto a observava vestir-se, Flush entendeu perfeitamente, baseado na expressão em seu rosto, que não a acompanharia. Ela iria cuidar de assuntos secretos e particulares. Às dez, Wilson entrou no quarto. Ela também estava vestida como se fosse dar um passeio. Saíram juntas; Flush ficou deitado no sofá, esperando que retornassem. Mais ou menos uma hora depois, a Senhorita Barrett voltou sozinha. Nem olhou para ele — parecia não estar olhando para nada. Tirou as luvas, e, por um instante, ele viu uma aliança de ouro brilhar em um dos dedos de sua mão esquerda. Então a viu retirar o anel da mão e escondê-lo na escuridão de uma gaveta. Então se acomodou no sofá como sempre. Ficou deitado a seu lado, mal tendo coragem de respirar porque, seja o que houvesse acontecido, era algo que deveria ser escondido a todo custo.

A todo custo, a vida no quarto deveria continuar correndo como sempre. No entanto, tudo estava diferente. O simples movimento da persiana, que balançava para frente e para trás,

parecia a Flush um alerta. E as luzes e as sombras que passavam sobre os bustos também pareciam fazer insinuações e sinais. Tudo no quarto parecia estar ciente da mudança; estar pronto para algum tipo de acontecimento. E, no entanto, tudo estava em silêncio, tudo estava escondido. Os irmãos e as irmãs entravam e saíam como sempre; o Senhor Barrett vinha à noite, como sempre. Parecia o mesmo de sempre quando se assegurava de que a costeleta fora comida, de que o vinho fora bebido. A Senhorita Barrett conversava e ria e não dava sinais de estar escondendo algo quando havia alguém no quarto. Mas, quando ficavam sozinhos, tirava a caixa de baixo da cama e a enchia apressada e furtivamente, com os ouvidos bem atentos enquanto desempenhava a ação. Os sinais de tensão eram inequívocos. No domingo, os sinos da igreja tocaram. "Que sinos são esses?", alguém perguntou. "Os sinos da igreja de Marylebone", a Senhorita Henrietta disse. Flush viu a Senhorita Barrett ficar branca como a morte. Mas ninguém pareceu notar nada.

Então a segunda-feira se passou, assim como a terça, a quarta e a quinta. Sobre cada um daqueles dias pairava uma manta de silêncio, de comer e de conversar e de repousar no sofá como sempre. Flush, agitando-se de um lado para o outro em seu sono irrequieto, sonhava que estavam deitados, juntos, sob samambaias e folhagens, na escuridão, em uma floresta ampla; então as folhas se abriram e ele acordou. Estava escuro, mas viu Wilson entrar furtivamente no quarto, pegar a caixa sob a cama e levá-la para fora em silêncio. Era sexta-feira à noite, dia 18 de setembro. Durante toda a manhã de sábado, ficou deitado como alguém que sabe que, a qualquer momento, um alfinete vai cair, um assobio baixo vai soar e estará dado o sinal para a vida ou a morte. Observou a Senhorita Barrett vestir-se. Às quinze para as quatro, a porta abriu-se e Wilson entrou. Então, foi dado o sinal ─ a Senhorita Barrett tomou-o nos braços. Levantou-se e caminhou até a porta. Por um instante, ficaram lá parados, examinando o quarto. Ali estava o sofá e, a seu lado, a poltrona do Senhor Browning. Ali estavam os bustos e as mesas. A luz do sol era filtrada pelas folhas de hera, e a persiana com seus camponeses era suavemente

soprada para fora. Tudo como sempre. Tudo parecia pronto para que os mesmos movimentos se repetissem mais um milhão de vezes; mas, para a Senhorita Barrett e para Flush, aquela seria a última vez. Em silêncio, a Senhorita Barrett fechou a porta.

Em silêncio, deslizaram escada abaixo, passando pela sala de estar, pela biblioteca, pela sala de jantar. Tudo tinha a mesma aparência de sempre, cheirava como sempre; tudo estava quieto como se estivesse dormindo naquela tarde quente de setembro. Sobre o capacho da entrada, Catiline dormia também. Alcançaram a porta da frente e, em silêncio, giraram a maçaneta. Um cupê esperava do lado de fora.

"Para a livraria Hodgson", disse a Senhorita Barrett. Ela falava quase em sussurros. Flush acomodou-se sobre seus joelhos, imóvel. Não teria rompido aquele tremendo silêncio por nada no mundo.

CAPÍTULO V



Itália

Pareciam horas, dias, semanas de escuridão e de sacolejos; de luzes repentinas; e então de longos túneis de obscuridade; de ser jogado para lá e para cá; de ser levantado em direção à luz com pressa e de ver o rosto da Senhorita Barrett bem de perto, e árvores finas e linhas e trilhos e casas altas manchadas sucediam-se — pois, naquele tempo, as companhias ferroviárias tinham o hábito bárbaro de obrigar cães a viajar em caixas. Ainda assim, Flush não tinha medo; estavam fugindo; estavam deixando os tiranos e os ladrões de cães para trás. Sacolejos, rangidos; ranja, sacoleje o quanto quiser, ele murmurava, à medida que o trem o jogava para lá e para cá; apenas permita que Wimpole Street e Whitechapel fiquem para trás. Afinal a luz se alargou; os sacolejos chegaram ao fim. Ouviu passarinhos cantando e o suspiro das árvores ao vento. Ou será que era o som das águas? Abrindo os olhos, afinal, sacudindo o corpo, finalmente, enxergou o cenário mais surpreendente possível. Lá estava a Senhorita Barrett sobre uma pedra no meio da água corrente. Árvores debruçavam-se sobre ela; o rio corria ao seu redor. Ela deve estar em perigo. Com um salto, Flush atravessou o riacho e a alcançou. "... é batizado em nome de Petrarca", disse a Senhorita Barrett enquanto ele subia na

pedra, a seu lado. Pois estavam em Vaucluse, na França; ela tinha se empoleirado em uma pedra no meio da fonte de Petrarca.

Então houve mais sacolejos e mais rangidos; e mais uma vez ele se encontrou em chão estável; a escuridão abriu— se; a luz jorrou sobre ele; viu-se vivo, desperto, perplexo, em pé sobre lajotas avermelhadas de uma enorme sala vazia, inundada de sol. Correu de um lado para o outro, cheirando e tocando tudo. Não tinha tapete nem lareira. Não tinha sofá, nem poltrona, nem estante de livros, nem bustos. Odores pungentes e desconhecidos faziam cócegas em suas narinas e causavam espirros. A luz, infinitamente intensa e brilhante, ofuscava seus olhos. Ele nunca tinha estado em uma sala ─ se é que isso era de fato uma sala ─ tão dura, tão reluzente, tão grande, tão vazia. A Senhorita Barrett parecia menor do que nunca, sentada em uma cadeira próxima a uma mesa, no meio do vazio. Então Wilson levou-o para fora. Descobriu-se quase cego, primeiro pelo sol, depois pela sombra. Metade da rua queimava de calor; a outra era cortante de tão fria. Mulheres passavam enroladas em peles, no entanto carregavam sombrinhas para proteger a cabeça. E a rua era seca como um osso. Apesar de já ser meados de novembro, não havia nenhuma poça nem lama para molhar suas patas ou empastar seus pelos. Não havia áreas de serviço nem grades. Não havia nada daquela confusão inebriante de odores que transformava uma caminhada de Wimpole Street até Oxford Street em uma experiência estonteante. Por outro lado, os estranhos odores novos que vinham das esquinas de pedras angulosas, das paredes amarelas ressecadas, eram extraordinariamente pungentes e excêntricos. Então, de trás de uma cortina preta que ondulava ao vento, vinha um cheiro doce surpreendente que soprava em nuvens; ele parou, com as patas levantadas, para saboreá-lo; fez menção de segui-lo porta adentro; empurrou a cortina e entrou. Vislumbrou um corredor cheio de colunas e salpicado de luz, muito alto e vazio; e então Wilson, com um grito de terror, puxou-o energicamente para fora, no mesmo instante. Voltaram para a rua. O barulho da rua era ensurdecedor. Todo mundo parecia gritar com vozes estridentes, ao mesmo tempo. Em vez do zumbido sólido e soporífico de Londres, havia

rangido e gritaria, tilintar e algazarra, estalar de chicotes e badalar de sinos. Flush pulava e saltava por ali e por aqui, assim como Wilson. Eram obrigados a subir e a descer a calçada vinte vezes, para evitar uma carroça, um boi, uma tropa de soldados, um rebanho de bodes. Sentiu-se mais jovem, mais lépido do que durante todos os últimos anos. Atordoado, ainda que radiante, desabou sobre as lajotas avermelhadas e dormiu mais profundamente do que jamais dormira sobre as almofadas do quarto dos fundos de Wimpole Street.

Mas logo Flush tomou consciência a respeito das diferenças que distinguiam Pisa ─ pois era em Pisa que estavam agora alojados ─ e Londres. Os cães eram diferentes. Em Londres, ele mal podia ir até a caixa de correio sem cruzar com um pug, um labrador, um buldogue, um colhe, um mastim, um terra-nova, um são bernardo, um fox terrier ou algum integrante das sete famílias da tribo spaniel. Para cada um deles, dava um nome diferente, e a cada um deles, uma classificação diferente. Mas, aqui em Pisa, apesar de haver um número imenso de cães, não havia distinção; todos ─ será que isso era possível? ─ eram vira-latas. Até onde conseguia enxergar, eram meros cães ─ cinzentos, amarelados, rajados, malhados; mas era impossível detectar um único spaniel, colhe, labrador ou mastim entre eles. Será que o Kennel Club não estendia sua jurisdição até a Itália? Será que o Spaniel Club era desconhecido? Será que não havia uma lei para decretar morte ao topete, abominar orelhas curvadas, proteger a pata coberta por penugem e insistir absolutamente que o cenho deve ser arredondado, mas não pontudo? Aparentemente, não. Flush sentia-se como um príncipe em exílio. Ele era o único aristocrata entre uma multidão da canaille. Era o único cocker spaniel de raça pura em toda Pisa.

Agora já fazia muitos anos que Flush havia sido ensinado a considerar-se como um aristocrata. A lei do pote vermelho e a da coleira estavam impregnadas profundamente em sua alma. Não é de surpreender que ele tenha perdido o equilíbrio. Um membro de uma família renomada como a dos Howard ou a dos Cavendish colocado no meio de um bando de nativos morando em cabanas de

terra certamente não será condenado por, de vez em quando, lembrar-se de Chatsworth e refletir com pesar a respeito de tapetes vermelhos e galerias cobertas de brasões quando vê o sol se pôr através de janelas pintadas. É necessário admitir que havia uma certa qualidade de esnobismo em Flush; a Senhorita Mitford a detectara anos antes. E o sentimento, abrandado em Londres por estar entre iguais e superiores, voltava-lhe agora que se sentia único. Tornou-se arrogante e imprudente. "Flush transformou-se em um completo monarca e late uma vez quando quer que lhe abram alguma porta , a Senhora Browning escreveu. Robert continuou, "afirma que o supracitado Flush considera que meu marido foi criado apenas para a função especial de servi-lo, e realmente a coisa parece assim ser.

Robert, meu marido ─ se Flush mudara, o mesmo acontecera com a Senhorita Barrett. Não era simplesmente o fato de agora ela se chamar Senhora Browning, de o anel de ouro brilhar ao sol em seu dedo; ela estava mudada, tanto quanto Flush. Flush a ouvia dizer "Robert", "meu marido", cinquenta vezes por dia, e sempre com um tom de orgulho na voz que fazia os pêlos de sua nuca eriçarem e seu coração pular. Mas não era apenas a linguagem dela que mudara. Ela era uma pessoa completamente diferente. Agora, por exemplo, em vez de beber um bocadinho de vinho do Porto e reclamar da dor de cabeça, bebia uma taça de Chianti e dormia profundamente. Havia um galho de laranjeira em flor na mesa de jantar no lugar de uma fruta desnuda, ácida e amarelada. Depois, em vez de embarcar em um luxuoso landau para ir até Regent's Park, calçava suas botas pesadas e caminhava sobre os pedregulhos. Em vez de ficarem dentro de uma carruagem que percorria Oxford Street, sacolejavam em uma espécie de carrocinha até a beira de um lago e admiravam montanhas; e, quando ficava cansada, não chamava outro cupê; sentava-se sobre uma pedra e observava os lagartos. Sentia-se feliz ao sol; sentia-se feliz no frio. Quando fazia muito frio, jogava toras de pinheiro retiradas da floresta do duque no fogo. Sentavam-se juntos na frente das chamas crepitantes e inalavam o cheiro aromático e acentuado. Nunca se cansava de elogiar a Itália em detrimento à

Inglaterra. "...nossos pobres ingleses", exclamava, "precisam educar-se para a arte do prazer. Precisam exercer seu refinamento não na frente da lareira, mas à luz do sol." Aqui na Itália havia a liberdade, a vida e a alegria que o sol desperta. Nunca se viam homens brigando nem se ouvia xingamentos; nunca se via italianos bêbados; ─ os rostos daqueles homens em Shoreditch voltaram a aparecer na frente dos olhos dela. Sempre comparava Pisa a Londres e dizia o quanto preferia Pisa. Nas ruas de Pisa, moças bonitas podiam andar sozinhas; grandes damas primeiro despejavam sua própria água servida e depois saíam para a Corte "em um inegável esplendor de glória. Pisa, com todos os seus sinos, seus vira-latas, seus camelos e seus pinheiros, era infinitamente preferível a Wimpole Street com suas portas de mogno e suas costeletas de carneiro. Portanto, todo dia, a Senhora Browning, enquanto engolia seu Chianti e pegava mais uma laranja do galho, elogiava a Itália e lamentava a pobre Inglaterra, enfadonha, úmida, sem sol, sem alegria, dispendiosa e convencional.

Wilson, é verdade, conseguiu manter o equilíbrio britânico durante certo tempo. A lembrança de mordomos e de aposentos de empregados, de portas da frente e de cortinas não pôde ser apagada de sua mente sem algum esforço.

Ela ainda considerava acertado se retirar de uma galeria de pinturas por ficar "impressionada com a indecência da Vênus". E, mais tarde, quando lhe era permitido, pela gentileza de alguma amiga, dar uma espiadela nas glórias da Corte do Grão-Duque através de uma porta, continuava a defender, com lealdade, a glória superior do palácio de St. James, em Londres. "Tudo... era muito miserável", declarou, "em comparação com a nossa Corte Inglesa." Mas, enquanto observava, a soberba figura de um dos guarda— costas do Grão-Duque chamou-lhe a atenção. Sua imaginação inflamou-se; seu discernimento abalou-se; seus padrões viraram-se de ponta-cabeça. Lily Wilson apaixonara— se pelo Signor Righi, o sentinela.

E, ao mesmo tempo em que a Senhora Browning explorava sua nova liberdade e deliciava-se com as descobertas que fazia,

Flush também fazia suas descobertas e explorava sua liberdade. Antes de deixarem Pisa, na primavera de 1847, mudaram-se para Florença; Flush deparara com a verdade, curiosa e desconcertante a princípio, de que as leis do Kennel Club não são universais. Convenceu-se de que topetes sutis não são necessariamente fatais. Revisara seu código de conduta de acordo com os novos conceitos. Começara a agir, a princípio com alguma hesitação, de acordo com sua nova concepção da sociedade canina. A cada dia que passava, ficava cada vez mais democrático. Já em Pisa, a Senhora Browning notou que "...ele sai de casa todo dia e conversa em italiano com os cachorrinhos". Agora, em Florença, os últimos elos de seus antigos grilhões o abandonaram. O momento da liberação aconteceu certo dia no Cascine. Enquanto corria na grama "da cor de esmeraldas" com "os faisões vivazes e esvoaçantes", Flush, de repente, refletiu a respeito de Regent's Park e de sua regra: cães devem ser conduzidos com coleira. Onde estava o "dever" agora? Onde estava a coleira? Onde estavam os guardas do parque e seus cassetetes? Ficaram para trás, junto com os ladrões de cães e os Kennel Clubs e os Spaniel Clubs de uma aristocracia corrupta! Ficaram para trás com as carruagens de quatro rodas e os cupês de resgate! Com Whitechapel e o Shoreditch! Ele corria, disparava; seu pêlo brilhava, seus olhos faiscavam. Era amigo do mundo todo agora. Todos os cães eram seus irmãos. Não precisava de coleira neste mundo novo; não precisava de proteção. Se o Senhor Browning atrasava-se para levá-lo a passear ─ agora ele e Flush eram os melhores dos amigos ─, Flush o chamava destemidamente. "Fica na sua frente e late da maneira mais impetuosa possível", a Senhora Browning observou com certa irritação ─ pois sua relação com Flush agora era bem menos emotiva do que no passado; ela não precisava mais que a sua pelagem avermelhada nem seus olhos vivos lhe oferecessem o que faltava em sua vida; encontrara Pã por conta própria, entre os vinhedos e as oliveiras; ele também estava lá, ao lado do fogo de pinheiro, à noite. Portanto, se o Senhor Browning demorava-se, Flush ficava de pé e latia; mas se o Senhor Browning preferisse ficar em casa para escrever, não fazia diferença. Flush agora era independente. As glicínias e os laburnos floresciam nas

paredes; as olaias brilhavam nos jardins; as tulipas selvagens salpicavam os campos. Por que deveria esperar? Saía correndo por conta própria. Agora, era senhor de si mesmo. "...ele sai sozinho e fica fora durante horas afio", a Senhora Browning escreveu; "...conhece todas as ruas em Florença ─ e consegue fazer tudo o que quer, a seu próprio jeito. Nunca temo quando ele está ausente", concluiu, lembrando-se com um sorriso daquelas horas de agonia em Wimpole Street e da corja pronta para roubá-lo no curto trajeto até a carruagem, quando ela esquecia de colocar-lhe a coleira em Vere Street. O medo era desconhecido em Florença; não havia ladrões de cães aqui e ─ talvez ela tenha suspirado ─ não havia pais.

Mas, para falar com sinceridade, não era para olhar pinturas nem para entrar em igrejas escuras e apreciar afrescos apagados que Flush se esgueirava para fora quando alguém deixava a porta da Casa Guidi aberta. Era para aproveitar alguma coisa, para buscar algo que lhe fora negado durante todos aqueles anos. Certa vez, a trompa de caça da Vênus tocara sua música selvagem nos campos de Berkshire; ele amara a cadela do Senhor Patridge; ela lhe dera um filho. Agora, ouvia a mesma voz ressoando nas ruas estreitas de Florença, porém mais imperiosamente, mais impetuosamente, depois de todos aqueles anos de silêncio. Agora, Flush conhecia o que nenhum homem jamais conheceria ─ amor puro, amor simples, amor inteiro; amor que não inclui uma série de inquietações quando desperta; que não tem vergonha; nem remorso; que em um momento está aqui e no outro já se foi, como uma abelha em uma flor que, em um instante, vai-se. Hoje, a flor é uma rosa, amanhã, um lírio; agora é um cardo selvagem da charneca; agora a portentosa orquídea em forma de saco da estufa. Com tanta variedade, com tanto descuido, Flush acalentava a spaniel malhada no beco, a cadela listrada e a cadela amarela ─ não fazia diferença qual delas. Para Flush, todas eram iguais. Seguia a trompa onde quer que soasse e onde o vento o levasse. O amor era tudo; o amor era o bastante. Ninguém o censurava por suas escapadelas. O Senhor Browning simplesmente ria ─ "Bastante vergonhoso para um cão respeitável como ele" ─ quando

Flush voltava para casa bem tarde da noite ou bem cedo na manhã seguinte. E a Senhora Browning ria também, enquanto Flush largava-se no chão do quarto e dormia pesadamente nos braços da família Guidi, acomodado na scagliola.

Porque, na Casa Guidi, os quartos eram parcos em mobília. Todos aqueles objetos acortinados de seus dias de clausura e de segregação haviam desaparecido. A cama era uma cama; o lavatório era um lavatório. Tudo era o que era, e não outra coisa. A sala de estar era grande e salpicada de algumas cadeiras antigas de ébano entalhado. Sobre a lareira, estava pendurado na parede um espelho com dois cupidos para segurar velas. A própria Senhora Browning dispensara seus xales indianos. Usava um gorro feito de algum tipo de material sedoso e colorido de que seu marido gostava. Seu cabelo era penteado de uma maneira diferente. E, quando o sol se punha e as persianas eram levantadas, ela passeava pela sacada vestida de musselina branca e fina. Adorava ficar lá observando, escutando, reparando nas pessoas da rua.

Não havia muito tempo que estavam em Florença quando, certa noite, ouviu-se uma tal gritaria e correria na rua que todos correram para a sacada para ver o que estava acontecendo. Uma enorme multidão avolumava-se lá embaixo. Carregavam faixas, gritavam e cantavam. Todas as janelas estavam cheias de rostos; todas as sacadas estavam cheias de vultos. As pessoas às janelas jogavam flores e folhas de louro sobre as pessoas na rua; e as pessoas na rua ─ homens solenes, moças animadas ─ beijavam-se uns aos outros e erguiam seus bebês para as pessoas nas sacadas. O Senhor e a Senhora Browning debruçaram-se sobre a balaustrada e bateram palmas sem parar. Uma faixa seguida de outra passava na rua. Os archotes jogavam sua luz sobre elas. Liberdade estava escrito em uma; A União da Itália", em outra; e "À Memória dos Mártires" e "Viva Pio Nono" e "Viva Leopoldo Secondo" ─ durante três horas e meia, as faixas passaram e as pessoas comemoraram, e o Senhor e a Senhora Browning assistiram, com seis velas acesas na sacada, acenando sem parar. Durante algum tempo, Flush também ficou de pé entre eles, com as patas sobre o parapeito, fazendo tudo o que podia para ficar alegre. Mas, afinal ─

quando não conseguiu mais esconder —, bocejou. "Afinal, confessou achar que aquilo se estendia demais", a Senhora Browning observou. Um enfado, uma dúvida, uma irreverência o possuíram. Para que servia tudo aquilo? — perguntou a si mesmo. Quem era esse tal de Grão-Duque, e o que prometera? Por que todos estavam tão absurdamente eufóricos? — pois tanto entusiasmo da Senhora Browning, acenando sem parar, enquanto as faixas desfilavam, de certa forma o incomodou. Ele sentia que tal euforia, por causa de um Grão-Duque, era um tanto exagerada. E então, enquanto o Grão-Duque passava, Flush percebeu a presença de uma cadelinha parada à porta. Aproveitando a oportunidade, naquele momento em que a Senhora Browning mostrava-se mais entusiasmada que de costume, esgueirou-se para fora da sacada e saiu. Através das faixas e da multidão, seguiu-a. Ela ia cada vez mais longe, embrenhando-se no coração de Florença. A gritaria parecia longínqua; as aclamações do povo morreram no silêncio. As luzes dos archotes apagaram-se. Apenas uma ou duas estrelas brilhavam na superfície encrespada do Amo, às margens do qual Flush acomodava-se com a spaniel malhada ao seu lado, deitados sobre a estrutura de uma cesta velha na lama. Ali, extasiados pelo amor, os dois ficaram até que o sol se erguesse no céu. Flush só voltou para casa às nove da manhã seguinte, e a Senhora Browning recebeu-o com um ar irônico — achou que ele poderia ter se lembrado, pelo menos, de que aquele era o primeiro aniversário de seu casamento. Mas supôs que "ele se divertira muito". Era verdade. Ao passo que ela havia encontrado uma satisfação inexplicável na passeata de quarenta mil pessoas, nas promessas de grão-duques e nas aspirações tempestuosas dos manifestantes, Flush preferiu infinitamente a cadelinha junto à porta.

Não se pode duvidar de que a Senhora Browning e Flush estavam chegando a conclusões distintas em suas jornadas de descobertas — ela, um Grão-Duque; ele, uma spaniel malhada — e, no entanto, o laço que os unia ainda estava, indiscutivelmente, atado. Flush sofreu um revés, tão logo Flush abolira o "dever" e começara a correr livremente pelos gramados de esmeralda nos jardins do Cascine, onde os faisões esvoaçavam deixando rastros

vermelhos e dourados no ar. Mais uma vez caiu de traseiro no chão. Primeiro, não era nada ─ apenas uma indicação; na primavera de 1849, a Senhora Browning ficou muito ocupada com suas agulhas. E, no entanto, havia algo naquela cena que fazia Flush parar e refletir. Ela não tinha o hábito de costurar. Ele reparou que Wilson trocou uma cama de lugar e abriu uma gaveta para guardar roupa branca. Erguendo a cabeça do chão de lajotas, observava e escutava tudo com atenção. Será que, mais uma vez, algo estava para acontecer? Com ansiedade, procurava sinais de baús e de arrumação de bagagem. Será que haveria mais uma fuga, mais uma evasão? Mas uma fuga para quê, de quê? Aqui não há nada a se temer, assegurou à Senhora Browning. Em Florença, nenhum dos dois precisava se preocupar a respeito do Senhor Taylor, a respeito de cabeças de cães acondicionadas em pacotes de papel pardo. E, ainda assim, estava confuso. Os sinais de mudança, à medida que os lia, não significavam evasão. Significavam, muito mais misteriosamente, expectativa. Ao observar a Senhora Browning tão serena, tão silenciosa e tão resoluta, costurando em sua cadeira baixa, sentia que algo inevitável estava por vir; e algo que devia ser temido. À medida que as semanas corriam, a Senhora Browning mal saía de casa. Parecia, sentada ali, estar à espera de algum tremendo acontecimento. Será que estaria prestes a encontrar-se com alguém, como o bandido Taylor, e permitir que desferisse golpes sobre ela, sozinha e sem auxílio? Flush tremia de apreensão, só de pensar nisso. Estava claro que ela não tinha intenção de fugir. Nenhuma caixa fora preparada. Não havia sinal de que alguém estivesse prestes a deixar a casa ─ pelo contrário, havia sinais de que alguém estava para chegar. Em sua ansiedade ciumenta, Flush examinava com atenção cada novo visitante. Agora havia muitos deles ─ a Senhorita Blagden, o Senhor Landor, Hattie Hosmer, o Senhor Lytton ─, diversas damas e vários cavalheiros que vinham à Casa Guidi. Dia após dia, a Senhora Browning ficava em sua cadeira, costurando calmamente.

Então, um dia, no início de março, a Senhora Browning não apareceu na sala de estar. Outras pessoas entravam e saíam; o Senhor Browning e Wilson entravam e saíam; e entravam e saíam

tão aturdidos que Flush escondeu-se embaixo do sofá. Pessoas subiam e desciam as escadas ruidosamente, correndo e chamando em cochichos baixos e desconhecidas vozes abafadas. No andar de cima, moviam-se no quarto. Encolhia-se cada vez mais sob a sombra do sofá. Sabia em cada fibra de seu corpo que algum tipo de mudança estava tomando lugar ─ algum evento tenebroso estava acontecendo. Assim ele havia esperado, anos antes, para ouvir o som dos passos do homem encapuzado na escada. E, afinal, a porta abrira-se, e a Senhorita Barrett gritara: "Senhor Browning!" Quem estaria chegando agora? Algum outro homem encapuzado? À medida que o dia se passava, ele foi deixado absolutamente sozinho; ninguém entrou na sala de estar. Ficou deitado na sala de estar sem comida nem bebida; mil spaniels malhadas poderiam ter roçado os focinhos à porta, e ele teria fugido delas. Porque, à medida que as horas corriam, ele adquiria a convicção desconcertante de que algo estava abrindo caminho para dentro da casa, vindo de fora. Espiava por debaixo das franjas do sofá. Os cupidos segurando as velas, as cômodas de ébano, as cadeiras francesas, tudo parecia espalhado pela sala; ele próprio sentia que estava sendo empurrado contra a parede para dar espaço a alguma coisa que não podia ver. Uma vez, avistou o Senhor Browning, mas não era o mesmo Senhor Browning; uma vez avistou Wilson, mas ela também estava mudada ─ como se os dois fossem capazes de enxergar a presença invisível que ele apenas sentia. Os olhos deles pareciam estranhamente vidrados.

Afinal, Wilson, com o rosto vermelho e as roupas desarrumadas, porém com ar triunfante, pegou-o no colo e o levou para o andar de cima. Entraram no quarto. Havia uma lamúria apagada no quarto cheio de sombras ─ algo se agitava sobre o travesseiro. Era um animal vivo. Independentemente de todos eles, sem que a porta da rua fosse aberta, sozinha, no quarto, a Senhora Browning havia se transformado em duas pessoas. A coisa pavorosa remexia-se e miava ao lado dela. Despedaçado por raiva, ciúme e um profundo desgosto que não conseguia esconder, Flush debateu-se até se livrar dos braços de Wilson e disparou escada abaixo. Wilson e a Senhora Browning chamaram-no de volta;

tentaram-no com carícias; ofereceram-lhe guloseimas; mas tudo foi em vão. Encolhia-se para bem longe daquela visão enjoativa, daquela presença repulsiva, em qualquer lugar onde houvesse a sombra de um sofá ou um canto escuro ─ "...durante uma quinzena inteira, afundou-se em uma profunda melancolia e mostrou-se avesso a qualquer atenção que lhe fosse dispensada" ─, de maneira que a Senhora Browning, entre todos os seus outros afazeres, foi forçada a prestar atenção nele. E quando se considera, como é preciso considerar, minutos e horas humanas e se os coloca na mente de um cão e se constata como os minutos transformam-se em horas, e as horas, em dias, não se deve exagerar ao concluir que a profunda melancolia de Flush durara seis meses de acordo com o relógio humano. Muitos homens e mulheres foram capazes de esquecer seus ódios e seus amores em menos tempo.

Mas Flush não era mais aquele cão ingênuo e despreparado de seus dias de Wimpole Street. Aprendera sua lição. Wilson batera nele. Fora forçado a engolir tortas rançosas que poderia ter comido quando frescas; jurara amar e não morder. Tudo isso fervia em sua mente, enquanto estava escondido embaixo do sofá; afinal, resolveu sair. Mais uma vez, foi recompensado. De princípio, é preciso admitir, a recompensa foi insubstancial, se não certamente desagradável. O bebê foi acomodado em seu lombo, e Flush tinha que andar para lá e para cá com o bebê puxando suas orelhas. Mas ele se entregava com tanta graça ─ virando-se apenas quando suas orelhas eram puxadas, "para beijar os pezinhos nus e cheios de covinhas ─ que, em menos de três meses, aquele volume disforme e indefeso, fraco, teimoso e que puxava suas orelhas passou a nutrir preferência por ele, em detrimento das outras pessoas ─ como disse a Senhora Browning. E então, de maneira bastante peculiar, Flush descobriu que retribuía a afeição do bebê. Não era verdade que eles tinham algo em comum? Não era verdade que o bebê se assemelhava a Flush em vários aspectos? Não tinham os dois os mesmos gostos, os mesmos pontos de vista? Por exemplo, no que diz respeito às paisagens. Para Flush, todo tipo de paisagem era insípida. Em todos aqueles anos, não conseguira aprender a

focar seus olhos nas montanhas. Quando o levaram a Vallomb rosa, todo o esplendor das florestas só o entediou. Agora, mais uma vez, quando o bebê tinha apenas alguns meses, lançaram-se a mais uma dessas longas expedições a bordo de um coche de viagem. O bebê foi no colo de sua pajem; Flush ia no colo da Senhora Browning. O coche seguia seu caminho infindável, subindo às alturas dos Apeninos com dificuldade. A Senhora Browning estava quase fora de si de tanta felicidade. Mal conseguia afastar-se da janela. Não conseguia encontrar palavras suficientes em toda a língua inglesa para expressar o que sentia. "...as paisagens extraordinárias, quase visionárias dos Apeninos, a maravilhosa variedade de formas e cores, as transições repentinas e a individualidade vital dessas montanhas, as florestas de castanheiras lançando seu próprio peso nas ravinas profundas, as pedras fendidas ou incrustadas pelas avalanches vivas, e as colinas, umas sobre as outras, amontoando-se em sua maravilhosa existência, como se o tivessem feito por conta própria, mudando de cor devido ao esforço" — a beleza dos Apeninos fez nascer tantas palavras que com certeza esmagaram-se umas às outras, deixando de existir. Mas o bebê e Flush não sentiam nada desse estímulo, nada dessa inexatidão. Ambos estavam em silêncio. Flush retirou "sua cabeça da janela e achou que não valia a pena olhar... Ele nutre um desprezo supremo por árvores, montanhas e qualquer coisa desse tipo", a Senhora Browning concluiu, O coche continuava a rodar. Flush dormia, e o bebê dormia. Então, afinal, avistaram-se luzes e casas e homens e mulheres passando pelas janelas. Haviam entrado em um vilarejo. Instantaneamente, Flush começou a prestar atenção em tudo. "...seus olhos saltavam das órbitas com ansiedade; ele olhava para o leste, olhava para o oeste, e era de se pensar que estivesse tomando notas ou então as preparando." O que o agitava eram as cenas humanas. A beleza, pelo menos era o que parecia, teria que ser cristalizada em um pó verde ou violeta e espalhada por alguma espécie de seringa celestial para que entrasse nos canais que se encontravam atrás de suas narinas antes de tocar os sentidos de Flush; e então seria transmitida não

em palavras, mas em um arroubo silencioso. Quando a Senhora Brown enxergava, ele cheirava; quando ela escrevia, ele fungava.

Neste ponto, portanto, a biógrafa é forçada a fazer uma pausa. Ao passo que duas ou três mil palavras são insuficientes para descrever o que se vê ─ e a Senhora Browning foi obrigada a admitir sua derrota para os Apeninos: "A respeito dessas coisas, não posso dar-te idéia alguma", confessou ─, não há mais do que duas palavras e meia para descrever o que se cheira. O nariz humano é praticamente não— existente. Os maiores poetas do mundo não sentiram o cheiro de nada além de rosas de um lado e de esterco de outro. As infinitas graduações que existem entre as duas substâncias não foram registradas. Ainda assim, era no mundo dos cheiros que Flush vivia a maior parte do tempo. O amor era um dos cheiros principais; formas e cores eram cheiros; a música e a arquitetura, a lei, a política e a ciência eram cheiros. Para ele, a religião em si era um cheiro.

Descrever sua experiência mais simples com as costeletas e os biscoitos de todo dia é algo que está além de nossos poderes. Nem mesmo o Senhor Swimburne poderia ter dito o que o cheiro de Wimpole Street significava para Flush em uma tarde quente de junho. Já quanto a descrever o cheiro de uma spaniel misturado ao cheiro de archotes, folhas de louro, incenso, faixas, velas de cera e uma grinalda de folhas de roseira esmagada por um salto de cetim que havia sido embebido em cânfora, talvez Shakespeare o conseguisse, se fizesse uma pausa enquanto escrevia Antônio e Cleópatra ─ mas Shakespeare não fez pausa nenhuma. Confessando nossa inexatidão, portanto, podemos apenas observar que, para Flush, os anos mais completos, mais livres e mais felizes de sua vida na Itália significaram principalmente uma sucessão de cheiros. O amor, é de se supor, gradualmente ia perdendo seu apelo. O cheiro permanecia. Agora que voltavam a estabelecer-se na Casa Guidi, cada um deles cuidava de suas ocupações paralelas. O Senhor Browning costumava escrever regularmente em uma sala. A Senhora Browning costumava escrever em outra. O bebê brincava no seu quarto de brincar. Mas Flush perambulava pelas ruas de Florença para apreciar a percepção dos cheiros.

Traçava seu caminho através de ruas importantes e de vielas, através de praças e de becos, guiado pelo olfato. Ia traçando seu caminho de um perfume a outro; os ásperos, os amenos, os escuros, os dourados. Entrava e saía, subia e descia, onde se martela latão, onde se assam pães, onde as mulheres penteiam os cabelos, onde as gaiolas de passarinhos empilham-se pelas passagens, onde o vinho salpica manchas vermelho-escuras no calçamento; de onde os cheiros de couro, de arreios e de alho emanam, onde se batem roupas, onde folhas de parreira estremecem, onde homens acomodam-se para beber, cuspir e jogar dados ─ corria para dentro e para fora, sempre com o focinho grudado ao chão, bebendo da essência; ou com o focinho no ar, vibrando com o aroma. Dormia aqui neste retalho quente de sol ─ como o sol fazia as pedras cheirarem forte! ─, procurava aquele túnel de sombra ─ como a sombra fazia exalar um cheiro acre da pedra! Devorava cachos inteiros de uvas maduras, principalmente por causa de seu cheiro púrpura; mastigava e cuspia qualquer resto endurecido de cabrito ou de macarrão que a dona de casa italiana tivesse jogado por cima do parapeito da sacada ─ cabrito e macarrão eram cheiros ásperos, cheiros vermelho-carmim. Seguia a doçura desfalecida do incenso dentro das reentrâncias violetas das catedrais escuras; e, fungando, tentava absorver o dourado do mausoléu com janelas de vitrais coloridos. Seu tato não era menos aguçado. Conhecia Florença em sua lisura de mármore e em sua aspereza de cascalho e de pedregulhos. Pregas esbranquiçadas de cortinas, dedos macios e pés de pedra recebiam a lambida de sua língua, o estremecimento de seu focinho trepidante. Nas almofadinhas de suas patas, infinitamente sensíveis, ele imprimia a marca de inscrições orgulhosas em latim. Resumindo, conhecia Florença como nenhum ser humano jamais conheceu; como Ruskin* jamais conheceu, nem George Eliot. Conhecia-na como apenas os mudos a conhecem. Nem uma única de suas infinitas sensações jamais foi submetida à deformidade das palavras.

Mas apesar de ser agradável para a biógrafa deduzir que a vida de Flush no fim da meia-idade era uma orgia de prazer que transcende qualquer descrição, dizer que, à medida que o bebê, dia

a dia, conhecia um novo mundo e portanto colocava a sensação cada vez mais em segundo plano, Flush estava destinado a permanecer para sempre em um Paraíso onde as essências existem em sua extrema pureza, e a alma nua das coisas comprime nervos nus, não seria verdade. Flush não vivia em tal Paraíso. O espírito, vagando de uma estrela a outra, o pássaro cujo vôo mais distante sobrevoa neves polares ou florestas tropicais e nunca traz aos olhos casas humanas e sua fumaça de madeira que sobe pelo ar em espiral poderiam, até onde se sabe, desfrutar de tal imunidade, tal integridade gloriosa. Mas Flush se acomodara sobre colos humanos e ouvira vozes de homens, sua carne estava impregnada de paixões humanas; conhecia todas as graduações do ciúme, da raiva e do desespero. Agora, no verão, ficava infestado de pulgas. Com cruel ironia, o sol que amadurecia as uvas também trazia pulgas. "...O martírio de Savonarola* aqui em Florença", escreveu a Senhora Browning, "certamente não é pior do que o de Flush durante o verão." Pulgas saltitavam para a vida em cada cantinho das casas florentinas;.pulavam e se precipitavam de cada fenda nas pedras antigas, de cada prega das tapeçarias, de cada capa, chapéu e manta. Aninhavam-se no pêlo de Flush. Abriam seu caminho a picadas nas partes mais grossas de sua pele. Ele se coçava e se arranhava. Sua saúde sofria; ele ficou rabugento, magro e febril. Apelaram à Senhorita Mitford também. Que remédios havia para pulgas?, escreveu a Senhora Browning com ansiedade. A Senhorita Mitford, ainda acomodada em sua estufa em Three Mile Cross, ainda escrevendo tragédias, pousou a pena e foi consultar suas antigas receitas ─ o que Mayflower tomara, o que dera a Rosebud. Mas as pulgas de Reading morrem em um piscar de olhos. As pulgas de Florença são vermelhas e viris. Para elas, era como se os pós da Senhorita Mitford fossem rapé. Em desespero, o Senhor e a Senhora Browning ajoelharam-se ao lado de uma bacia de água e fizeram tudo o que podiam para exorcizar a peste com sabão e uma escova. Foi em vão. Finalmente um dia, quando levava Flush para passear, o Senhor Browning notou que as pessoas o apontavam; ouviu um homem colocar o dedo no nariz e cochichar: "La rogna mange". Já que, a essa altura, "Robert tem

tanta afeição por Flush quanto eu", era intolerável fazer seu passeio da tarde com o amigo e vê-lo assim estigmatizado. Robert, escreveu sua esposa, não suportava mais aquilo". Só restava um remédio, mas era um remédio quase tão drástico quanto a doença em si. Por mais democrático que Flush houvesse se tornado, por mais indiferente aos sinais de classe que se sentisse, ele continuava sendo o que Philip Sidney chamara de um cavalheiro de berço. Carregava seu pedigree nas costas. Sua pelagem significava para ele o mesmo que um relógio de ouro gravado com o escudo de armas da família significava para um proprietário rural empobrecido cujos vastos acres houvessem encolhido até sobrar aquele único círculo. Era a pelagem que o Senhor

Browning propunha que se sacrificasse agora. Chamou Flush até si e, "empunhando uma tesoura, tosou-o inteiramente, deixando-o parecido com um leão".

À medida que Robert Browning usava sua tesoura, e a insígnia de um cocker spaniel caía por terra, como se fosse a paródia de um animal bem diferente que surgia em volta de seu pescoço, Flush sentia-se castrado, diminuído, envergonhado. O que eu sou agora?, pensava, olhando-se no espelho. E o espelho respondia com a sinceridade brutal dos espelhos, "Tu não és nada". Ele não era ninguém. Com certeza, nem era mais um cocker spaniel. Mas à medida que olhava, suas orelhas agora raspadas e sem cachos pareciam contrair-se. Era como se os poderosos espíritos da verdade e do riso estivessem cochichando nelas. Não ser nada ─ apesar de tudo, não seria este o estado mais satisfatório do mundo? Olhou de novo. Lá estava seu colarinho pregueado e engomado. Para fazer uma caricatura da pompa daqueles que alegam ser algo ─ será que aquilo, por si só, não era uma profissão? De todo modo, como quer que aceitasse o fato, não restavam dúvidas de que se livrara das pulgas. Sacudiu seu rufo. Dançou sobre suas patas nuas e finas. Sua disposição melhorou. Assim como a de uma moça muito bonita que, ao erguer-se de seu leito de enferma e descobrir que seu rosto ficara eternamente desfigurado, fizesse uma fogueira com todas as suas roupas e todos os seus cosméticos e risse alto de alegria, pensando que

nunca mais se olharia no espelho nem temeria a indiferença de um amante ou a beleza de uma rival. Como se um clérigo, envolvido durante vinte anos em goma e roupas de lã preta, jogasse seu colarinho no lixo e tirasse os trabalhos de Voltaire do armário.

Assim, Flush disparava todo tosado, parecido com um leão, mas livre das pulgas. Flush , a Senhora Browning escreveu à irmã, "é sábio". Talvez estivesse pensando nos gregos, que dizem que a felicidade só pode ser alcançada por meio do sofrimento. O verdadeiro filósofo é aquele que perdeu sua pelagem mas está livre das pulgas.

Mas Flush não precisou esperar muito até que sua recém-adquirida filosofia fosse posta à prova. Mais uma vez, no verão de 1852, havia sinais na Casa Guidi de uma daquelas crises que, ganhando corpo à medida que uma gaveta se abre ou um pedaço de fita pende de uma caixa, são tão ameaçadoras para um cão quanto as nuvens que antecipam relâmpagos para um pastor ou os rumores que antecipam a guerra para um chefe de Estado. Mais uma mudança anunciava-se, mais uma jornada. Bom, o que viria a seguir? Baús foram baixados e amarrados. O bebê foi carregado para fora nos braços da pajem. O Senhor e a Senhora Browning apareceram vestidos para viajar. Havia um cupê à porta. Flush aguardava filosoficamente no hall de entrada. Quando estivessem prontos, ele estaria pronto. Agora que todos já estavam acomodados na carruagem, Flush juntou-se a eles de um salto. Para Veneza, para Roma, para Paris ─ para onde estavam indo? Agora, todos os países eram iguais para ele, todos os homens eram seus irmãos. Aprendera essa lição por conta própria. Mas, quando finalmente emergiu da escuridão, precisou dispor de toda a sua filosofia ─ estava em Londres.

Casas espelhavam-se à esquerda e à direita em avenidas cortantes de tijolo regular. O calçamento era frio e duro sob suas patas. E aqui, saindo de uma porta de mogno com um batente de latão polido, havia uma dama lautamente equipada com vestes esvoaçantes de plush púrpura. Uma leve grinalda salpicada de flores enfeitava seus cabelos. Ajuntando seus babados em volta de si, olhou com desdém para os dois lados da rua enquanto um

lacaio, curvando-se, abaixou o degrau do landau para que ela subisse. Toda Welbeck Street ─ pois aquela era Welbeck Street ─ estava envolvida em um esplendor de luz avermelhada; uma luz que não era clara e violenta como a luz italiana, mas amarelada e perturbada pela poeira de um milhão de rodas, com o estampido de um milhão de cascos. A estação Londrina estava no auge. Um manto de ruídos e uma nuvem de zunidos entrelaçados caíam sobre a cidade em um urro confluente. Lá vinha um majestoso sabujo conduzido por um pajem em sua coleira. Um policial, ultrapassando-os com suas passadas ritmadas, jogava a luz de sua lanterna para lá e para cá. Odores de cozido, odores de carne, odores de molhos, odores de carne e de repolho vinham de mil porões. Um lacaio de uniforme colocou uma carta dentro de uma caixa de correspondência.

Dominado pela suntuosidade da metrópole, Flush fez uma pausa, com a pata já na porta de entrada. Wilson também fez uma pausa. Como a civilização da Itália parecia insignificante com suas cortes, suas revoluções, seus grão— duques e seus sentinelas! Quando o policial passou, ela agradeceu a Deus por não ter se casado com o Signor Righi, apesar de tudo. E então uma figura sinistra despontou da hospedaria na esquina. Um homem estava à espreita. Flush disparou para dentro de casa.

Durante algumas semanas, ficou confinado à sala de estar de uma pensão em Welbeck Street. Pois o confinamento ainda se fazia necessário. A cólera chegara, e é bem verdade que a cólera fizera seu papel para melhorar as condições de vida nas regiões mais pobres de Londres; mas não o suficiente, porque cães continuavam a ser roubados e os cães de Wimpole Street continuavam a ter que ser conduzidos com coleira. Flush misturou-se à sociedade, claro. Encontrava-se com cães à caixa de correio e na frente da hospedaria; acolheram-no de volta com a fineza inerente de sua espécie. Assim como um camarada inglês que passa uma vida inteira no Oriente e adquire alguns dos hábitos dos nativos ─ rumores atestam que se converteu ao islamismo e que teve um filho com uma lavadeira chinesa ─ descobre, quando retoma seu posto na Corte, que velhos amigos estão prontos para

ignorar essas aberrações, e ele é convidado para ir a Chatsworth, apesar de não se fazer menção à sua esposa e de se dar por certo que ele junte-se à família para as orações ─, Flush também foi acolhido pelos pointers e pelos setters de Wimpole Street, que ignoraram a condição de sua pelagem. Mas havia uma certa morbidez, agora parecia a Flush, entre os cães de Londres. Era fato difundido que o cão do Senhor Carlyle*, Nero, pulara da janela do andar superior com a intenção de cometer suicídio. Considerara o desgaste da vida em Cheyne Row intolerável, dizia-se. E, de fato, Flush era bem capaz de acreditar nisso, agora que estava de volta a Welbeck Street. O confinamento, a multidão de pequenos objetos, os besouros à noite, as varejeiras de dia, os odores persistentes de ovelha, a eterna presença de bananas nos aparadores* — tudo isso, combinado com a proximidade de vários homens e mulheres, pesadamente vestidos e nem sempre apropriadamente limpos, deixavam seu humor em frangalhos e esgotavam seus nervos. Ficava deitado por horas a fio sob o aparador da pensão. Era impossível sair correndo ao ar livre. A porta da frente estava sempre trancada. Precisava esperar alguém chegar e levá-lo para passear de coleira.

Apenas dois incidentes romperam a monotonia das semanas passadas em Londres. Um dia, no final daquele verão, os Browning foram visitar o Reverendo Charles Kingsley em Farnham. Na Itália, a terra seria nua e dura como um tijolo. Haveria pulgas em abundância. Languidamente, alguém teria se arrastado de sombra em sombra, agradecido até mesmo pela faixa de sombra do braço erguido de uma estátua de Donatelio. Mas aqui em Farnham havia campos de grama verde; havia lagoas de água azul; havia bosques que murmuravam e turfa tão perfeita que as patas voltavam para cima assim que pisavam em cima dela. Os Browning e os Kingsley passaram o dia juntos. E, mais uma vez, enquanto Flush trotava atrás deles, as conhecidas trombetas tocaram; o conhecido êxtase voltou ─ seria uma lebre ou uma raposa? Flush disparou pelas charnecas de Surrey e correu como não corria desde os dias em Three Mile Cross. Uma perdiz levantou vôo rápido, em um jorro de púrpura e dourado. Ele estava quase fechando os dentes sobre as

penas da cauda do pássaro quando soou uma voz. Um chicote estalou. Será que era o Reverendo Charles Kingsley que o chamava de volta com autoridade? De qualquer modo, parou de correr. E os bosques de Farnham foram estritamente preservados.

Alguns dias depois, estava na sala de estar em Welbeck Street quando a Senhora Brown entrou, vestida para passear, e o chamou de debaixo do aparador. Ajeitou a coleira em seu pescoço, e, pela primeira vez desde setembro de 1846, percorreram Wimpole Street juntos. Quando chegaram à porta do número 50, pararam como outrora. Exatamente como outrora, esperaram. O mordomo, exatamente como outrora, demorou muito para chegar. Afinal a porta abriu-se. Seria Catiline deitado ali no tapete? O cão velho e desdentado bocejou, esticou-se e não reparou na chegada dos visitantes. Esgueiraram-se para o andar de cima de maneira tão furtiva e silenciosa quanto o fizeram certa vez na direção contrária. Muito silenciosamente, abrindo as portas como se tivesse medo do que poderia encontrar atrás de cada uma delas, a Senhora Browning passou de aposento em aposento. Uma espécie de melancolia abatia-se sobre ela à medida que avançava. "...pareciam para mim", escreveu, "menores e mais escuros, de alguma maneira, e a mobília exigia adequação e comodidade. A hera ainda batia no vidro da janela do quarto dos fundos. A persiana pintada ainda escondia as casas. Nada mudara. Nada acontecera durante todos aqueles anos. Assim ela passou de aposento em aposento, relembrando com tristeza. Mas, muito antes de terminar sua inspeção, Flush já demonstrava uma febre de ansiedade. Imagine se o Senhor Barrett entrasse e deparasse com eles? Imagine se, com o cenho fechado, virasse a chave na fechadura e os trancasse no quarto dos fundos para sempre? Finalmente a Senhora Browning fechou as portas e desceu as escadas em silêncio. É, ela disse, parecia que a casa precisava de limpeza.

Depois daquilo, Flush tinha apenas um desejo dentro de si — ir embora de Londres, deixar a Inglaterra para sempre. Não ficou feliz até se encontrar em um vapor no Canal da Mancha, cruzando o mar para chegar à França. Foi uma travessia árdua. A viagem demorou oito horas. À medida que o vapor jogava e chapinhava, um

tumulto de memórias misturadas agitava-se na mente de Flush ─ de damas vesti— das em pelúcia púrpura, de homens esfarrapados com sacos; de Regent's Park, da Rainha Vitória passando com seus batedores; da verdejante grama inglesa e do luxo dos pavimentos ingleses ─ tudo isso passava por sua mente enquanto acomodava-se no convés; e, olhando para cima, enxergou de soslaio um homem severo e alto debruçado sobre o parapeito.

"Senhor Carlyle!", ouviu a Senhora Browning exclamar; nesse ínterim, Flush passou violentamente mal ─ a viagem, é preciso lembrar, estava muito agitada. Marinheiros vieram correndo com baldes e esfregões. "...ordenaram que ele saísse do convés, com razão, pobre cão", disse a Senhora Browning. Porque o convés ainda era inglês; e cães não devem passar mal em conveses. E assim foi saudação final de Flush à costa de sua terra natal.

CAPÍTULO VI



Epílogo

Agora Flush transformava-se em um cão idoso. A viagem à Inglaterra e todas as memórias que ela trouxe à tona sem dúvida o cansaram. À sua volta, notava-se que preferia ficar à sombra, e não ao sol, apesar de a sombra de Florença ser bem mais quente do que o sol de Wimpole Street. Esticado sob uma estátua, deitado sob a aba de uma fonte, por causa das gotas que caíam sobre seu pêlo de vez em quando, tirava cochilos de horas inteiras, Os cãezinhos jovens agrupavam-se ao seu redor. Para eles, contava histórias sobre Whitechapel e sobre Wimpole Street; descrevia o cheiro de cravos e o cheiro de Oxford Street; ensaiava suas memórias de uma e de outra revolução ─ como grão-duques vieram e grão-duques se foram; mas a spaniel lá embaixo na alameda ─ ela continuaria ali para sempre, dizia. Então o violento Senhor Landor sairia correndo, sacudindo o punho em sua direção em um simulacro de fúria; a gentil Senhorita Isa Blagden fazia uma pausa e tirava um biscoito açucarado de sua bolsinha. As camponesas na praça do mercado preparavam uma cama de folhas para ele à sombra de suas cestas e, de vez em quando, jogavam-lhe um cacho de uvas para comer. Era conhecido e adorado por toda Florença ─ por bem-nascidos e simples, cães e homens.

Mas estava ficando velho, e sua tendência era acomodar-se não mais debaixo da fonte — pois os pedregulhos do calçamento eram duros demais para seus velhos ossos —, mas no quarto da Senhora Browning, onde as armas da família Guidi formavam um pedaço liso de scagliola no chão, ou na sala de estar, sob a sombra da mesinha de centro. Certo dia, pouco depois de sua volta de Londres, esticara-se ali e dormira profundamente. O sono pesado e sem sonhos da idade avançada pesava sobre ele. De fato, hoje seu sono era ainda mais profundo do que habitualmente, já que, enquanto dormia, a escuridão parecia intensificar-se a sua volta. Se é que sonhava, sonhava que dormia no coração de uma floresta primitiva, isolada da luz do sol, fechada à voz da humanidade, apesar de sonhar, de vez em quando, que ouvia o trinado sonolento de um passarinho sonhador, ou, à medida que o vento balançava os galhos, o risinho suave de um macaco pensativo.

Então, de repente, os galhos se abriram; a luz penetrou — aqui e ali, em fachos deslumbrantes. Macacos tagarelavam, passarinhos levantavam vôo piando e gritando em alarme. Sobressaltado, ficou em pé sobre as quatro patas, completamente desperto. Uma comoção surpreendente acontecia à sua volta. Caíra no sono por entre os pés nus de uma mesinha de centro comum. Agora, estava envolvido por ondas e mais ondas de saias e de calças pesadas. A mesa em si, além do mais, balançava violentamente de um lado para o outro. Ele não sabia para onde correr. O que, por Deus, estaria acontecendo? O que, em nome dos céus, possuíra a mesinha de centro? Ergueu a voz em um longo uivo de interrogação.

Para a pergunta de Flush, nenhuma resposta satisfatória pode ser dada aqui. Alguns fatos, entre os mais triviais, são tudo o que se pode fornecer. Em resumo, portanto, parece que, no início do século XIX, a Condessa de Blessington comprara uma bola de cristal de um mágico. Vossa senhoria "jamais conseguiu entender a função dela"; de fato, nunca fora capaz de ver nada ali além de cristal. Depois de sua morte, no entanto, seus bens foram vendidos, e a bola caiu nas mãos de outros, que "olharam mais profundamente, ou com olhos mais puros", e viram outras coisas na

bola além de cristal. Se Lorde Stanhope foi o comprador, se foi ele quem olhou "com olhos mais puros", a informação não foi fornecida. Mas o certo é que, no ano de 1852, Lorde Stanhope possuía uma bola de cristal e Lorde Stanhope só precisava olhar para ela para ver, entre outras coisas, "os espíritos do sol". Obviamente, esse não era um segredo que um nobre hospitaleiro conseguiria guardar para si, e Lorde Stanhope tinha o hábito de exibir sua bola durante almoços festivos, e de conclamar seus convidados a ver os espíritos do sol também. Havia algo estranhamente delicioso — a não ser, de fato, para o Senhor Chorley — no espetáculo; as bolas viraram uma febre; e por sorte um óptico de Londres descobriu que podia fabricá-las, sem ser egípcio nem mágico, apesar de, naturalmente, o preço do cristal inglês ser alto. Assim, muitas pessoas, no início da década de 1850, tinham em sua posse bolas de cristal, apesar de "muitas pessoas , como disse Lorde Stanhope, usarem as bolas sem a coragem moral de confessá-lo". A prevalência dos espíritos em Londres, portanto, foi tão marcante que chegou a ponto de causar certo alarme; e Lorde Stanley sugeriu a Sir Edward Lytton "que o Governo deveria nomear um comitê de investigação para averiguar os fatos". Se o rumor sobre a possibilidade de um comitê governamental alarmou os espíritos, ou se os espíritos, como corpos, tendem a multiplicar-se quando confinados a espaços fechados, não pode haver dúvida de que começaram a mostrar sinais de inquietação e, debandando em grandes números, tomaram como residência os pés das mesas. Seja qual fosse o motivo, a estratégia obteve sucesso. Bolas de cristal eram caras; quase todo mundo tem uma mesa. Portanto, quando a Senhora Browning voltou para a Itália no inverno de 1852, descobriu que os espíritos haviam-na precedido; as mesas de Florença estavam quase que universalmente infestadas. Desde o envio da delegação dos alquimistas ingleses", escreveu, "as pessoas estão 'servindo às mesas'...em todo lugar. Quando se reúnem ao redor de uma mesa, não é para jogar cartas. Não, era para decifrar mensagens transmitidas pelos pés das mesas. Portanto, quando questionada a respeito da idade de uma criança, a mesa "inteligentemente se expressa batendo os pés, respondendo

de acordo com o alfabeto". E, se uma mesa era capaz de dizer a alguém que seu próprio filho tinha quatro anos, que limites haveriam para sua capacidade? Mesas giratórias eram anunciadas em lojas. As paredes ficavam cobertas de anúncios de maravilhas *scoperte a Livorno*. No ano de 1854, o movimento já se difundira de maneira tão rápida que "quatrocentas mil famílias na América admitiam ter experimentado o gozo do verdadeiro intercurso espiritual". Da Inglaterra, vinham notícias de que Sir Edward Bulwer Lytton importara diversos dos espíritos tagarelas americanos" para Knebworth, com o feliz resultado de que Sir Edward Bulwer Lytton acreditava que era invisível ─ pelo menos foi o que disseram ao pequeno Arthur Russel quando percebeu um "cavalheiro de aparência estranha, com uma camisola puída , encarando-o durante o desjejum.

Quando a Senhora Browning olhou pela primeira vez para a bola de cristal de Lord Stanhope durante um almoço, não viu nada ─ à exceção, talvez, de que era um notável sinal dos tempos. O espírito do sol de fato disse que ela estava prestes a ir para Roma; mas, como ela não estava prestes a ir para Roma, preferiu contradizer os espíritos do sol. "Porém", concluiu, com razão, "amo tudo o que é maravilhoso." Acima de tudo, era ousada. Tinha ido a Manning Street, arriscando a própria vida. Descobrira um mundo que jamais imaginara existir a meia hora de carruagem de Wimpole Street. Por que não haveria de existir um outro mundo a apenas meio caminho de Florença ─ um mundo melhor, um mundo mais bonito, onde os mortos vivem, tentando em vão chegar até nós? De qualquer modo, decidiu se arriscar. E, assim, sentou-se à mesa também. E o Senhor Lytton, o filho brilhante de um pai invisível, compareceu; assim como o Senhor Frederick Tennyson, o Senhor Powers e o Senhor Viliari ─ todos se sentaram em volta da mesa e então, quando a mesa acabara de chutar, acomodaram-se para tomar chá e comer morangos com nata, com Florença dissolvendo-se no purpúreo das montanhas, com as estrelas observando", conversaram e conversaram: "...quantas histórias contávamos, e quantos milagres jurávamos ter presenciado! Ah, somos crentes aqui, Isa, a não ser por Robert..." Então, o Senhor Kirkup, que era

surdo, entrou de supetão, com sua barba branca e rala. Deslocara-se até lá simplesmente para exclamar: "Existe um mundo espiritual ─ existe um estado futuro. Confesso. Estou convencido, afinal . E quando o Senhor Kirkup, cujo credo sempre havia sido "aquele que vem depois do ateísmo", converteu-se meramente porque, apesar de ser surdo, ouvira "três batidas tão altas que o fizeram pular na cadeira", como é que a Senhora Browning poderia manter-se alheia ao assunto? Tu sabes que tenho tendência visionária e inclinação a sair batendo em todas as portas do presente mundo para tentar sair dele , escreveu. Assim, reuniu os crentes na Casa Guidi; e lá se acomodaram com as mãos sobre a mesinha de centro da sala de estar, tentando sair.

Flush sobressaltou-se, cheio de apreensão. As saias e as calças se aglomeravam à sua volta, a mesinha apoiava-se em um pé. Mas, seja lá o que as damas e os cavalheiros em volta da mesa fossem capazes de ouvir e de ver, Flush não era capaz de ouvir nem de ver nada. É verdade, a mesa apoiava-se apenas em um pé, mas é isso que acontece com as mesas quando alguém se apóia com força em um dos lados. Ele próprio havia virado mesas ─ e recebera broncas por isso. Mas agora lá estava a Senhora Browning, com seus maravilhosos olhos arregalados, olhando para frente como se estivesse enxergando algo admirável do lado de fora. Flush correu até a sacada e olhou em volta. Será que havia outro grão-duque desfilando com faixas e archotes? Flush não via nada além de uma velha mendiga agachada sobre sua cesta de melões na esquina. E, no entanto, estava claro que a Senhora Browning enxergava alguma coisa; estava claro que ela enxergava algo muito maravilhoso. Portanto, nos idos tempos de Wimpole Street, certa vez ela chorara sem nenhuma razão que ele pudesse enxergar; e outra vez rira, segurando um papel manchado. Mas isto era diferente. Agora, havia algo em seu olhar que o assustava. Havia algo na sala, ou na mesa, ou nas combinações e nas calças, de que ele desgostava muitíssimo.

À medida que as semanas passavam, essa preocupação da Senhora Browning com o que era invisível cresceu. Podia ser um lindo dia quente, mas, em vez de assistir aos lagartos escorregando

para dentro e para fora das pedras, ela se sentava à mesa; podia ser uma noite escura e estrelada, mas, em vez de ler seu livro ou passar sua mão sobre o papel, ela chamava Wilson, se o Senhor Browning estivesse fora, e Wilson viria, bocejando. Então, as duas iriam se sentar à mesa, juntas, até que aquele artigo de mobília, cuja principal função era fornecer sombra, pulasse sobre o chão, e a Senhora Browning exclamasse que a mesa estava dizendo a Wilson que ela logo ficaria doente. Wilson respondia que estava apenas com sono. Mas logo a própria Wilson, a implacável, a empertigada, a britânica, gritava e desfalecia, e a Senhora Browning saía correndo para lá e para cá, à procura do "vinagre higiênico". Aquele, para Flush, era um modo bastante desagradável de passar uma noite tranquila. Seria muito melhor se ela ficasse quieta, lendo um livro.

Indubitavelmente o suspense, o odor intangível mas desagradável, os gritos, as batidas da mesa no chão e o vinagre afetavam os nervos de Flush. Tudo bem que o bebê, Penini, orasse para "que o pêlo de Flush cresça"; aquela era uma aspiração que Flush conseguia entender. Mas essa espécie de oração, que exigia a presença de homens que cheiravam mal e tinham aparência puída, e as cambalhotas de um pedaço de mogno aparentemente sólido enfureciam— no tanto quanto enfureciam aquele homem robusto, sensato e bem-vestido que era seu dono. Mas para Flush, muito pior do que qualquer cheiro, muito pior do que qualquer cambalhota era a expressão no rosto da Senhora Browning quando olhava para fora da janela como se estivesse vendo alguma coisa maravilhosa quando, na verdade, não havia nada. O próprio Flush ficava parado na frente dela. Ela olhava através dele, como se não estivesse lá. Aquele era o pior olhar que ela jamais dirigira a ele. Era pior do que sua raiva fria quando ele mordera a perna do Senhor Browning; pior do que sua risada sarcástica quando a porta fechara-se sobre sua pata em Regent's Park. De fato, havia momentos em que sentia saudade das mesas de Wimpole Street. As mesas do número 50 nunca se equilibraram em um pé só. A mesinha que tinha um anel em volta, que aparava os preciosos enfeites de sua dona, sempre permanecera absolutamente imóvel. Naquele tempo

longínquo, tudo que ele precisava fazer era pular para cima do sofá para que a Senhorita Barrett despertasse completamente e olhasse para ele. Agora, mais uma vez, ele pulava para cima do sofá. Mas ela não notou. Ela escrevia. Não prestava mais atenção nele. Continuou a escrever — "também, a pedido do médium, as mãos espirituais pegaram uma guirlanda que estava sobre a mesa e colocaram-na sobre a minha cabeça. A mão que fez isso, em particular, era do maior tamanho humano, tão branca quanto a neve, e muito bonita. Estava tão próxima de mim quanto esta mão que uso para escrever, e a vi de maneira tão distinta quanto vejo esta". Flush cutucou-a com a pata. Ela olhou através dele, como se ele fosse invisível. Flush pulou do sofá e disparou escada abaixo, até a rua.

Era uma tarde extremamente quente. A velha mendiga na esquina caíra no sono em cima dos seus melões. O sol parecia vadiar no céu. Mantendo-se do lado sombreado da rua, Flush percorreu com desenvoltura o caminho bem conhecido até a praça do mercado. A praça toda brilhava com toldos, barracas e guarda-sóis coloridos. As vendedoras sentavam-se ao lado de suas cestas de frutas; pombos esvoaçavam, sinos repicavam, chicotes estalavam. Os vira-latas multicoloridos de Florença corriam para cá e para lá, cheirando e cutucando as coisas com as patas. Tudo estava tão animado quanto um enxame de abelhas e tão quente quanto um forno. Flush buscava sombra. Deixou-se cair ao lado de sua amiga Catterina, sob a sombra de sua enorme cesta. Um vaso marrom de flores vermelhas e amarelas fazia sombra ao lado dela. Sobre elas, uma estátua, com o braço direito erguido, aprofundava a sombra em tons de violeta. Flush ficou lá deitado no fresco, assistindo aos cães jovens ocupados com seus próprios assuntos. Rosnavam e mordiam, esticavam-se e rolavam, com o abandono da alegria juvenil.

Corriam um atrás do outro, para dentro e para fora, de um lado para o outro, da mesma maneira que ele outrora perseguira a spaniel malhada no beco. Seus pensamentos voltaram-se para Reading por um instante — para a spaniel do Senhor Patridge, seu primeiro amor, para os êxtases, as inocências da juventude. Bom,

ele aproveitara seu tempo. E não invejava a alegria dos jovens. Descobrira que o mundo era um lugar agradável para se viver. Não tinha desavenças com ele agora. A vendedora fez um afago atrás de sua orelha. Com frequência, ela batera nele por roubar uma uva ou por alguma outra contravenção, mas agora ele estava velho, e ela estava velha. Ele cuidava dos melões dela, e ela afagava suas orelhas. Assim, ela tricotava, e ele cochilava. As moscas zumbiam em volta dos maravilhosos melões vermelhos que tinham sido abertos para exibir sua polpa.

O sol queimava deliciosamente através das folhas de lírio e através do guarda-sol verde e branco. A estátua de mármore amenizava o calor com um frescor de champanha. Flush ficava lá deitado, deixando que o sol queimasse sua pele nua através dos pêlos. E quando já estava queimado de um lado, virava-se e deixava que o sol dourasse o outro. Durante todo aquele tempo, as pessoas do mercado tagarelavam e barganhavam; as mulheres do mercado passavam, paravam para apalpar e escolher verduras e frutas. Havia um ruído perpétuo e um murmúrio de vozes humanas tais como Flush adorava escutar. Depois de um certo período, adormeceu sob a sombra dos lírios. Dormiu como dormem os cães quando sonham. Agora, suas pernas pinicavam ─ será que sonhava estar caçando coelhos na Espanha? Estaria ele correndo pela encosta quente de uma montanha com homens morenos gritando "Span! Span!" enquanto os coelhos saíam em disparada dos arbustos? Então ficou imóvel mais uma vez. Agora gania, rapidamente, suavemente, várias vezes em sucessão. Talvez tivesse ouvido o Doutor Mitford agrupando seus galgos para sair à caça em Reading. Então, sua cauda abanava timidamente. Será que escutara a velha Senhorita Mitford gritar "Cachorro malvado! Cachorro malvado!" à medida que ele voltava de cabeça baixa para perto dela, no lugar em que ela esperava por ele entre os nabos, com o guarda-chuva na mão? E então, durante um tempo, roncava, envolvido pelo sono profundo da idade avançada e feliz. De repente, cada músculo de seu corpo contraiu-se. Acordou com um violento supetão. Onde achava que estava? Em Whitechapel, entre os bandidos? Estaria uma faca mais uma vez em sua garganta?

O que quer que fosse, acordou de seu sonho em estado de terror. Saiu em disparada, como se estivesse correndo para a segurança, como se estivesse procurando refúgio. As mulheres do mercado riram, jogaram uvas podres em sua direção e o chamaram de volta. Não lhes deu atenção. Carroças quase o esmagaram enquanto disparava pelas ruas — os homens, em pé para dirigir o veículo, xingavam-no e batiam nele com seu chicote. Seminuas, crianças jogavam pedrinhas e gritavam Matta! Matta! quando ele passava em disparada. Suas mães corriam até a porta e levavam-nas para dentro, assustadas. Será que ele ficara louco? Será que o sol afetara seu cérebro? Ou será que, mais uma vez, ouvira a trompa de caça da Vênus? Ou será que um dos espíritos americanos tagarelas, um dos espíritos que moram nos pés das mesas, apoderara-se dele, finalmente? Fosse o que fosse, percorreu sem pausas uma rua e outra até chegar à porta da Casa Guidi. Subiu diretamente as escadas e foi logo para a sala de estar.

A Senhora Browning estava deitada, lendo, no sofá. Tirou os olhos do livro, assustada, quando ele entrou. Não, não era um espírito ─ era apenas Flush. Ela riu. Então, quando ele pulou no sofá e aproximou seu rosto do dela, as palavras de seu próprio poema vieram à sua mente:

YOU see this dog. It was but yesterday
I mused, forgetful of his presence here,
Till thoughts on thoughts drew downward tear on tear;
When from the pillow, where wet-cheeked I lay,
A head, as hairy as Faunus, thrust his way
Right sudden against my face; two golden-clear
Large eyes astonished mine; a drooping ear
Did flap me on either cheek, to dry the spray!
I started first, as some Arcadian,
Amazed by goatly god in twilight grove.
But as my bearded vision closelier ran
My tears off, I knew Flush, and rose above
Surprise and sadness; thanking the true Pan,
*Who, by low creatures, leads to heights of love.**

* Veja este cão. Foi apenas ontem
eu meditava esquecida de sua presença aqui
Até que um pensamento sobre o outro fez cair uma lágrima sobre a outra
Quando do travesseiro, onde eu repousava com as bochechas tímidas,
Uma cabeça tão peluda quanto a de um Fauno abriu seu caminho
direta e repentinamente até o meu rosto; dois grandes olhos em ouro claro maravilharam os meus —, uma orelha pendente
bateu em cada uma de minhas bochechas para secar as lágrimas!
Primeiro, assustei-me, como um Arcadiano,
Assombrado pelo deus caprino no bosque ao crepúsculo;
Mas, à medida que a presença barbada chegava mais perto
Minhas lágrimas secas,
eu reconheci Flush, e levantei-me acima da
surpresa e da tristeza; agradecendo ao verdadeiro Pã,
que, por meio de pequenas criaturas, conduz às alturas do amor. (N. do T.)

Ela escrevera aquele poema um dia, anos atrás, em Wimpole Street, quando estava muito triste. Agora estava feliz. Estava ficando velha agora, assim como Flush. Debruçou-se sobre ele por um instante, O rosto dela, com a boca aberta, os olhos grandes e os cachos pesados, ainda assemelhava-se, estranhamente, ao dele. Completamente separados, entretanto feitos a partir do mesmo molde, cada um deles completava, talvez, o que era latente no outro. Mas ela era uma mulher; ele, um cão. A Senhora Browning continuou a ler. Então olhou para Flush mais uma vez. Mas ele não olhou para ela. Uma mudança extraordinária abatera-se sobre ele. "Flush!", gritou. Mas ele estava em silêncio. Ele estivera vivo; agora estava morto.

E foi tudo. A mesinha de centro da sala de estar, de um modo muito estranho, permaneceu absolutamente imóvel.

Fim

NOTAS DO AUTOR



1. A Senhorita Barrett diz: "Mandei que colocassem uma persiana transparente na minha janela aberta". E continua: "Papai insulta-me comparando-a com a janela dos fundos de uma doçaria, mas, não obstante, certamente fica comovido quando raios de sol iluminam o castelo". Algumas fontes sustentam que o castelo etc. eram pintados sobre uma substância metálica bem fina; outras, que era uma persiana de musselina ricamente bordada. Parece não haver maneira de chegar a um consenso a respeito desse assunto.

2. Senhor Kenyon assobiava um pouco quando falava porque havia perdido os dois dentes da frente. Aqui, há elementos de exagero e conjectura. A fonte é a Senhorita Mitford, que teria dito o seguinte, durante uma conversa com Senhor Horne: "Nossa cara amiga, como tu bem sabes, nunca vê ninguém além dos membros da própria família e mais uma ou duas pessoas. Ela tem em alta conta a habilidade de leitura, assim como o gosto refinado do Senhor, e consegue fazer com que ele leia seus novos poemas em voz alta para ela. (...) Dessa maneira, o Senhor posta-se sobre o tapete da lareira e ergue as folhas escritas; e sua voz é toda atenção enquanto nossa amiga permanece deitada, envolta em um xale indiano sobre seu sofá, com suas longas madeixas negras

emoldurando a cabeça inclinada. É preciso dizer que o caro Senhor perdeu um dente da frente ─ não exatamente frontal, um frontal-lateral ─ e isso, perceba, causa um defeito, faz com que ele assobie enquanto fala... é uma característica quase imperceptível e adorável, as sílabas misturam-se levemente, de maneira que silêncio e silêncio soariam como a mesma palavra..." Resta pouca dúvida de que o Senhor _ era o Senhor Kenyon; o espaço em branco fazia-se necessário devido à delicadeza peculiar dos vitorianos ao tratar de assuntos que dissessem respeito a dentes. No entanto, questões mais relevantes, que afetam a literatura inglesa, precisam ser levadas em conta. Durante muito tempo, acusou-se a Senhorita Barrett de ter problemas auditivos. A Senhorita Mitford defende que o melhor era acusar o Senhor Kenyon de problemas dentários. Por outro lado, a própria Senhorita Barrett dizia que suas rimas não tinham relação nenhuma com a falta de dentes dele ou com a sua falta de audição. Ela escreveu: "Despendi uma boa dose de atenção para construir minhas rimas ─ muito mais do que seria necessário para rimar com exatidão ─ e determinei-me a arriscar, a sangue-frio, algumas experiências". Por conseguinte, ela rimava "angels" (anjos) com "candles" (velas), "heaven" (céu) com "unbelieving" (descrente) e "islands" (ilhas) com silence (silencio) ─ a sangue-frio. Claro que o veredicto final fica a cargo dos estudiosos; mas qualquer pessoa que tenha pesquisado a respeito do caráter e dos atos da Senhora Browning estará propensa a admitir que ela rompia regras de caso pensado, fossem elas artísticas ou amorosas, de maneira a acusá-la de certa cumplicidade no desenvolvimento da poesia moderna.

3. Luvas amarelas: Life of Browning (A Vida de Browning), da Senhora Orr, registra que ele usava luvas cor de limão. A Senhora Bridell-Fox, que o conheceu em 1835-36, diz: "Naquela época, ele era magro e moreno, e muito bonito, e tinha ─ se me permite mencionar ─ um certo ar dândi, afeito a vestir luvas de pelica cor de limão e coisas assim

4. Na verdade, Flush foi roubado três vezes; mas, em nome da unidade, as três ocasiões foram condensadas em uma só. A soma total paga aos ladrões de cães foi vinte libras.

5. ...os rostos e/aqueles homens voltariam à sua mente em uma sacada ensolarada na Itália. Os leitores da obra Aurora Leigh entenderiam a alusão, mas, como ninguém a leu, é preciso explicar que a Senhora Browning escreveu um poema com esse nome. Uma das passagens mais fortes deste texto é a descrição de um cortiço londrino (claro que há a distorção natural de uma artista que apenas viu o local uma vez, a bordo de uma carruagem, com Wilson puxando sua saia). É evidente que a senhora Browning possuía um fundo de curiosidade em relação à vida humana que de maneira nenhuma satisfazia-se apenas com os bustos de Homero e de Chaucer que adornavam o lavatório de seu quarto.

6. Lily Wilson apaixonara-se pelo Signor Righi, o sentinela. A vida de Lily Wilson é extremamente obscura e, portanto, clama pelos serviços de um biógrafo. Tirando os personagens principais, nenhuma outra figura humana presente nas cartas dos Browning tem efeito tão aguçador e desconcertante sobre nossa curiosidade. Seu primeiro nome era Lily, seu sobrenome, Wilson. É tudo o que se sabe a respeito de seu nascimento e de sua criação. É impossível dizer se ela era filha de um sitiante nas cercanias de Hope End, e que se fez notar pela cozinheira dos Barrett devido à decência de seus modos ou à limpeza de seu avental, quando foi até a casa levando algum recado e, nessa ocasião, foi notada pela senhora Barrett, que a tomou em tão alta conta que foi capaz de contratá-la como criada pessoal da Senhorita Elizabeth, ou se ela era oriunda da classe operária londrina, ou se era escocesa. De qualquer modo, servia a senhorita Barrett no ano de 1846. Era uma "criada cara" ─ seu salário era de dezesseis libras por ano. Como falava tão raramente quanto Flush, os traços de sua personalidade são pouco conhecidos; e como a Senhorita Barrett nunca escreveu um poema a seu respeito, sua aparição é bem menos natural do que a dele. No entanto, indicações em cartas deixam claro que ela era uma daquelas criadas britânicas comportadas e quase inumanamente corretas que, naquele tempo, eram a glória da criadagem britânica. Claro que Wilson era adepta de regras e de cerimônias. Sem dúvida, era defensora ferrenha da separação dos criados em espécies de castas; Wilson seria a primeira a apontar

que subserventes deveriam fazer suas refeições em um aposento, ao passo que os serventes mais elevados comeriam em outro. Tudo isso está implícito no comentário que ela fez quando deu um tapa em Flush: "Porque é o correto". Tal respeito às convenções, nem é preciso mencionar, carrega junto consigo um horror extremo ao rompimento de regras; de modo que, quando Wilson foi obrigada a encarar a organização desprezível de Manning Street, ficou muito mais horrorizada, e ainda mais certa de que os ladrões de cães eram assassino do que a Senhorita Barrett. Ao mesmo tempo, a maneira heróica como ela superou seu terror e entrou no táxi com a Senhorita Barrett demonstra o quão enraizada nela estava a convenção da lealdade à sua senhora. Aonde a Senhorita Barrett ia, Wilson deveria ir também. Tal princípio foi demonstrado de maneira triunfal pelo modo como Wilson se portou por ocasião do casamento secreto. A Senhorita Barrett questionara a coragem de Wilson; mas suas dúvidas eram infundadas. Nas últimas palavras que escreveu ao Senhor Browning como Senhorita Barrett, registrou: Wilson tem sido perfeita para mim. E eu... classificando-a como 'tímida', e temerosa de sua timidez! Começo a pensar que ninguém é tão audaz quanto os tímidos, se forem razoavelmente incentivados". É preciso abrir um parêntese aqui para conjecturar a respeito da precariedade da vida de uma servente. Se Wilson não houvesse partido com a senhorita Barrett, teria sido "jogada na rua antes do pôr-do-sol", apenas com alguns xelins no bolso, presumivelmente economizados de seu salário de dezesseis libras por ano, e a Senhorita Barrett sabia bem disso. E então, qual teria sido seu destino? Já que a ficção inglesa da década de 1840 raramente trata da vida das serventes das moças de alta classe, e os trabalhos biográficos daquela época não se prestam a descer tão baixo, a pergunta deve continuar sem resposta. Mas Wilson resolveu arriscar-se. Declarou que "iria a qualquer lugar" com a senhorita Barrett. Abandonou os aposentos da criadagem, o quarto dos fundos, tudo o que existia no mundo de Wimpole Street ─ que, para Wilson, traduzia-se em toda a civilização, todos os pensamentos corretos e toda a vida decente ─ em nome da libertinagem e da falta de religião de um país estrangeiro. Nada é mais curioso do que

observar o conflito ocorrido na Itália entre a educação inglesa de Wilson e suas paixões naturais. Ela fazia troça das leis italianas, ficava chocada com os quadros italianos. Mas, apesar de ter ficado estarrecida com a indecência da Venus Wilson, muito a seu favor, parece ter lembrado a si mesma de que as mulheres ficam nuas quando tiram as roupas. Ela deve ter pensado algo como: "Até eu mesma fico nua durante dois ou três segundos por dia". E, por isso, "considera a possibilidade de fazer mais uma tentativa, e talvez suas preocupações em relação à modéstia sejam vencidas, quem sabe?" Que foram vencidas rapidamente fica bem claro. Logo, não só ela simplesmente começou a gostar da ideia de estar na Itália, como também se apaixonou pelo Signor Righi, da guarda pessoal do Grão-Duque ─ "formada apenas por homens da mais alta respeitabilidade moral, alguns com 1 ,80m de altura" ─, passou a usar uma aliança de noivado, dispensou um pretendente londrino e começou a aprender a falar italiano. Então as nuvens baixam mais uma vez e, quando levantam, revelam que Wilson fora abandonada ─ "o desleal Righi voltou atrás em relação à proposta de noivado a Wilson". Suspeita-se que o motivo da desistência esteja ligado ao irmão dele, um atacadista de roupas masculinas em Prato. Quando Righi desligou-se da guarda pessoal do duque, tornou-se, seguindo os conselhos do irmão, varejista de roupas masculinas. Se sua posição exigia uma esposa com conhecimentos na área das vestimentas masculinas, ou se uma das moças de Prato podia suprir essa necessidade, a verdade é que ele não chegou a escrever a Wilson com a frequência desejada. Mas qual teria sido a conduta deste homem da mais alta respeitabilidade moral que fizera a Senhora Browning exclamar, em 1850, "[Wilson] superou-o completamente, o que atesta seu bom-senso e retidão de caráter. Como poderia continuar amando tal homem?" ─ é impossível dizer por que Righi fora rebaixado a tal homem em um período tão curto de tempo. Abandonada por Righi, Wilson ficou cada vez mais apegada à família Browning. Ela não apenas cumpria as funções de criada pessoal de sua patroa como também preparava tortas, costurava vestidos e transformou-se em babá dedicada do filho do casal, Penini, até chegar o tempo de a própria criança elevá-la à

condição de membro da família, negando-se a chamá-la por outro nome que não fosse Lily. Em 1855, Wilson casou-se com Romagnoli, o criado pessoal do Senhor Browning, um homem bom, de coração terno"; durante algum tempo, os dois cuidaram da residência dos Browning. Mas, em 1859, Robert Browning "aceitou a incumbência de ser tutor de Landor*", uma tarefa que exigia enorme delicadeza e responsabilidade, já que os hábitos de Landor eram bastante difíceis. A Senhora Browning escreveu: Ele não tinha nem um pingo de moderação, mas, de desconfiança, tinha vários pingos". Sob essas circunstâncias, Wilson foi designada para ser "sua duenna", com um salário de22 libras por ano alem do que sobrasse da ração do senhor. Mais tarde, seu salário foi aumentado para 30 libras, já que ser duenna de "um leão velho" que tem "o ímpeto de um tigre", joga seu prato pela janela ou faz com que se espatife no chão quando não gosta do jantar, e suspeita que os criados bisbilhotem gavetas, acarreta, como a Senhora Browning observou, "certos riscos que eu, pessoalmente, não gostaria de correr". Mas, para Wilson, que conhecera o Senhor Barrett e o efeito da bebida, alguns pratos voando pela janela ou espatifando-se no chão eram acontecimentos de pouca relevância ─ tais riscos faziam parte do cotidiano de trabalho.

Aquele dia, até o ponto em que nos é possível perceber, foi bem estranho. Tenha ele começado ou não em um vilarejo inglês remoto, a verdade é que acabou em Veneza, no Palazzo Rezzonico. Pelo menos foi lá que ela viveu até 1897, viúva, na casa do garotinho de quem cuidara e amara ─ o Senhor Barrett Browning. Sentada na frente do pôr— do-sol vermelho veneziano, a mulher já velha deve ter ficado imaginando que aquele, de fato, fora um dia bem estranho. Suas amigas, casadas com fazendeiros, continuavam tropeçando nos campos arados ingleses para ir buscar uma caneca de cerveja. E ela fugira com a Senhorita Barrett para a Itália; presenciara todos os tipos de acontecimentos curiosos — revoluções, guardas, bêbados; o Senhor Landor atirando o prato pela janela. E, então, a Senhora Browning morrera ─ sentada na varanda do Palazzo Rezzonico, Wilson não conseguia tirar da mente aquele anoitecer. Mas nada pode ser mais fútil do que

fingirmos ser capazes de deduzir quais eram tais pensamentos, por ela ser uma representante típica do grande exército de sua classe ─ as criadas pessoais da história, inescrutáveis, absolutamente silenciosas, absolutamente invisíveis. "Um coração mais honesto, mais verdadeiro e mais afetuoso do que o de Wilson não pode ser encontrado" ─ as palavras de sua patroa lhe servem como epitáfio.

7. ficava infestado de pulgas. Parece que a Itália era famosa por suas pulgas em meados do século XIX. De fato, serviam para romper convenções que, de outra maneira, seriam intransponíveis. Por exemplo, quando Nathaniel Hawthorne foi tomar chá com a Senhorita Bremer em Roma (1858), "conversamos a respeito de pulgas ─ insetos que, em Roma, parecem encontrar abrigo nos assuntos e nas roupas de todo mundo e são tão comuns e inevitáveis que não é nenhuma falta de delicadeza mencionar o sofrimento que causam. Um desses animaizinhos atormentava a pobre Senhorita Bremer enquanto ela servia o chá..."

8. "Nero pulara de uma janela do andar superior". Nero (que viveu entre 1849-60) era, de acordo com Carlyle, "um pequeno emaranhado de pêlos (seria um maltês? Talvez um vira-lata), quase todo branco ─ um cãozinho muito afetuoso e vivaz, mas sem nenhum outro atributo além desses, sem contar que não era adestrado". Há um extenso material a respeito de sua vida, mas esta não é a ocasião para usá-lo. Basta dizer que o cão foi roubado; que fez Carlyle gastar uma quantia suficiente para comprar um cavalo; que "por uma ou duas vezes joguei-o no mar [em Aberdour], e ele não gostou nem um pouco"; que em 1850 ele pulou pela janela da biblioteca e, desviando das pontas de ferro do local de sua queda, estatelou-se no calçamento. "Foi logo depois do desjejum", diz a Senhora Carlyle. "Ele se postara ao lado da janela aberta, observando passarinhos... Deitada em minha cama, ouvi, através da divisória, Elizabeth gritar: 'Ah, meu Deus! Ah, Nero!', e correr escada abaixo como um pé de vento, atravessando a porta da rua... Eu, de um salto, juntei-me a ela em meus trajes de dormir.., O Senhor C. saiu de seu quarto com o queixo cheio de espuma e perguntou: 'Aconteceu alguma coisa com Nero?' ─ Ah, meu senhor, acho que ele quebrou todas as patas, ele pulou da sua janela!' ─

'Deus me abençoe!', disse o Senhor C., e voltou para terminar de fazer a barba." No entanto, nenhum osso se quebrou, e ele sobreviveu, apenas para ser atropelado pela carroça de um açougueiro e morrer, finalmente, por consequência do acidente, no dia 10 de fevereiro de 1860. Ele está enterrado no local mais alto do jardim de Cheyne Row, sob uma pequena plaquinha de pedra.

Se seu desejo era matar-se ou se, como a Senhora Carlyle insinua, estivesse apenas pulando atrás de um pássaro, a discussão pode dar material para um tratado extremamente interessante a respeito de psicologia canina. Alguns sustentam que o cão de Byron ficou louco em solidariedade a Byron; outros dizem que Nero foi levado a uma melancolia profunda por sua associação ao Senhor Carlyle. Todos os aspectos da questão relativa aos cães, no que diz respeito ao espírito da era em que vivem — se é que é possível chamar um cão de elizabetano, ou de augustino, ou de vitoriano —, aliados à influência que sofrem por causa da orientação poética e filosófica de seus donos, merece uma discussão mais profunda do que podemos expor aqui. Por hora, os motivos de Nero continuarão obscuros.

9. Sir Edward Bulwer Lytton acreditava que era invisível. A senhora Huth Jackson, em A Victorian Childhood (Uma infância vitoriana), diz: "Lord Arthur Russel contou-me, muitos anos depois, que, quando era pequeno, fora levado a Knebworth por sua mãe. Na manhã seguinte, estava no grande salão fazendo seu desjejum quando um senhor de aparência estranha, usando um robe puído, entrou no cômodo e caminhou em volta da mesa vagarosamente, encarando cada um dos hóspedes por vez. Ele ouviu o vizinho de mesa de sua mãe cochichar para ela: 'Não preste atenção, ele acha que é invisível'. Era o próprio Lorde Lytton" (p. 17-18).

10. Agora estava morto. É certo que Flush morreu, mas a data e o modo como ocorreu sua morte são desconhecidos. A única referência existente consiste na afirmação: "Flush viveu até idade avançada e está enterrado no cemitério da Casa Guidi". A Senhora Browning foi enterrada no cemitério inglês de Florença; Robert Browning, na abadia de Westminster. Flush repousa, portanto, sob a casa em que, há muito tempo, os Browning viveram.


PDL
Projeto Democratização da Leitura
www.portaldetomando.com.br


epub
2014